

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**KARINE DE OLIVEIRA FREITAS**

**FORMAÇÕES DISCURSIVAS MIDIATIZADAS DO CASO “MARIELLE FRANCO”**

**São Borja**

**2018**

**KARINE DE OLIVEIRA FREITAS**

**FORMAÇÕES DISCURSIVAS MEDIATIZADAS DO CASO “MARIELLE FRANCO”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pampa – Unipampa.

Orientador: Prof. Dr. Geder Parzianello.

**São Borja**

**2018**

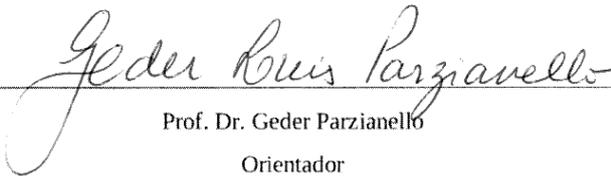
**KARINE DE OLIVEIRA FREITAS**

**FORMAÇÕES DISCURSIVAS MEDIATEZADAS DO CASO "MARIELLE FRANCO"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 07/12/19

Banca examinadora:



Prof. Dr. Geder Parzianello

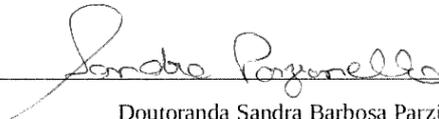
Orientador

UNIPAMPA



Profª. Mestra Keli Krause

UNIPAMPA



Doutoranda Sandra Barbosa Parzianello

UFPel (convidada)

Dedico este trabalho a minha família. As minhas duas mães (de coração e sangue) que estiveram sempre ao meu lado, aos meus irmãos pelo carinho, e, principalmente ao meu Pai Valdir Rodrigues de Freitas que não mediu esforços para garantir que eu cursasse o ensino superior com qualidade.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de aproveitar este espaço para agradecer primeiramente a Deus por sempre me iluminar e guiar meus passos para o melhor caminho, e, principalmente, por não me deixar desistir dos meus sonhos e o meu amor pelo jornalismo mesmo nos momentos mais difíceis do período de graduação.

Quero agradecer especialmente ao professor Geder Parzianello pela orientação, todos os ensinamentos, atenção, paciência, amizade, companheirismo e ajuda na realização deste trabalho. Obrigada por ter confiado em mim desde o início da faculdade. O senhor contribuiu muito em minha formação tanto profissional quanto pessoal. Agradeço todos os conselhos, e também, por sempre ter me mostrado que eu consigo ser melhor do que penso, basta acreditar e fazer. Aproveito para lhe dizer que eu não poderia ter escolhido orientador melhor para dividir esta fase da minha vida, o senhor foi essencial neste processo de construção acadêmica. Muito obrigada por todo o empenho que o senhor dedicou a mim e ao meu trabalho e pela convivência neste período, com certeza sentirei saudades das trocas de e-mails (inclusive nos finais de semana), dos dias de orientações e de nossas aulas. Todas estas etapas contribuíram para que eu chegasse até aqui, final de graduação.

Cursar o ensino superior sempre foi um sonho, um desejo alimentado desde a infância por mim, pelos meus pais e familiares. No entanto, sair do interior com 17 anos de idade para uma cidade de aproximadamente 450 km de distância não é uma tarefa tão fácil. Aprendemos a lidar com a saudade, e, conseqüentemente com a nova fase que se inicia e junto dela a vida adulta, a vida de universitário e futuro profissional. Sinto-me completamente realizada em poder afirmar neste momento, último trabalho de graduação, que sim, eu aprendi muito nesses quatro anos. Entrei uma garotinha cheia de sonhos e medos e hoje me sinto outra pessoa, mais madura e ciente dos meus objetivos e ainda com muitos sonhos a serem realizadas.

Não poderia deixar de agradecer igualmente aos meus pais pelo apoio, minhas duas mães, dona Iracema Terezinha Freitas e dona Seleni Rodrigues, vocês são exemplos de mulheres para mim, batalhadoras, amorosas e com um coração imenso difícil de explicar. Eu as amo muito, de todo o meu coração, obrigada por todo o carinho que sempre tiveram comigo, todos os ensinamentos, conselhos e broncas, tudo isso me fez crescer. O apoio de vocês foi imprescindível e eu não seria nada sem. Obrigada por nunca terem me deixado

sentir só e por virem no primeiro ano de faculdade ficar ao meu lado até eu acostumar nesta cidade distante e que hoje tanto gosto.

E, fundamentalmente, eu gostaria de agradecer e dedicar especialmente este trabalho ao meu pai, Valdir Rodrigues de Freitas, que não poderá ter a chance de me ver formada aqui na terra, mas, com certeza, estará me aplaudindo do céu. Pai, sem o senhor a realização deste sonho não seria possível, obrigada por ter me apoiado sempre, por ter te doado por inteiro aos seus filhos, por nunca ter deixado nos faltar nada e por ter nos dado tanto amor. O senhor é um exemplo que quero seguir, a pessoa com o coração mais puro e generoso que já tive a oportunidade de conhecer, me considero sortuda por ter te tido como pai. O senhor abdicou de muitas coisas em nome de seus filhos, sempre batalhou para nos dar o melhor, e conseguiu o senhor educou muito bem os seus filhos, com muito amor e ensinou tudo que precisávamos saber para encarar a vida neste mundo. Eu te amo muito e se eu tivesse a chance de um desejo, eu traria o senhor de volta para estar ao nosso lado neste momento tão importante. Obrigada também por ter me ensinado a ser forte, eu consegui. Mesmo sofrendo a sua ausência, eu concluí a faculdade sabendo que não o veria no final, mas eu fiz pela certeza que o senhor estará sempre ao meu lado mesmo que não fisicamente.

Agradeço também a minha tia Maria Helena Rodrigues de Freitas que com muito carinho também esteve ao meu lado durante esses quatro anos de graduação, principalmente no primeiro, que veio ficar comigo durante um período quando minhas duas mães não podiam. É muito especial tia. Também deixo o meu muito obrigada para a minha tia Eleni que sempre me incentivou a estudar e lutar pelos meus sonhos.

Agradeço aos meus irmãos, pelo apoio, companheirismo e amizade de sempre, Kelen, Flávia, Gean e Geovane, eu os amo muito. Obrigada também aos meus primos mais velhos pela assistência, Carlos Alberto Freitas e Flávio Freitas, vocês são como pais para mim.

A graduação é a primeira etapa muitas de conquistas que estão por vir e que eu irei batalhar para adquirir futuramente pós-formada.

Obrigada a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização deste sonho e por terem acreditado em mim. Estendo os agradecimentos aos meus professores do curso de jornalismo que me ensinaram tantas coisas e a ver o mundo com outros olhos através da perspectiva de comunicação. Obrigada, todos foram muito importantes nesta caminhada.

Não poderia deixar de agradecer também aos meus professores do ensino fundamental e médio por todos os estímulos e ensinamentos. Agradeço, do mesmo modo, aos meus amigos e colegas de graduação que estiveram presentes ao meu lado durante essa trajetória acadêmica. Desejo muito sucesso para todos.

Agradeço a Universidade Federal do Pampa e a cidade de São Borja pela acolhida durante esses quatro anos de graduação. Tenho certeza que levarei muitas coisas boas daqui, amizades e muito conhecimento.

“O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito, diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2007, p.32).

## **RESUMO**

O presente trabalho se propõe a realizar uma análise a partir dos preceitos metodológicos teóricos da Comunicação, Jornalismo e Análise do Discurso referente às formações discursivas midiáticas do caso da vereadora do PSOL assassinada na cidade do Rio de

Janeiro, Marielle Franco. A pesquisa evidencia que o assassinato de Marielle Franco obteve um maior e mais expressivo destaque na mídia brasileira do que outros exemplos de assassinatos que acontecem constantemente na cidade, e, que esteve no respectivo período da fatalidade em processo de intervenção militar. Deste modo, o trabalho de conclusão de curso se amparou em análises dos discursos midiáticos dos meios de comunicação e mídias sociais que repercutiram o caso. A hipótese de pesquisa compreendeu que a razão da elevada repercussão na mídia se deve às questões políticas e ideológicas dos meios de comunicação e, que, igualmente, agem em conformidade com os seus próprios interesses. A amostra empírica do trabalho constatou que houve uma polaridade discursiva no referido caso por ideais políticos de direita e esquerda, e da mesma maneira, militantes e radicais. O trabalho, neste sentido, busca revelar quais são as principais marcas discursivas que caracterizam o caso Marielle Franco no espaço midiático em seus diferentes contextos e políticas organizacionais dos veículos de comunicação.

Palavras-Chave: jornalismo; mídia; análise do discurso; Marielle Franco.

## **ABSTRACT**

The present study proposes to carry out an analysis from the theoretical methodological precepts of communication, journalism and discourse analysis concerning the discursive formations mediatized the case of councillor of the PSOL murdered in the city of Rio de

Janeiro, Marielle Franco. The research shows that the murder of Marielle Franco got a bigger and more significant prominence in the Brazilian media than other examples of murders which occur constantly in the city, and who was in the respective period of fatality in the process of military intervention. In this way, the work of completion of course if sustained in analyzes of media discourses of means of communication and social media that reflected the case. The research hypothesis understood that the reason for the high repercussion in the media is due to political and ideological issues of means of communication, and that, equally, act in accordance with their own interests. The sample empirical study found that there was a discursive polarity in the case described by political ideals of right and left, and in the same way, militants and radicals. The work, in this sense, seek to reveal what are the main discursive marks which characterize the case Marielle Franco in media space in their different contexts and organizational policies of communication vehicles.

Keywords: journalism; media; analyse of speech; Marielle Franco.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Modelo de postagem da rede social <i>Instagram</i> .....	75
Figura 2 - Modelo de postagem na rede social Twitter .....	75

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 COMUNICAÇÃO E JORNALISMO.....</b>	<b>16</b>

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS EM ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE RETÓRICA DO DISCURSO .....	29
3 O ASSASSINATO DA VEREADORA DO PSOL MARIELLE FRANCO .....	45
3.1 SUSPEITOS DE ENVOLVIMENTO NO CASO MARIELLE FRANCO .....	50
3.2 MARIELLE FRANCO – IDENTIDADE E TRAJETÓRIA DE VIDA E POLÍTICA .....	53
4 FORMAÇÕES DISCURSIVAS NA MÍDIA SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO .....	63
4.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS DE ESQUERDA MILITANTE.....	78
4.2 FORMAÇÕES DISCURSIVAS DE DIREITA RADICAL.....	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS .....	99

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso irá apresentar um estudo de como se deram os dizeres discursivos em diferentes mídias sobre o assassinato da vereadora do PSOL, Marielle Franco, na cidade Rio de Janeiro que ocorreu no dia 14 de março de 2018. O acontecimento teve repercussão no País inteiro e inclusive no exterior. Para isso, buscou-se observar como ocorreu o comportamento da mídia, e, igualmente, conhecer as notícias.

O assunto foi notícia durante 20 dias consecutivos, desde o momento do ocorrido, como por exemplo, no Jornal Nacional da rede Globo, o maior conglomerado de comunicação do País que deu destaque ao assassinato da vereadora Marielle Franco exibindo-a como uma heroína e defensora dos direitos humanos. O jornal El País, um dos mais conceituados portais de notícias da esquerda referenciou-a como símbolo global de luta.

Estes exemplos não foram à única maneira que o caso apareceu na mídia, ao longo do trabalho serão trazidos exemplos do recorte de pesquisa que foi realizado. Pode-se adiantar que, a mídia nacional se preocupou inteiramente em cobrir o fato e ir atrás de buscas por respostas. Diante disto, a pesquisa irá discutir os discursos que se formaram em torno do assassinato de Marielle, bem como, suas particularidades.

Teve-se como hipótese inicial de pesquisa a ideia de que havia uma polaridade no conteúdo discursivo, já que, os conteúdos observados em diferentes plataformas de notícias pareciam estar divididos em polos ideológicos diferenciados, porém não se sabia ainda em que medida.

A pesquisa foi realizada a partir de campos teóricos do jornalismo, da Análise do Discurso e da Análise Retórica do Discurso. Neles as teorias são elementos primordiais para que haja a compreensão de como foram concebidos os discursos sobre o caso, e quais foram os seus principais pontos discursivos que marcaram o ocorrido. Busca-se descrever e compreender a partir do recorte de pesquisa, quais eram as tipologias dos discursos que os exemplos de notícias observados trazem através dos veículos de comunicação analisados. Os referidos tipos dizem respeito às extremidades em que se dividiram os dizeres discursivos, como, em ideais originários da política, direita e esquerda e, do mesmo modo, discursos radicais e militantes da mídia hegemônica e alternativa. O trabalho também possui a preocupação em trazer exemplos considerados expressivos de dizeres discursivos apresentados nas mídias sociais sobre o caso.

As teorias de Análise do Discurso e Análise Retórica do Discurso nesta pesquisa visão buscar a compreensão de como se deram as estratégias discursivas no caso. Preocupa-se nesta abordagem com a forma e o contexto histórico em que se deram os dizeres discursivos. A maneira do que foi dito é a preocupação central para o entendimento dos enunciados em um dado momento. A formação discursiva é então o elemento essencial de análise.

A pesquisa, do mesmo modo, se preocupou em levar em consideração as teorias da comunicação, como a Teoria do Agenda-Setting, que traz uma abordagem do por que determinadas notícias pautam a agenda midiática e fique presente nos meios de comunicação. A presente noção teórica apontará justamente para o fato de que a mídia agenda audiências com a finalidade de construir temáticas a serem discutidos pela opinião pública, conforme podemos evidenciar que aconteceu no caso Marielle Franco.

Através da pesquisa se teve a impressão de que o assassinato de Marielle Franco dividiu opiniões. As notícias jornalísticas e os pronunciamentos midiáticos a respeito do caso nos pareceu estarem marcados por ideologias diferenciadas em seus dizeres. Observamos que houve uma base de formações discursivas polarizadas. Em uma primeira impressão, identificamos como principais polos opostos à política de direita e de outro panorama à esquerda, além dos discursos militantes e radicais. Houve uma divisão tipológica de lados e opiniões contrárias.

Para efeito ilustrativo de análise o presente trabalho se preocupou em trazer exemplos de matizes discursivos diferentes, ao menos cinco da mídia esquerda militante e cinco da mídia de direita radical o que nos permiti identificar que houve essa polaridade de discursos e falas devido à divisão tipológica política.

Este conjunto de material foi escolhido porque nos pareceram exemplos significativos do que queríamos evidenciar, independentemente de ser mídia jornalística, alternativa ou social, já que, a pesquisa é uma análise midiática em torno fundamentalmente do discurso. O principal intuito é mostrar como cada discurso é trazido por meio dos veículos observados, da mesma maneira, as argumentações feitas e como se dá a sua estrutura discursiva.

No primeiro capítulo será feita uma contextualização teórica aliada à prática do trabalho em torno das Teorias da Comunicação, do Jornalismo e igualmente trabalhará com a noção de teorias acerca dos termos da Linguagem, Análise do Discurso e Análise Retórica do Discurso. É importante que se faça presente um diálogo entre ambos os campos do conhecimento e que serão imprescindíveis para descrever e compreender os pressupostos da presente pesquisa.

O segundo capítulo tem como principal finalidade trazer uma retomada de como aconteceu o assassinato de Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, além disto, apresentar a biografia de Marielle Franco, como foi sua atuação em sociedade e as suas principais marcas discursivas. É importante que haja no decorrer do texto uma descrição de como foi a vida de nossa principal fonte de pesquisa. Igualmente, o capítulo tem a preocupação de trazer à observação do contexto social em que o País vivenciava no momento que ocorreu os assassinatos da vereadora do PSOL e seu motorista. Ainda no capítulo dois serão trabalhadas teorias em torno de gênero, identidade e poder para que possamos embasar as representações mencionadas.

No terceiro capítulo serão expostos os discursos midiáticos, que foram divididos de acordo com o seu viés ideológico, ou seja, que são de nichos de audiências diferenciados. Parte-se do princípio que ocorreu uma polaridade nas falas. De um espectro está o panorama político por ideais discursivos de direita radical e por outro viés os de esquerda militantes a respeito de Marielle. Podemos identificar uma mudança relativamente grande em relação à forma com que foram posicionados os dizeres discursivos de acordo com cada convicção.

O capítulo será, igualmente, responsável por trazer a discussão teórica a respeito dos discursos que se fizeram presentes na mídia com o assassinato de Marielle Franco. As teorias juntamente com a parte empírica do trabalho serão neste contexto de pesquisa a principal forma de buscar a compreensão de como se deram e se dividiram as formações discursivas sobre o caso.

Por fim, nas considerações finais, será o momento destinado a conclusões acerca da pesquisa e também em relação a contribuição do presente trabalho de conclusão de curso para futuros estudos relacionados ao jornalismo e a perspectiva de Análise do Discurso e Análise Retórica do Discurso.

## 2 COMUNICAÇÃO E JORNALISMO

O presente trabalho tem como principal intuito de pesquisa analisar os discursos que se formaram na mídia sobre o assassinato da vereadora do PSOL, Marielle Franco, ocorrido no dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro, Estado do RJ. Tal intento nos força a entrarmos, antes, nas teorias da comunicação, do discurso e do jornalismo para só então buscarmos compreender, na respectiva pesquisa, como a imprensa e as chamadas mídias alternativas trataram o fato. O interesse em especial por esta cobertura nasceu de uma primeira constatação meramente empírica de que pareciam existir diferentes e significativos tratamentos midiáticos sobre o assassinato da vereadora.

O fato jornalístico gerado com a morte da vereadora carioca coincidiu com a necessidade de escolha de meu tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) junto ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. Não só isso. O acontecimento na imprensa mobilizou a opinião pública do país e aquele período era justamente o momento em que eu cursava o Componente Curricular Complementar (não obrigatório) de Tópicos de Análise do Discurso e começava a enxergar algumas contradições no discurso de diferentes mídias e fiquei mais sensível a questões de linguagem e comunicação. Some-se a tudo isso o conhecimento acumulado durante a faculdade em especial sobre Teorias do Jornalismo, Fundamentos em Jornalismo e outros componentes, que pareciam claramente conversar com a questão central do meu problema de pesquisa: como a mídia cobre um assassinato de formas tão distintas e até mesmo contraditórias em certo sentido, como pareceu ter acontecido no caso Marielle?

O auxílio das orientações recebidas foi decisivo para algumas percepções e para o enquadramento desta pesquisa, nas revisões de texto, na coleta e nas análises da pesquisa. Ela foi se construindo aos poucos, sem muita certeza do que iríamos encontrar pela frente. Depois fui entendendo que é assim mesmo que se aprende a pesquisar e que afinal de contas, é como se faz uma pesquisa. O caminho é um percurso que não se encontra pré-definido.

O jornalismo, conforme aprendemos, é um campo da área da comunicação que tem como principal preocupação e finalidade atender a demandas do seu público através do ato de informar e de noticiar os fatos que estão presentes na sociedade. A comunicação, assim como o jornalismo, são atividades complexas, pois o jornalismo aponta para o real e o fático e, igualmente, a comunicação se caracteriza por sua natureza multiforme. Dito de outra forma, a

comunicação é muito ampla e abrange um processo relacional entre indivíduos de diferentes culturas. A comunicação pode ser vista como uma organização comunicacional dos grupos humanos. Edgar Morin (2003) aponta para essa complexidade que é a comunicação como fenômeno social.

A comunicação ocorre em situações concretas, acionando ruídos, culturas, bagagens diferentes e cruzando indivíduos diferentes. Ela é sempre multidimensional, complexa, feita de emissores e de receptores (cujo poder multidimensional não pode ser neutralizado por uma emissão de intencionalidade simples). O fenômeno comunicacional não se esgota na presunção de eficácia do emissor. Existe sempre um receptor dotado de inteligência na outra ponta da relação comunicacional. (MORIN, 2003, p. 12).

A comunicação faz parte da história da humanidade. De acordo com Martín Serrano (2008) a comunicação está presente desde o surgimento da espécie humana e das transformações tanto biológicas quanto sociais. Produz trocas de conhecimento e interações sociais e o jornalismo, como campo da área; é responsável pela informação noticiosa, por transformar fatos em acontecimentos. Nelson Traquina (2005) aponta o jornalismo como “uma atividade intelectual” do jornalista acerca das relações de interesse humano. Nesse sentido, assassinato é sempre um tema de especial apego a quem trabalha em jornalismo.

O jornalismo tem como principal intuito concentrar-se na informação baseada em critérios de noticiabilidade e credibilidade com a finalidade de atingir o seu público consumidor final. Nelson Traquina trabalha com a noção teórica de que o jornalismo é uma prática noticiosa que requer que se diferenciem fatos de acontecimentos. Para o autor, “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento”. (TRAQUINA, 2005, p.203). Destaca-se na mesma perspectiva deste autor o fato de que a notícia possui o potencial de projetar novos acontecimentos futuros desde que proporcionem novas percepções e representações para o público.

A partir destas noções teóricas primeiras, podemos observar e compreender que o fato da morte de Marielle Franco e as notícias que se criaram, gerando então o acontecimento midiático, permaneceram em destaque na mídia hegemônica, segundo nosso levantamento, por exatamente 20 dias consecutivos e ininterruptos, e que continuaram sendo trabalhados

depois, ainda que casualmente, dentro da agenda midiática. A cobertura repercutiu sobre a sociedade, em especial sobre a formação de uma opinião pública. Essa influência sobre a sociedade faz parte da conjuntura social em que se encontra a atividade do jornalismo, conforme também Traquina (2005):

Assim, o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só no que pensar, mas também **como pensar**. [Grifo nosso] ... A influência é maior sobre as pessoas que estão expostas ao jornalismo e procuram informação; a influência é maior sobre os assuntos sobre os quais as pessoas não têm experiência direta que podem mobilizar. (TRAQUINA, Nelson, 2005, p. 204).

Conforme veremos na descrição a seguir, os meios de comunicação se agendaram em torno da cobertura do fato da morte da vereadora carioca e este agendamento não apenas influenciou a opinião pública sobre o que ela deveria falar, mas, principalmente sobre “como” pensar o fato. Nesse sentido veremos, em conformidade com a Teoria do Agendamento (Agenda Setting) que a mídia tem de fato esta propriedade. O presente TCC não se limita, obviamente, a reforçar esta constatação teórica já amplamente aceita entre pesquisadores do jornalismo, mas se desafia a partir dessa e de outras construções teóricas a pensar para além desse aspecto todas as contradições discursivas e todas as tensões de uso da linguagem encontradas por diferentes vozes na mídia, não apenas nos espaços hegemônicos e não apenas em função de critérios de notícia, uma vez que a opinião pública se constrói em grande parte por espaços públicos de mídia que são cada vez mais livres e alternativos, como blogs, vlogs e sites não pertencentes a conglomerados dos grandes oligopólios midiáticos.

De acordo com Patrick Charaudeau “se, numa primeira aproximação, informar é transmitir um saber a quem não o possui, pode-se dizer que a informação é tanto mais forte quanto maior é o grau de ignorância, por parte do alvo, a respeito do saber que lhe é transmitido”. (CHARAUDEAU, 2006, pp. 18-19). Nesse sentido, é possível afirmar que a desinformação concorre para uma distorção da compreensão da realidade segundo interesses ora ideológicos, ora estratégicos, por diferentes objetivos. Assim, é possível que o saber transmitido seja mais predominantemente aceito e visto da forma como lhe foi predisposto por um público ou outro.

No caso Marielle Franco pode-se constatar que para um determinado público que não conhecesse a atual conjuntura social em que a cidade se encontrava no momento do fato, a notícia pudesse provocar ainda maior sensibilização, pois elas não teriam informações suficientes acerca do contexto determinante para a compreensão contextual da notícia. Foram muitas as narrativas e diversas que se fizeram sentir. Identificamos nesta pesquisa pelo menos dois polos antagônicos, mas este recorte, evidentemente, é apenas um enquadramento de pesquisa e não a única possibilidade de emoldurar a compreensão sobre como a mídia tratou a questão.

A cidade do Rio de Janeiro estava vivenciando um momento político de intervenção federal na data do assassinato. Havia e ainda há violência e crimes na cidade diariamente, no entanto, a maneira como a notícia foi abordada constrói significados de ineditismo ao fato, de ruptura com o habitual, o que sensibilizou as audiências e a informação adquiriu múltiplos sentidos.

O jornalismo de fato trabalha com a ideia de ruptura do comum como um dos critérios de noticiabilidade para tornar algo relevante em conformidade com os valores-notícia. Esta ideia de ruptura acontece de maneira inesperada; geralmente nada tem a ver com o tamanho do fato, mas, um assassinato de uma mulher negra, periférica, vereadora, militante e defensora das minorias, certamente teve todas as variáveis para surpreender a imprensa e a opinião pública e ganhar amplitude midiática. Como apontado por Nelson Traquina (2005) o destaque midiático a uma dada informação favorece na construção de um consenso comum da sociedade acerca dos fatos.

Esta possibilidade é vista na teoria do Newsmaking, que busca a compreensão dos critérios de noticiabilidade através dos jornalistas que se utilizam de métodos de seleção para escolher o que se torna notícia em um determinado veículo. Conforme Mauro Wolf (2001) acredita-se que as notícias acontecem de acordo com a determinação organizacional e por meio dos critérios de relevância da informação. Um fato se transforma em notícia principal quando acontece uma alteração de rotina segundo os valores-notícia.

“O poder dos media não está só (nem principalmente) no seu poder de declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas no seu poder de fornecer as formas sob as quais as declarações aparecem” (SHUDSON apud TRAQUINA, 2005, p. 213). Fica claro que há muitas forças advindas da ordem social, como da política e da religião, por exemplo, além do jornalismo, que contribuem para que uma notícia adquira, ou não, alguma força através da

forma com é representada e como são veiculadas as informações relativas ao fato em questão. Como aponta Shudson (2005), o jornalista é capaz de atribuir sentidos no público por meio da maneira como noticia. É através do modo como é exibida e tratada uma notícia que reside o poder informacional do jornalismo. A esta forma de noticiar chamamos de retórica da informação midiática<sup>1</sup>.

Para Charaudeau “Informação e comunicação são noções que remetem a fenômenos sociais; as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas...” (CHARAUDEAU, 2006, p.15). Quando o autor se refere a lógicas, isso quer dizer quaisquer que sejam como a econômica, a tecnológica, a política ou a simbólica. É por intermédio das ações sociais que ocorrem as notícias dentro dos veículos de comunicação de modo integrado a suas lógicas de produção.

Os meios de comunicação agem de acordo com suas próprias lógicas de produção, sejam elas políticas, econômicas ou sociais e que se apossam das circunstâncias informacionais para interpor seus métodos de produção. É importante ponderar que tanto os jornalistas quanto os indivíduos receptores possuem suas próprias representações acerca do mundo e da comunidade.

Neste sentido é necessário lembrarmos no presente trabalho da perspectiva teórica de jornalismo, a Teoria da Ação Política, pois, a pesquisa acredita que houve uma divisão discursiva no caso por ideais políticos, esquerda e direita, e que será apresentado ao decorrer do trabalho como chegamos a esta constatação empírica através do processo metodológico.

Na Teoria da Ação Política acredita-se no poder da influência ideológica da política nas informações repassadas ao público pelos veículos de comunicação, pois, conforme explanação de Nelson Traquina (2005, p.163):

[...] nas teorias da ação política, os media noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certos interesses políticos: na versão de esquerda, os media noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo.

---

<sup>1</sup> A Retórica é, segundo Muniz Sodré, um outro nome para Comunicação. Surgida na Sicília, quatro séculos antes da Era Cristã, a Retórica sempre esteve atenta à forma do que é dito, revelando que dependendo da escolha de uma forma ou outra pode depender o sucesso da comunicação.

A teoria considera que os jornalistas formam uma classe na sociedade com parcialidades e ideais políticos já formados, e que podem a partir de suas crenças pessoais e da empresa em que trabalham distorcer as informações com opiniões prontas. Hermam e Chomsky (1988) acreditam que há alguém responsável, ou seja, os donos do veículo de comunicação, ou até mesmo, e principalmente os anunciantes por ditar o que sai ou entra nos jornais. Os autores entendem que na maioria das vezes o que interessa a empresa é o lucro.

Neste sentido uma informação pode desviar-se tanto para o campo político ideológico da esquerda quanto para a direita, de acordo com as convicções instituídas de cada meio de comunicação a que estão expostos. Na teoria de Hermam e Chomsky, “o conteúdo noticioso é determinado por certas propriedades estruturais dos media, em particular por sua ligação com os negócios e com o governo”. (HERMAM e CHOMSKY, apud, TRAQUINA, 2005, p. 165). Entende-se por intermédio dos autores que as empresas de comunicação estão ligadas a publicidade.

O caso Marielle Franco foi inserido na mídia sob as perspectivas próprias e distintas de produção por meio dos *media*. Cada meio abordou o caso de acordo com as características que se enquadram em seus métodos informacionais de organização noticiosa.

Desde os primórdios da iniciação jornalística, nos jornais impressos, e posteriormente o rádio, o telejornalismo e por último também a web e os dispositivos móveis, houve muito avanço e mudança nas perspectivas informacionais de conteúdo nos veículos de comunicação. Os formatos midiáticos e as plataformas de comunicação se transformaram do mesmo modo que se deram as transformações tecnológicas, como visto em Nelson Traquina (2005) para quem o jornalismo vive na era da informação e do conhecimento devido à facilidade que se tem no acesso às informações instantaneamente.

Para Sousa “As notícias são histórias que resultam de um processo de construção linguística, organizacional, social, cultural” (SOUZA, 2004, p.125). De acordo com o autor, as notícias são fragmentos da realidade e assim ajudam a construir e reconstruir a sociedade com elementos discursivos em torno do real. O assassinato de Marielle Franco é reconstruído em seu sentido no mundo por assim dizer a cada novo discurso midiático e a cada nova narrativa, a cada novo enunciado.

Com as relativas mudanças que ocorrem em sociedade, o jornalismo igualmente vai se modificando para se adequar aos contextos atuais em que se encontra. Isso é um fato que se compreende devido a fatores como, por exemplo, a globalização que muda as formas de relacionamento e comunicação da população e dentro disso se tem a fase atual da cultura da convergência, conceito referido por Henry Jenkins (2008) onde as pessoas estão cada vez mais conectadas às mídias e escolhem como querem usar as mesmas de acordo com seus interesses.

A cobertura do assassinato de Marielle Franco foi pauta de tratamento em diferentes plataformas de comunicação, fossem elas noticiosas ou não, hegemônicas ou mesmo alternativas. Os diversos públicos ou auditórios tiveram a sua disposição uma série de conteúdos em diferentes meios e, assim, o receptor teve a possibilidade de escolher (teoricamente, claro) o que lhe fosse da maior ressonância com seu mundo de crenças e vontades. Bem sabemos que as recepções se dão por afinidade com determinados conteúdos e posicionamentos. O psicólogo norte-americano Leon Festinger, em 1957, já formulava um princípio de que as pessoas consomem argumentos em torno de ideais para as quais elas já estejam de algum modo determinadas. A este entendimento sobre como funciona a persuasão, Festinger chamou de Teoria da Dissonância Cognitiva.

Evidentemente que a disponibilidade de interação entre público e mídia, além da alternativa de disseminação de informações por meio de compartilhamentos acentua este caráter de formação de crenças e vontades.

Percebe-se que o jornalismo está sempre em fase de transformações tecnológicas bem como de conteúdo devido às alterações sociais, e isso acontece porque os meios de comunicação procuram se adequar às conjunturas atuais e aos avanços sociais, atualizando seus discursos e abrindo formações discursivas sempre mais contemporâneas, sem o que jamais cativariam novas audiências. Os discursos expressos através da mídia se tornam então bem mais abrangentes e velhas e novas mídias se entrelaçam, atingindo novas possibilidades de interação e de instantaneidade. No caso específico da morte de Marielle Franco, os discursos não se formaram apenas nos veículos de comunicação hegemônicos, como já aqui afirmamos, mas também, em mídias sociais, onde também se busca a afinidade com os distintos auditórios.

A noção de auditório que percorre as bases desse nosso trabalho encontra-se formulada em Chaim Perelman, pesquisador polonês naturalizado belga, autor do Tratado da

Argumentação, em 1958 e que com sua pesquisadora assistente Lucie Olbrechts-Tyteca desenvolveu a ideia central de que toda comunicação é dirigida ao seu auditório e que por isso mesmo deve primeiro conhecê-lo em sua particularidade e universalidade. O auditório, para Perelman (1958), é o conjunto das pessoas que um orador deseja atingir. Neste sentido, portanto, ele é imaginário, e não real.

Para que possamos compreender efetivamente como se dá o processo noticioso na mídia, partimos da perspectiva teórica do Agenda-Setting. Trata-se de uma teoria do Jornalismo que procura entender o processo noticioso das mídias e o que faz com que determinada informação entre ou permaneça na agenda midiática dos meios de comunicação.

Nos anos 70, esta teoria também chamada de Teoria do Agendamento, surge pelas mãos dos percussores Donald Shaw e Maxwell McCombs que sistematizaram a hipótese, exatamente em 1972<sup>2</sup>, porém, a ideia já havia sido abordada por outros autores bem antes deles, de uma forma menos elaborada, como em Walter Lippmann, em 1922, Cohen, em 1963, e Lazarsfeld e outros, em 1944. Até então não se tinham teorias e apenas hipóteses de como as notícias são como são. Desde os anos 70 mais diretamente, a perspectiva de agendamento dos meios tem sido debatida por pesquisadores com estudos em torno da relação entre mídia e público.

Esta linha teórica de pesquisa como vista em Mauro Wolf (2001) tem como pressupostos investigar os efeitos da comunicação de massa, partindo do princípio que a mídia possui capacidade de influenciar a opinião pública com suas projeções de notícias que se consideram semelhantes aos desejos do receptor final e, assim, consequentemente, dizer o que pensam sobre os fatos retratados nos noticiários<sup>3</sup>.

Vale ressaltar que de acordo com essa teoria, o público tem a tendência de levar em consideração os assuntos e formas de dizer assumidos pela imprensa. Há uma forma de poder na influência que o jornalismo e a informação veiculada na forma de notícias exercem sobre os seus receptores. De acordo com a Teoria do Agendamento, a mídia seleciona notícias baseada em temas que se cogita que poderão promover uma discussão do público, sendo assim, algumas notícias recebem mais destaque do que outras. O caso Marielle Franco obteve destaque na mídia, e a motivação desta decisão em si já é divergente entre diferentes fontes midiáticas. Só nisso já reside um amplo espaço para pesquisa. Houve destaque em torno do

---

<sup>2</sup> Para referências históricas desta teoria há os trabalhos de Nelson Traquina (2005) e Mauro Wolf (2001).

<sup>3</sup> Com efeito, as mídias sociais ampliaram este espaço de formação da Opinião Pública.

assassinato, mas houve maior destaque também em torno da vítima e sua relevância política, com a morte de Marielle ficando por vezes quase como pano de fundo para enunciados midiáticos cuja intenção discursiva tenha sido muito mais ideológica e política que propriamente circunscrita ao crime em si.

Observamos e catalogamos a cobertura midiática em torno da morte da vereadora carioca. Percebemos que por um período 20 dias consecutivos (numa perspectiva diacrônica) e numa perspectiva de dois meses (num recorte sincrônico) o fato apareceu reportado e discutido nos jornais, telejornais e mídias sociais e de comunicação alternativa.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e de outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW, apud WOLF, 2001, p.144).

A Teoria do Agendamento trabalha com a hipótese de que a mídia possui influência na construção da opinião pública. Compreende-se que o modelo de agendamento é um processo interativo entre o público e a mídia. A opinião pública atribui um caráter de importância às notícias que lhes são referidas de acordo com seus interesses e concedem-lhes diferentes significados. Os meios de comunicação procuram similarmente levar em consideração os critérios de notícia relevantes para seus públicos, porém, ainda assim, visam influenciar sobre o que é ou não mais importante e significativo para o consumidor final.

Importa frisar aqui que tivemos como hipótese de pesquisa sobre o caso Marielle Franco desde nosso anteprojeto de TCC, a ideia de que havia uma polaridade no conteúdo discursivo que se delimitou na amostra e será exemplificada no decorrer deste trabalho. Este fato compreende-se porque os meios de comunicação agem de acordo com suas próprias lógicas. Leva-se em consideração os valores-notícia da mídia.

Agenda-setting não defende que os *mass media* pretendam persuadir, e sim dizem que descrevem e precisam a realidade exterior através de uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir. - O pressuposto

fundamental do agenda setting é que a compreensão de grande parte da realidade é fornecida, por empréstimo, pelos *mass media*. (SHAW, apud WOLF, 2001, p.145).

Com base na citação acima, podemos retirar da análise inicial já a hipótese de que os meios agem movidos de forma conspiratória em torno de intenções e estratégias persuasivas, como se deliberadamente quisessem a construção de uma realidade conforme suas crenças e valores e não conforme os fatos em si, ainda que interpretados por sujeitos em suas subjetividades. A agenda da mídia teria, conforme esta perspectiva, como principal intuito, determinar o que a agenda pública, o auditório, terá como objeto de discussão. A mídia então, nesse contexto, seleciona o que considera relevante para ser noticiado e descarta o conteúdo que não é de seu interesse comunicacional, que não abrange sua agenda. O caso Marielle Franco despertou discussões no cenário nacional como também internacional por conta da extensão do fato no campo social e também político. Boa parte dos discursos continha um caráter de militância e não propriamente de jornalismo.

A simples constatação de que as notícias sobre a morte da vereadora deixam de ocupar a centralidade na mídia seja ela hegemônica ou não (ainda que as causas de seu assassinato ainda sigam sendo investigadas e sem um quadro muito claro quanto à responsabilidade criminal), é suficiente para fazer pensar que o que determina o agendamento não tem nada a ver com critérios de relevância, justiça social ou significado dos fatos em si mesmos. Quando teóricos em diferentes momentos da história do Jornalismo tentaram explicar este processo de decisão em torno do que acaba sendo ou não publicado, formularam diferentes conceitos e teorias, entre elas também a conhecida Teoria do Gatekeeper, desde perspectivas investigativas de David Manning White, nos Estados Unidos, por exemplo. Do conjunto teórico existente, sobretudo na tradição americanística, o que podemos concluir é que estes processos de escolha e decisão são absolutamente subjetivos e circunstanciais.

A Teoria do Agendamento acredita que a mídia é eficaz na construção de imagens da realidade dos sujeitos interpostos pela comunicação e também considera que as informações são compartilhadas para adquirirem significado perante o seu público alvo. Além do mais, a mídia selecionaria assim o que entra e o que sai da pauta de agenda midiática por convicções do que o público precisa ter opinião e que os fatos midiaticizados precisam gerar discussão para participarem decisivamente na formação de alguma opinião pública. O caso Marielle Franco

entrou para a pauta midiática e esse agendamento pressupõe que a mídia o selecionou para adquirir sentido diante do público e para que com isso houvesse mobilização desta opinião pública. A diversa polaridade, pelo menos a nós nos pareceu, na análise que nós promovemos estar justamente na diferença aparente entre as motivações para este espelhamento midiático a cada uma das formações discursivas que fomos capazes de reconhecer.

O caso foi repercutido entre o público e gerou protestos, mas também é verdade que esta repercussão não foi a mesma em todos os espaços midiáticos. A vereadora foi exibida em jornais como o *El País*, por exemplo, como sendo uma “heroína”; o Jornal Nacional da Rede Globo a reverenciou como sendo um “símbolo de luta”. Mas nem todas as formações foram nestas duas direções. Abordagens midiáticas nos parecem supor uma visão sobre como seus públicos devam pensar. Com efeito, este signo discursivo em torno de Marielle Franco não foi a única forma com que sua figura pública apareceu na mídia. Houve espaços midiáticos que buscaram desconstruir a imagem da mulher negra, periférica, mera vítima política. É sobre esta diversidade de discursos que trata esta nossa pesquisa.

Donald Shaw (1979) tinha a perspectiva de que a Agenda-Setting tem como pressuposto a compreensão que grande parte da realidade social é fornecida através de empréstimo pela mídia. De certa forma, isso nos reforça a tese de que o caso Marielle Franco foi construído por diversos discursos, os quais por sua vez, parecem configurar diferentes retratos da realidade.

Nas informações sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco, entende-se que a mídia selecionou o caso para entrar em sua lógica de produção noticiosa. Pelo menos foi assim na mídia hegemônica. O espaço de mídia alternativa, no entanto, foi onde evidenciamos maior diversidade, mas não apenas nela. Houve uma mídia alternativa que atuou na construção da realidade mais imediata dos fatos e que reforçou o estereótipo da mulher negra e defensora das minorias, mas houve também uma mídia alternativa (ou nem tanto) que se empenhou em oferecer a seus públicos uma realidade construída na desconstrução deste estereótipo, em que a vereadora aparece como mulher e vítima de suas próprias condutas no combate ao narcotráfico.

Considerou-se importante que a comunidade discutisse sobre o fato no momento, de modo geral, provavelmente, concebendo-se um auditório universal, pois a cidade do Rio de Janeiro vinha de fato passando por momentos conturbados politicamente; a violência assolava simbolicamente a capital como podemos observar facilmente em sucessivos agendamentos de

mídia daquele período, tanto que o Estado optou por uma intervenção militar. No entanto, a morte de uma vereadora, a qual não se sabia a razão, gerou especulações e comoção midiática ainda maiores devido ao fato de Marielle ser negra, lésbica, e defensora dos direitos humanos, como a própria se definia. Esse fator contribuiu para que os meios de comunicação trabalhassem com a informação e o caráter humanitário na notícia. A identificação com o público tinha também por este viés maior força de adesão à causa e sensibilidade diante da notícia.

Como já afirmamos, vamos ver neste trabalho que esta polaridade não foi a única. As notícias do assassinato de Marielle Franco ficaram presentes na mídia durante 20 dias consecutivos<sup>4</sup> e só saíram devido ao aparecimento de outras notícias que poderiam representar maior espetacularização na audiência, como foi, por exemplo, a notícia da prisão do ex-presidente, Luís Inácio da Silva (Lula da Silva) do PT (Partido dos Trabalhadores). Pela conjuntura política e social do momento da prisão do ex-presidente esta notícia foi mais impactante no critério de ruptura ao normal que norteia a seleção de notícias conforme a Teoria do Newsmaking. As circunstâncias em que se deu a prisão então de Lula tornaram o fato do ponto de vista ainda mais forte se nós considerarmos a ruptura do comum, haja vista que a prisão de um ex-presidente é e sempre será em um país como o nosso algo de absoluto ineditismo noticioso. Ainda assim, o caso Marielle Franco voltou ocasionalmente ao noticiário e a cada novidade na apuração do crime teve nova centralidade noticiosa nos veículos de comunicação, mesmo os alternativos. Nelson Traquina (2005) explica que é justamente o caráter de ineditismo e de importância social conforme os valores-notícia do jornalismo, que se inscrevem como critérios de seleção do que será notícia.

Mauro Wolf (2001) cita por sua vez alguns exemplos de valores-notícia como sendo a importância da notícia, as características do material informativo e a proximidade e atualidade dos fatos.

---

<sup>4</sup> As notícias sobre o assassinato da vereadora do PSOL, Marielle Franco, ficaram presentes na mídia durante período entre os dias 14 de março até dia 04 de abril do ano de 2018. Foram observados os meios de comunicação que trataram o caso neste período de tempo ininterruptamente e destaca-se o Jornal Nacional da Rede Globo, bem como o portal de notícias G1. Veículos como o Jornal *El País* e *Folha de São Paulo* também deram destaque ao fato, além das mídias alternativas, como sites a exemplo da Carta Capital e plataformas de comunicação a exemplo do Youtube, Instagram e Twitter e colunistas de impressos e de tevê que trouxeram inúmeros debates acerca do tema. Blogueiros e Vlogueiros também foram levados em conta no conjunto de espaços que trataram do tema.

A Teoria do Agendamento não pressupunha inicialmente como as pessoas deveriam pensar, não havia essa característica na teoria, no entanto, na perspectiva continuada de Agenda-Setting é agendado com o público não apenas o conjunto sempre provisório de temas que devem ser pensados, mas também o que deve ser pensado em relação a eles. O caso Marielle foi um tema que a mídia pautou de forma variada como notícia para levantar debates ideológicos acerca da violência, dos direitos humanos, da impunidade, dentre outros.

A partir desta noção, entende-se que há um impacto através da agenda midiática ainda que não o seja de longo prazo sobre o destinatário. Além do mais, como observado em Donald Shaw (1979), citado por Mauro Wolf (2001) existem dois níveis em que ocorre o agendamento que são: primeiro, a ordem do dia, ou seja, dos temas, assuntos e problemas que estão em agenda e, segundo, a hierarquia de importância e de prioridade que foram avaliados na ordem do dia pelos meios de comunicação.

O modo de hierarquizar os acontecimentos ou os temas públicos importantes, por parte de um sujeito assemelha-se à avaliação desses mesmos problemas feita pelos *mass media*, apenas se a agenda dos *mass media* for avaliada num período longo de tempo, como um efeito cumulativo (SHAW, Donald apud WOLF, Mauro, 2001, p. 144).

De acordo com Mauro Wolf (2001) os pressupostos de sociabilidade, são baseados na sociologia do conhecimento e na importância dos processos comunicativos em sociedade. Para o autor, é devido a esse fato que a teoria se torna uma das temáticas guia em pesquisas de comunicação e jornalismo.

As mídias, na perspectiva de Charaudeau (2006), nem sempre possuem como finalidade a manipulação, porém, na medida em que manipulam, também podem ser vítimas de manipulações tanto exteriores quanto interiores. Para que ocorra manipulação midiática é necessário então, que alguém tenha algum tipo de interesse oculto, como outros fins além da informação, o convencimento de um público ou outra pessoa sobre algo que lhe convém. Para os veículos de comunicação conforme Charaudeau (2006) é preciso saber quem é o público a que se direcionará a informação.

As mídias não são uma instância de poder. Não dizemos que são estranhas aos diferentes jogos do poder social, dizemos que não são uma “instância de poder”. O poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância na qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira sua força. (CHARAUDEAU, Patrick, 2006, p.18).

A mídia só possui poder para atingir seu público através do ato de informar com eficácia porque o que define a força de um argumento ou de uma notícia é o contexto em que o indivíduo e o acontecimento se encontram para ser ou não capaz de influenciar no receptor final. Conforme Charaudeau (2006), com a informação, a instância em que sujeito se encontra é a da linguagem, e a linguagem é fruto da sociedade. É através do ato da língua que se manifestam os sentidos particulares de cada pessoa acerca do mundo. Por essa razão é importante traçarmos um panorama da comunicação e do jornalismo enquanto linguagem, pelo que retornamos a clássicos dos domínios da Retórica e do Discurso.

## **2.1 Pressupostos teóricos em Análise do Discurso e Análise Retórica do Discurso**

A teoria de Análise do Discurso surge no século XX <sup>5</sup>e veio para contrapor a Análise de Conteúdo que surge entre os anos 40 e 50 com estudos de Bernard Berelson e Paul Lazarsfeld.

A Análise de Conteúdo tinha como base de pesquisa termos quantitativos, procurava apontar numericamente a frequência ou não de determinados elementos, por vezes, também adotava uma perspectiva mista, ou seja, aliada ao caráter qualitativo, atentava às particularidades do objeto em sentido um tanto qualitativo também. Tratava-se de um método que investigava o que estava posto da superfície dos conteúdos informacionais sem se preocupar com o caráter subjetivo da linguagem. O que aparecia era tabulado e medido. Foram estabelecidas depois então com a Análise do Discurso propriamente o estudo de categorias de análise para identificação de conteúdo baseadas em dados observados no objeto

---

<sup>5</sup> O resgate histórico da teoria foi feito a partir do livro Análise de Conteúdo de Lauren Bardin, 2011. A autora trabalha a teoria como um manual metodológico que se estende para as várias áreas do conhecimento como o jornalismo. Bardin é professora de psicologia na Universidade de Paris V, na França. A autora utilizou suas técnicas de Análise de Conteúdo em investigações nos estudos de comunicação de Massa.

de estudo, mas que fossem de níveis diferentes de profundidade e mais identificados com qualidades que quantidades.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, Laurence, 2011, p. 47).

A Análise de Conteúdo foi e continua sendo uma maneira de estudar o que está dito sem levar em consideração a forma com que foi predisposto. No presente trabalho vamos utilizar a perspectiva de Análise do Discurso e não a Análise de Conteúdo porque para nós o que interessa é a linguagem discursiva das notícias bem como seu contexto, particularidades e implícitos possíveis de serem identificados para além do texto (escrito, falado ou representado por gestos e imagens). Não nos preocupamos em medir tão somente frequências e ausências do que propriamente expresso nos textos e sim as singularidades da informação veiculada. É por intermédio da metodologia teórica de AD que vamos buscar interpretar como se formaram os discursos na mídia acerca do caso Marielle Franco.

A Análise do Discurso se interessa, portanto, em compreender os dizeres discursivos através da linguagem com todas as características e elementos que fazem parte de sua formação discursiva e ideológica. Quer dizer, noticiar a morte de uma vereadora em um Rio subjugado por uma intervenção militar tem um dizer que não esteja dito. Analisar as notícias que a figuram como que representada por ser antes mulher e negra e periférica que uma vítima da violência que não conhece cor nem posição social, é outra forma de perceber que as notícias dizem mais em si mesmas do que pode parecer. Identificar, por exemplo, que as matérias e narrativas de opinião sobre o fato tiveram enquadramentos diversos, e em pelo menos duas tipologias, antagônicas, significa pensar o discurso em seu contexto social e político e não como forma ingênua de retratar a realidade, como se fatos fossem neutros e a linguagem pudesse ser transparente.

A Análise do Conteúdo bem como a Análise do Discurso possuem uma ligação, ambas possuem como unidade de análise a linguagem, porém, o objeto de estudo em AC é apenas o conteúdo do texto e a exatidão linguística enquanto a AD se interessa em buscar os elementos

subjetivos da linguagem para compreender o discurso e os argumentos utilizados pelos sujeitos além de se preocupar com o contexto de fala e de situação. Diferentemente da Análise de Conteúdo, que não vai além do texto, do que está posto, na AD os sentidos estão no mundo. As marcas textuais são apenas índices da existência desses sentidos.

A teoria de Análise do Discurso passou por processos históricos de transformações até se tornar a AD que conhecemos atualmente. Pelo que nos parece contributivo e formador, faremos então, uma retomada contextual de como surgiu esta perspectiva do conhecimento.

A AD surge, primeiro diferente de como a conhecemos hoje, entre os anos de 1915 a 1930, na Rússia através de uma corrente teórica chamada Formalismo Russo.<sup>6</sup> A linha de estudo tem origem estrutural: acreditava-se na linguagem divididas por estruturas. Os formalistas criticavam a literatura. Para o formalismo, a literatura deveria estudar a literariedade das obras, ou seja, preocupavam-se em entender a linguagem literária a partir de sua qualidade estrutural e para que pudessem fazer esse estudo deveriam utilizar como técnica a comparação entre linguagem poética e linguagem corriqueira.

Os principais precursores em estudos formalistas foram: Vitor Chklovski, Roman Jakobson e Boris Ejchenbaum. Esses e outros teóricos analisaram o gênero literário, o poema em si e sua forma, sem se preocupar com a sua exterioridade. Os formalistas tinham como método de análise a descrição e a morfologia, buscavam a compreensão dos elementos textuais e suas funções dentro de um dado poema estabelecendo assim, especificidades e marcas da autonomia na linguagem poética e na literatura. De acordo com Dionísio Toledo (1971) os formalistas se preocupavam com as funções da linguagem.

Os Formalistas Russos fizeram uma renovação metalinguística através da crítica. Foi a partir do formalismo, que se teve a ideia de novos termos para análise do texto literário por meio do método científico de estudos em linguagem. Porém, a Análise do Discurso só veio a se concretizar com o estruturalismo que se iniciou a partir de autores como Lévi- Strauss que desenvolveu as ideias dos formalistas de maneira sistematizada com base na linguística de Ferdinand Saussure.

A língua era vista como objetivada e regida por padrões. De acordo com Conceição Nogueira (2001) a Análise do Discurso (AD) surge no estruturalismo como uma

---

<sup>6</sup> A contextualização histórica sobre o Formalismo Russo advém do livro de Dionísio Toledo, *Teoria da Literatura: formalistas russos*, no qual o autor faz uma retomada do que foi a história deste movimento intelectual. Também tivemos como base de referência o artigo público pelo autor Ivan Teixeira, 1998, pela Revista Cult da USP (Universidade de São Paulo). Está disponível online através do link: <[http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Ivan\\_Cult\\_Formalismo-Russo-ilovepdf-compressed.pdf](http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Ivan_Cult_Formalismo-Russo-ilovepdf-compressed.pdf)> Acesso em: 30 de março de 2018.

transformação epistemológica, buscando romper os excessos estruturais e acrescentar o sujeito como objeto de análise. O estruturalismo foi à inspiração para estudos em discurso. Segundo o autor, a AD fez uma revolução ao modelo como se pensava a linguagem atribuindo-lhe sentido, sujeito e historicidade.

Surge, então, propriamente em 1960, a Teoria da Análise do Discurso que teve como percussor Michel Pêcheux, considerado o pai do conhecimento em AD. A perspectiva teórica advém de estudos em linguística, área do conhecimento formal que abarcou as novas ramificações de investigações de linguagem e cuja metodologia previa então a análise não só do texto, mas também do momento, do contexto, da história e do sujeito, dentre outros elementos. A Análise do Discurso (AD) não se preocupa com o texto em sua forma, mas, procura entender o que significa determinado discurso posto em um dado contexto.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, Eni, 2007, p. 15).

Sendo assim, o sentido do discurso não está em uma prática instável e movente da sociedade ou do sujeito; existe uma carga semântica em cada palavra. O discurso tal como a linguagem possuem sentidos e significados porque são partes da história e de um determinado contexto social, assim, possuem significação, pois não são vazios. O discurso se relaciona com a situação que os fez existir.

Dominique Maingueneau (1997) observa a ideia de condições de produção do discurso onde o discurso está inserido em um determinado contexto que o define.

Esta noção de “condições de produção”, precisamente, assinala bem mais o lugar de uma dificuldade do que a conceitualização de um domínio. Através dela, designa-se, geralmente, o “contexto social” que “envolve” um corpus, isto é, um conjunto de desconexo de fatores entre os quais são selecionados previamente os elementos que permitem descrever uma “conjuntura”. (MAINGUENEAU, Dominique, 1997, p. 53).

O analista em discurso tem como função determinar o modo como os processos discursivos estão presentes em um determinado funcionamento discursivo. Faz-se importante conhecer as particularidades do objeto de análise, bem como, o que há em sua volta e que compõe o discurso. No caso Marielle Franco, não serão apenas observados os textos, mas também a sua exterioridade, a conjuntura em que se deram o acontecimento, bem como sobre conhecer os sujeitos envolvidos e os seus discursos firmados propriamente.

De acordo com Eni Orlandi (2011), “a tarefa do analista, em grande parte, é a da explicitação do tipo de discurso que constitui o seu material de análise”. Na visão desta autora, uma das precursoras no Brasil sobre este campo do conhecimento, ao lado de Ingedore Villaça Koch e outros nomes, ela lembra que o analista é quem precisa, antes mesmo de fazer a análise, conhecer a tipologia do discurso colocado para que desta maneira ele possa dar continuidade ao processo, ou seja, compreender de que tipo de discurso se trata.

No exemplo da vereadora assassinada no Rio de Janeiro, Marielle Franco, podemos citar como espécies de tipologias presentes na mídia, o discurso político, o qual trouxe posicionamentos midiáticos acerca de ideias esquerdistas e de direita, mas também os discursos de narrativas mais militantes, que eram a favor da projeção de uma imagem de Marielle Franco contrária à pretendida por discursos mais radicais e de direita, que desconstruíam a imagem da vereadora no que a esquerda militante queria vê-la representada, considerando as causas que Marielle acreditava ainda em vida.

Por existirem diferentes categorias de um mesmo discurso é que todo analista precisa ser interpretativo, conhecer de que tipologia se trata como aponta Eni Orlandi (2011), porém, ele nunca deve analisar uma determinada perspectiva com afirmações previamente prontas ou colocadas. O seu ponto de vista como pessoa, na qualidade de investigador, ainda que não seja abandonado, não deve ser levado em conta para enxergar possíveis análises.

Conforme reflete Eni Orlandi (2011) é importante ressaltar que na interpretação do texto é necessário que o analista haja com cuidado para que se leve em consideração as condições de produção do objeto analisado tanto quanto a sua relação com a formação ideológica e o contexto em que se situa. Os dados não possuem significado sem o seu contexto. Seria inviável procurarmos compreender o discurso midiático sobre Marielle Franco se não tivéssemos um panorama histórico e social da conjuntura do País no momento e uma clara noção sobre como as notícias são como são.

“Na análise de discurso o objeto de explicação é o discurso e a unidade de análise é o texto” (ORLANDI, Eni, 2011, p.229). Existe uma relação entre ambos, no entanto, são interdependentes e é no texto que se constitui o discurso através de um determinado contexto sócio histórico. Procuram-se a partir do texto, portanto, os elementos de discursividade.

A Análise do Discurso se preocupa com a subjetividade da linguagem e o discurso se difere da língua, porém, é produzido a partir da linguagem. Como visto em Eni Orlandi (2011) a língua é o processo pelo qual se dá o diálogo e a argumentação através dos sistemas de linguagem nos atos de comunicação individuais, bem como, suas formas morfológicas, sintaxes e semânticas. No discurso, o objeto em questão é o discurso e o componente de análise é o texto.

Nosso objeto de explicação na presente pesquisa são os discursos midiáticos sobre Marielle Franco. O texto, a linguagem dos sujeitos e seus contextos, a condição de produção e os meios de comunicação são os nossos espaços discursivos a serem analisados. É importante ponderar que o texto em Análise do Discurso é predominantemente uma unidade pensada em suas condições de produção, ou seja, sobre os contextos que o fazem existir a partir de interlocutores.

O discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de sua língua. Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala. (CHARAUDEAU, Patrick, 2006, p. 40).

O discurso trabalha com a noção de que em um determinado foco de pesquisa discursiva, por exemplo, será realizada a análise da maneira como se organizou, aconteceu e repercutiu o discurso na sociedade e, desse modo, produziu sentido. No caso da nossa pesquisa, pareceu essencial analisarmos os elementos discursivos por meio do texto midiático para que pudéssemos compreender os sentidos que foram cristalizados na opinião pública.

Autores como Michel Pêcheux (2009) e Eni Orlandi (2007) concebem que o discurso não é integralmente linguístico. A sistematização do discurso deriva da sua relação com a exterioridade do texto, vai além do que se vê em uma primeira impressão. Quando se fala em

exterioridade, significa levar em consideração também as condições de produção. Observa-se a situação de enunciação, o contexto da ocorrência, como também o sentido escrito. Fatores de contexto sócio histórico e ideológico. Reflete-se sobre as diferentes espécies do contexto de formação do discurso. No caso Marielle, deveria então ser levado em consideração o contexto em que ocorreu o fato, ou seja, o momento de crise política e de segurança da cidade do Rio de Janeiro. É necessário que conheçamos os enunciados dos discursos midiáticos sobre o caso, o sujeito e o seu local de fala. Exemplos dos diferentes discursos que identificamos são trazidos na qualidade de amostra e recorte de nossa pesquisa. Foram eles no seu conjunto que nos permitiram compreender que houve uma polarização discursiva.

Interpretar um texto não é tarefa difícil, no entanto, buscar compreender o discurso contido num mesmo texto demanda ainda mais trabalho que uma hermenêutica habitual e exige uma dedicada reflexão do analista acerca do seu objeto de estudo.

As notícias sobre o assassinato de Marielle Franco não seriam compreendidas discursivamente se não se conhecesse o contexto em que ocorreram e o momento histórico em que o País passava com sujeitos envolvidos em denúncias e com o combate ao narcotráfico, forçando no espaço social carioca a disputa por ideologias opostas. A pesquisa se preocupou em respeito à teoria e método que a fundamenta, em levar em consideração na análise a exterioridade do argumento, os fatores que o compõem e o alcance dos sentidos de mundo em torno da mera notícia.

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está e o “nunca estará” da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível”. (PÊCHEUX, Michel, 1990, p.8).

Os detalhes, o contexto, todas as características que cercam e que de certa forma interferem no objeto de estudo em AD precisam ser critica e minuciosamente observados. É necessário que o pesquisador haja com desconfiança em relação ao texto. Há de se presumir que quem escreve está deixando abertos implícitos. Na Análise do Discurso trabalha-se com suposições, hipóteses que não precisam estar necessariamente presentes ou serem confirmadas. É necessário procurar conhecer o que está além do texto, o invisível que Michel Pêcheux (1990), aponta que é tão importante para a compreensão do discurso.

Tornou-se lugar-comum dizer que o léxico de uma língua não pode ser considerado independente das ideologias que circula no interior de uma sociedade, das posições de seus usuários. O analista do discurso certamente lida com palavras que figuram nos dicionários, mas não é nele que encontrará todos os elementos que lhe são necessários para apreender o valor de uma palavra em uma formação discursiva determinada. (MAINGUENEAU, Dominique, 1997, p. 151).

Um texto por si só ou uma palavra, não possuem valor discursivo se não inseridas em um contexto, se não levadas em consideração na conjuntura em que se inserem os sujeitos de fala, enfim, todos os fatores que fazem parte de sua representação. Também importa frisar que o discurso propriamente dito preocupa-se centralmente com o que há por trás de uma dada formação discursiva, não se atenta ao óbvio, mas sim às singularidades e subjetividades que o rodeiam.

A perspectiva teórica de Análise do Discurso preocupa-se com a estrutura do texto, mas, também não descarta o conteúdo, contudo, o objeto central de estudo é o discurso, o dito e o não dito de caráter subjetivo. Procura-se encontrar uma razão racional, histórica e contextual para entender o funcionamento do discurso e com isso, poder atentar a observação do lugar de fala do sujeito, do contexto, das circunstâncias dentre outros elementos que constituem o conjunto de enunciados e que por fim lhe dão sentido real.

Michel Pêcheux faz parte da corrente que estuda como a linguagem está estruturada, porém, preocupa-se fundamentalmente com a exterioridade do discurso, o contexto ideológico, o momento e o contexto sócio histórico. A estrutura é uma parte do discurso, mas não deve ser entendida como o todo. Para o autor, o discurso produz sentidos através dos contextos em que se insere. Nesta concepção, é necessário que o analista do discurso entenda o sujeito que se analisa, quem está dizendo o que e bem como qual a sua relevância para a conjuntura em que se encontra.

Na Análise de Discurso, o sujeito é visto como marca do discurso; e esse discurso se realiza no sujeito, mesmo que os processos discursivos não tenham sido originados do sujeito. Em continuidade na ideia de discurso, de acordo com Eni Orlandi (2011), há a possibilidade de inserção ideológica, e entende-se que toda formação discursiva se caracteriza por sua relação com a formação ideológica. Compreende-se que o discurso é concebido através de

inúmeros elementos que o compõe, e dentro destes, há sujeitos que o integram a partir de suas experiências de mundo.

Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referencia ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. (CHARAUDEAU, Patrick, 2006, p.67).

A maneira de como se dá a comunicação e os dizeres discursivos em um determinado contexto estão também ligados à credibilidade dos sujeitos e dos veículos de comunicação que sejam capazes de influir no público receptor. O discurso é formado através do ato da comunicação, de interesses individuais por meio da linguagem. A partir desta noção, entendeu-se que uma determinada informação acerca do caso Marielle Franco, por exemplo, para produzir sentidos discursivos, precisava ser desempenhada por um sujeito que possuísse representação social na situação de troca.

Então buscamos compreender, com base em pressupostos do linguista Ferdinand Saussure que estudou a linguagem humana pelo que foi reconhecido como o pai do Estruturalismo, como os significados se constituíam. Em Saussure, o discurso acontece a partir da divisão que foi feita pelo autor entre a língua (estrutura linguística) e a fala (modo singular em que a fala se pronuncia na linguagem).

Pioneiro em estudos sobre o estruturalismo Ferdinand Saussure dividiu a língua em objeto de estudo, de acordo com Rômulo Rodrigues (2008). Saussure pensava a linguagem por estruturas, em camadas superficiais e profundas. Foi um revolucionário na linguagem quando dividiu as palavras em significado e significante. O significado não está exatamente ligado às palavras, ou seja, nesta perspectiva falar não significa que tenha um significado, as palavras mudam, a língua é dinâmica, se produzem coisas novas e entendimentos diferentes, uma frase ou uma palavra pode não ser entendida da mesma maneira para todas as pessoas, ou seja, é uma representação mental da palavra dita. Já o significante está relacionado com a fonética da palavra, a forma como foi dito e também a imagem semântica que carrega.

Foi Ferdinand Saussure quem definiu a língua como objeto da linguística. A referida concepção teórica é indispensável para que possamos entender que a linguagem é essencial

para compreendermos o discurso, além do mais, a partir da perspectiva teórica de Saussure pode-se afirmar que existe uma interdisciplinaridade na pesquisa, ou seja, os estudos linguísticos apontam para ideia de que a linguagem é multiforme e heterogênea. A linguagem não é composta por padrões únicos; existe uma diversidade em sua forma.

Essa noção de interdisciplinaridade nos remete à ideia de convergência entre áreas do conhecimento. O analista em discurso precisa levar em consideração a perspectiva interdisciplinar, pois, os discursos são formados por uma combinação de áreas divergentes do conhecimento, e dentro disso o pesquisador precisa disciplinar-se para entender um dado discurso. O jornalismo pode usar conceitos de direito, por exemplo, isso é interdisciplinaridade. Então existe uma união em prol do conhecimento entre áreas distintas ou complementares. A ideia de interdisciplinaridade acredita que disciplinas se cruzem e que busquem elementos a partir de outras áreas da ciência. Supõe intersecções.

A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos de uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação. (CHARAUDEAU, Patrick, 2006, p.34).

É através da linguagem que um discurso adquire forma e sentido, não haveria formações discursivas se não houvesse linguagem e comunicação. Michel Pêcheux (2009) propõe que a língua é dinâmica e que as palavras podem mudar de sentido, estão sujeitas a interpretações e má interpretações, a serem palavras não entendidas. O Pós-estruturalismo é inseparável da noção estruturalista, no entanto, nesta nova concepção significado e significante possuem uma relação direta entre si, mas o significante se faz ainda maior que o conceito de significado. Deste modo é possível fazer análise de discurso através deste significante maior. O significante adquire sentido através dos sujeitos que estão por trás das palavras, pois, desta forma, é possível compreender os dizeres discursivos de determinado ato de linguagem.

Para Michel Pêcheux (2009) a perspectiva de Análise do Discurso precisa estar atenta aos atos de linguagem como um todo. Buscar compreendê-los através não só de suas

estruturas linguísticas que seguem uma lógica de início meio e fim, mas, ir além através da exterioridade da língua e a sua materialidade bem como a do discurso. Entende-se o discurso através de seus efeitos que adquire entre os locutores, os sujeitos em sua história envoltos pelas questões de tempo e espaço na sociedade em que se encontram. Para interpretar um discurso é necessário antes conhecer a linguagem como sua exterioridade e a relação que os sujeitos possuem com a linguagem e como elementos se tornam ou não coesos na construção de sentidos. Maingueneau (1997) cita alguns exemplos de análise de coesão textuais, “recorre a um campo de problemas diversos: fenômenos de anáfora em sentido amplo, recuperações pressuposicionais, progressão temática, narratividade, argumentação, etc.” (MAINGUENEAU, Dominique, 1997, p.159).

Os estudos de Análise do Discurso, como já referido, são advindos da linguística e possuem como principal intuito observar como ocorrem as formações discursivas em um determinado contexto. Não se preocupam com o conteúdo, mas com a forma com que foi concebida a informação ou ato de fala, como são geradas as reações dos sujeitos por meio da linguagem. Procura-se a compreensão dos fenômenos através do que foi proferido pela linguagem discursiva de um texto por meio de estruturas e acontecimentos onde se constrói o momento discursivo. A pesquisa tem como critério buscar o entendimento das construções ideológicas e argumentos no discurso da mídia sobre o caso Marielle e não se abstém de procurar entender os textos com que lida no objeto de estudo.

Michel Foucault (2011) também trabalha em seus estudos com a questão dos elementos exteriores ao discurso, a exterioridade enquanto regra de análise.

Não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar as suas condições externas de possibilidade, aquilo que dá lugar a série aleatória desses acontecimentos e fixar suas fronteiras. (FOUCAULT, Michel, 2011, p.53).

Busca-se também nesta perspectiva então a compreensão do discurso proferido através da linguagem por meio de elementos como o contexto social e a entonação de fala, por exemplo. Em Análise do Discurso, é necessário que sempre antes de conhecer um dado objeto se conheça o contexto em que se formou ou determinou a enunciação. A materialidade do

discurso é construída pela estrutura e pelo acontecimento além do valor ideológico que o discurso carrega. Esses aspectos são importantes para que o analista em discurso consiga compreender o seu objeto de estudo.

A análise do discurso presta-se ao leitor cujo objetivo de pesquisa não descarta o conteúdo, ou seja, o que está sendo dito sobre determinado tema, mas vai além. Investiga como o conteúdo é usado para o alcance de determinados efeitos. Assim, se é importante verificar a forma pela qual se diz alguma coisa, a análise do discurso é recomendada como método de pesquisa; se, ao contrário, basta verificar o que se fala, a análise de conteúdo parece viável. (VERGARA, apud DITTRICH, 2016, p.48).

Na análise de discurso parte-se do princípio que todo o discurso possui uma intenção, porém, na teoria o pesquisador não procura a compreensão das consequências, suas causas e efeitos e, sim, procura compreender os processos que formaram aqueles discursos.

O analista em discurso precisa ser profundo e analisar o discurso sobre todos os ângulos possíveis, pois se entende nesta perspectiva que nenhum ato de linguagem é por todo inocente e há sempre uma intenção. Trabalha-se com a desconfiança e a interpretação. Na visão de Dominique Maingueneau (1997) o analista de discurso entende que em todo enunciado há implícitos.

Ele supõe que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível. É o espaço escolar que lhe confere autoridade e garante que os textos analisados possuem, de fato, uma significação oculta, mesmo que um ou outro analista se mostre incapaz de decifrá-la (MAINGUENEAU, Dominique, 1997, p. 11).

Para que se possam compreender determinados discursos como trabalho na presente pesquisa é preciso que se identifiquem quais foram os elementos discursivos que geraram um dado discurso; o que está por detrás dos enunciados linguísticos do texto. Também é necessário conhecer o contexto histórico e os conceitos ideológicos em que se encontra o objeto através de uma análise metódica e bem estruturada. Eni Orlandi (2011) aborda as características do discurso.

Análise do discurso, acredito não é um nível diferente de análise, quando pensamos em níveis como o fonético, o sintático, o semântico. É, antes, um ponto de vista diferente. Isto é, o problema é antes de tudo metodológico. Pode-se trabalhar, na perspectiva da análise de discurso, com unidades de vários níveis-palavras, sentenças, períodos, etc. – sob o enfoque do discurso. Isso não significa que essas unidades não tenham a especificidade de seu nível- isto é, lexical, morfológico, sintático, semântico- mas sim que a perspectiva discursiva também é constituída delas, também fornece dados. (ORLANDI, Eni, 2011, p. 116).

Quando se estuda Análise do Discurso (AD) é levado em consideração o discurso em si, as suas formas e as marcas discursivas presentes, além dos detalhes que parecem obscuros, as particularidade intrínsecas que fogem ao olhar. Observa-se o implícito da linguagem e a entonação de fala e até mesmo o silêncio, que por si só já produz sentido dependendo do contexto em que se insere. Conforme Eni Orlandi (2011) em AD o lugar de fala do sujeito é definitiva para a análise, pois o discurso pode ser entendido através do local de fala e da relação entre os indivíduos.

O assassinato de Marielle Franco obteve repercussão midiática em todo o País e todos estes aspectos ou marcas precisam ser considerados. Também será fundamental ter-se em conta que os discursos midiáticos em torno do assassinato e de quem foi a vítima, exteriorizaram-se para outros países os quais também compartilharam as notícias sobre o caso. Houve muitas notícias e dizeres discursivos. A pesquisa delimitou os discursos através de tipologias discursivas. Serão analisados para efeito desta pesquisa os tipos de discursos político de direita e esquerda, reconhecidas na amostra, marcados por suas variáveis noticiosas e opinativas, militantes e radicais, de esquerda ou de direita. Entende-se que houve uma polaridade discursiva acerca do acontecimento. Não aconteceu apenas uma maneira de noticiar o fato.

Será necessário recorrer à Análise Retórica do Discurso. Observarem-se as formas como o sujeito se expressa. Neste caso, os sujeitos midiáticos. Nesta perspectiva de análise, compreende-se que existem pontos diferentes e opostos e também que a análise nunca é prescritiva, já que ela não dita o que deve ou não acontecer na prática. Não existe um padrão retórico a ser seguido. Tem-se a intenção de conhecer o que foi referido e porque o foi sem se preocupar com o princípio de causa e efeito do discurso.

A análise retórica inscreve-se, portanto, na pesquisa qualitativa, amparada na metodologia reflexiva. Entende-se a reflexão “como as próprias interpretações do pesquisador, a capacidade de olhar suas próprias perspectivas da perspectiva dos outros, bem como a capacidade de autocrítica acerca de sua autoridade como intérprete e como autor”. (VERGARA, apud DITTRICH, 2016, p.54).

Conforme cita Ivo Dittrich (2016) a análise Retórica do Discurso parte da concepção de que o analista precisa ser reflexivo acerca do seu objeto de estudo. Na pesquisa, é necessário que se observe sobre todos os aspectos não se abstendo de uma perspectiva já previamente estruturada. O pesquisador em análise retórica precisa ter a capacidade de se colocar no lugar de fala do outro. Buscar a compreensão do que aconteceu em um determinado contexto de fala e não necessariamente procurar entender a questão discursiva, mas sim, compreender com olhar crítico as várias faces que compõem um discurso.

Um discurso retórico é considerado eficaz quando o enunciador atinge o seu objetivo. A retórica parte do princípio de que todo o discurso tem como principal finalidade a persuasão, isto desde a retórica antiga em Aristóteles, para quem a retórica pareceu ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. E por isso afirmamos que, como arte, as suas regras não se aplicam a nenhum gênero específico de coisas. (ARISTÓTELES, apud OLIVEIRA, 2017, p.44). A persuasão é vista então a partir de Aristóteles, como uma maneira de atingir o público baseada no ato de persuadir.

De fato existem várias retóricas, como a Retórica Antiga, Clássica, a Retórica das Figuras, a Nova e Retórica, a Retórica do Discurso, a da Semiótica, no entanto, todas possuem características em comum quanto à questão da finalidade em que se insere a retórica: a persuasão. Não obstante, no trabalho vamos abordar a retórica como método de análise baseada na Nova Retórica onde se entende que todo discurso sempre tem uma intensão por trás do enunciado. Chaïm Perelman, percussor nos estudos da Nova Retórica a define como:

Em oposição à antiga, diz respeito aos discursos dirigidos a todas as espécies de auditórios, [...] a teoria da argumentação concebida como uma nova retórica (ou uma nova dialética) cobre todo o campo do discurso que visa convencer ou persuadir seja qual for o auditório a que se dirige e a matéria a que se refere. Poder-se-á completar, se parecer útil, o estudo geral da argumentação com metodologias especializadas segundo o tipo de auditório e

o gênero da disciplina. Poder-se-ia, assim, elaborar uma lógica jurídica ou uma lógica filosófica, que mais não seriam do que aplicações particulares da nova retórica ao direito e à filosofia. (PERELMAN, Chaïm, 1993, p. 24-25).

Na retórica entende-se que há poderes no ato de linguagem e que os discursos por si só possuem características retóricas acerca das particularidades individuais de cada indivíduo de acordo com sua cultura, ideologia e visão de mundo. Como visto em Chaïm Perelman (1993) o discurso em retórica é tido como não inocente, ele possui uma bagagem por debaixo de cada palavra reproduzida e, além disso, entende-se que um discurso retórico produz impacto através da argumentação na comunicação.

É através da retórica argumentativa que o caso Marielle Franco adquiriu sentido no seio social. Nesta perspectiva de Chaïm Perelman (1993), o discurso é baseado na argumentação que tem como intuito persuadir o seu auditório final quanto a sua intencionalidade através da linguagem ou oratória.

Em geral, as teorias da argumentação oscilam entre uma concepção “retórica”. O estudo da argumentação em língua deixou, pouco a pouco, de copiar os modelos utilizados na demonstração matemática; isso teria ocorrido, talvez, em função de que a “argumentação” é sempre construída por alguém, contrariamente a uma demonstração que pode ser feita por “qualquer um”. Trata-se, pois, de um processo, pelo menos virtualmente, dialógico. (MAINGUENEAU, Dominique, 1997, pp. 159-160).

A ação argumentativa segundo Dominique Maingueneau (1997) faz parte do discurso retórico, maneira pela qual se consegue produzir sentido no receptor final. O analista de discurso deve levar em consideração o contexto argumentativo no qual o indivíduo utiliza-se da linguagem para argumentar a respeito de determinada tese. O analista precisa delimitar a argumentação do discurso e da língua, ambas se complementam, mas não são iguais.

Na Análise do Discurso para se entender o funcionamento discursivo deve atentar-se às particularidades argumentativas que se sucederam nos discursos. E neste contexto entra na retórica do discurso o elemento da persuasão, onde os discursos através de suas formas argumentativas dialógicas influenciam o interlocutor. A argumentação é parte da Análise do Discurso como anteviu Dominique Maingueneau (1997).

O analista em discurso retórico deve se atentar para as particularidades da linguagem, bem como em relação ao contexto sócio e histórico, a relação entre os sujeitos de fala e seus interesses. A retórica visa estabelecer parâmetros através dos quais compreenda as articulações feitas em um determinado discurso que produziu efeitos. Procura explicar de maneira metodológica o porquê de aquele discurso ser retórico e ter acontecido de determinada maneira e qual o seu intuito.

A contextualização do objeto é sempre essencial para a compreensão dos fenômenos. Ivo Dittrich numa citação clássica de Mosca (2004) considera que “todo discurso é uma construção retórica, na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão”. (MOSCA, apud DITTRICH, 2016, p. 50). É importante frisar que a persuasão é sempre a característica central da retórica.

O discurso é considerado como persuasivo através de características que lhe são próprias como a sua força, as repetições de fala, as diferentes formas de enunciação, etc. A persuasão é entendida como processo através do qual a linguagem influencia e determinado receptor busca adesão. “A retórica de um discurso é uma qualidade que o particulariza”. (DITTRICH, 2016, p.51). De acordo com ele, a comunicação envolve retórica e um discurso que é eficiente é aquele no qual o público alvo entenda e em consequência produza efeito sobre o que foi referido. O discurso é retórico quando busca persuadir seu auditório.

Ainda conforme Ivo Dittrich (2016), a persuasão é apenas um dos objetivos do discurso, e que interfere no processo os interesses do auditório, na relação com o orador, na relevância da fala e no tempo e espaço. Os discursos persuasivos usam técnicas e estratégias para conquistar seu objetivo, por isso é interessante analisar o discurso em seu contexto, reconhecendo tais estratégias. Desta forma, consegue-se a compreensão dos processos que fizeram parte da construção discursiva. Em última análise, só assim compreende-se de fato o que disseram os meios sobre que fatos.

### 3 O ASSASSINATO DA VEREADORA DO PSOL MARIELLE FRANCO

O presente capítulo contextualiza o assassinato da vereadora do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), Marielle Franco, fato que gerou polaridades discursivas na mídia. Entendemos por polaridade do discurso no referido caso a divisão tipológica que ocorreu nas narrativas midiáticas sobre o assassinato da vereadora.

Nossa pesquisa compreendeu que houve uma diferença entre dizeres discursivos de caráter político, direita radical e esquerda militante. Apresentamos no decorrer deste capítulo um resumo sobre quem foi Marielle Franco e sua atuação em sociedade bem como o contexto social no País quando ocorreu o crime contra Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes.

O assassinato da vereadora Marielle Franco aconteceu no dia 14 de março de 2018, por volta das 21 horas e 30 minutos no bairro Estácio, região central da cidade do Rio de Janeiro. O veículo em que a vereadora estava no momento do crime transitava pela Rua Joaquim Palhares quando foi atingido por tiros. Marielle voltava de um encontro contra o racismo na região da Lapa no Rio de Janeiro. No momento do crime Marielle Franco, estava acompanhada de sua assessora parlamentar, Fernanda Chaves e do motorista, Anderson Gomes, que também foi morto. A única sobrevivente do ato sangrento foi a assessora, Fernanda Chaves, atingida apenas por fragmentos de balas.

Marielle Franco sofreu uma perseguição até ser morta. O carro em que andava foi perseguido por outro automóvel que emparelhou ao de Marielle e uma sequência de disparos foi realizada sobre o carro em que ela estava. Foram treze tiros disparados contra o veículo. A vereadora foi alvo de quatro balas que lhe atingiram na cabeça. O motorista Anderson levou três tiros nas costas. Ambos morreram no local.

A mídia retratou o fato na grande maioria das narrativas como se a principal vítima fosse apenas Marielle Franco, renunciando-se de evidenciar também da mesma maneira o motorista Anderson Gomes. Neste caso houve morticínio do coadjuvante.

Anderson Gomes também foi vítima dessa situação tanto quanto Marielle, no entanto, o mesmo não recebeu destaque como a vereadora na mídia porque Anderson não tinha um cargo público como também não era conhecido da mesma forma que a vereadora, deste modo, as notícias tinham como principal finalidade dar visibilidade a Marielle e sua ação na

sociedade, bem como, na política. Da mesma maneira, os fatos por meio da investigação policial demonstraram que o ataque foi orquestrado para atingir Marielle. Todos os indícios do crime apontaram para um possível cumprimento de execução contra a vereadora. Anderson assim como Marielle foi mais uma vítima de violência.

Durante a investigação realizada pela polícia descobriu-se, por meio de imagens de câmeras de segurança, que o veículo utilizado pelos criminosos era clonado. Este fato levou à conclusão de que os assassinos que seguiram o carro de Marielle já estavam espionando a rotina da vereadora. Todas essas referências apontaram para crime de execução, uma ação que foi planejada e executada nos mínimos detalhes contra a vereadora do PSOL, além do que, os bandidos fugiram sem levar nada o que conclui que os envolvidos não tinham outro interesse maior do que acabar com a vida de Marielle Franco.

A forma como ocorreu o ataque leva a entender que foi estratégico e administrado minuciosamente. O único indício de pistas deixadas pelos criminosos foram as munições utilizadas no crime que pertencia a um lote roubado da Polícia Federal, o chamado lote UZZ-18, com base nas informações divulgadas pelo Jornal da Globo<sup>7</sup> do dia 16 de março de 2018. As balas eram de calibre nove milímetros e faziam parte de um carregamento adquirido pela PF de Brasília no ano de 2006 que foi desviado por policiais corruptos, dentre esses, um escrivão da Superintendência da Polícia Federal do Rio de Janeiro, Cláudio Coelho acusado e preso no ano 2007. Houve repasses dessas balas para organizações criminosas do Rio de Janeiro.

O lote de munições UZZ18 desviados da Polícia Federal foi vendido de forma irregular de acordo com a investigação do caso. No carregamento, havia ao menos 1.858.000 cápsulas, quantidade essa que não é permitida no País. No Brasil é aceito por lei através da portaria do exército Brasileiro<sup>8</sup> de número 16-D LOG, do dia 28 de dezembro de 2004, o padrão de apenas 10 mil em munições no máximo por lote.

O lote comprado pela Polícia Federal foi enviado para 26 Estados e para o Distrito Federal. Inquéritos foram realizados na cidade do Rio de Janeiro porque a Polícia encontrou

---

<sup>7</sup> O link para o Jornal da Globo do dia 16 de março de 2018 está disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6586397/programa/>> Acesso em: 20 de março de 2018.

<sup>8</sup> Portaria do Ministério da Defesa e Exército Brasileiro disponível em: <[http://www.dfpc.eb.mil.br/phocadownload/Portarias\\_EB\\_COLOG/Portaria\\_16-DLog\\_de\\_28Dez04.pdf](http://www.dfpc.eb.mil.br/phocadownload/Portarias_EB_COLOG/Portaria_16-DLog_de_28Dez04.pdf)> Acesso em: 09 de agosto de 2018.

cápsulas do mesmo lote usado no caso Marielle em outros crimes. A Polícia Federal do Rio esteve em fase de investigações até o mês de setembro de 2018 procurando os envolvidos no caso, pois, ainda não se chegou a conclusões, apenas suspeitos, até o momento da entrega deste trabalho de conclusão de curso, capítulo III, no mês de setembro.

A polícia Federal e Civil do Rio de Janeiro ainda manteve sob sigilo o rumo das investigações. Não se teve até setembro de 2018 nenhuma conclusão sobre o motivo que ocasionou a morte da vereadora, somente suspeitos de orquestrar o seu assassinato, que foram presos e que negam participação. O que se tem de concreto por meio do inquérito policial é que existem razões ocultas e fatores políticos em torno da morte de Marielle Franco, pois, políticos são apontados como suspeitos, como será apresentado no decorrer do trabalho.

Alguém quis afastar a vereadora de seu caminho, seja porque prejudicasse supostos planos ou negócios ou ainda, por outras razões políticas, conforme foi apontado pela Revista Veja<sup>9</sup> disponível na web do dia 26 de abril de 2018. Marielle carregava consigo posicionamentos fortes e por esta razão poderia ter incomodado muita gente que ficou descontente com sua atuação e ideais políticos. Marielle Franco mantinha causas sociais em que lutava e era crítica ao que pelo seu ponto de vista feria a constituição e os direitos humanos.

Segundo o site oficial<sup>10</sup> em memória de Marielle Franco, a vereadora era contra a ação policial no Rio de Janeiro e militante em favor das minorias. Atuava no combate contra a violência policial, a corrupção e a discriminação racial. Estava muito engajada em levar adiante suas crenças e ideologias de uma cidade mais justa e humanizada. Militante, Marielle trazia enunciados como: “A gente sabe que a gente está ativa, está resistindo o tempo todo”; “Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra aos pobres acabe?”; “A vida no Rio de Janeiro anda muito ameaçada, mas tem muita resistência também”.

Logo no primeiro mês das investigações, em março, havia muito tumulto e a polícia não tinha pistas sobre o caso e a direção a prosseguir. Não se tinha suspeitos a respeito de quem foi o mandante do assassinato que tirou a vida da vereadora e de seu motorista Anderson Gomes. No decorrer da investigação o rumo do processo foi mudando por meio de

---

<sup>9</sup> As informações da Revista Veja do dia 26 de abril estão disponíveis em: <<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/sabe-se-quem-mandou-matar-marielle-mas-falta-a-prova/>> Acesso em: 01 de maio de 2018.

<sup>10</sup> O site oficial em memória de Marielle Franco e Anderson Gomes se chama: *Memória e Ação por Marielle e Anderson*, disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/>> Acesso em: 12 de abril de 2018.

novas pistas. No dia 10 de maio de 2018 a polícia realizou uma simulação de como foi o momento do crime.

A reprodução foi feita no local do acontecimento, na zona norte do Rio Janeiro, nas ruas do Estácio com início às 23 horas da noite até aproximadamente às 04 horas e 15 minutos da manhã. Segundo informações do jornal Folha de São Paulo<sup>11</sup> do dia 10 de maio, a reconstituição do crime foi feita pela Polícia Civil e foram usadas armas e munições reais, exatamente como se supõe que ocorreu no dia 14 de março. O intuito era que a partir do som das armas, as testemunhas pudessem reconhecer como foi exatamente o crime, o tipo da arma usada e como os bandidos atiraram, auxiliando na compreensão do desenvolvimento do crime, além disso, o momento serviu para que a polícia pudesse comparar as diferentes versões ouvidas através das testemunhas do caso.

De acordo com informações do jornal O Globo, do dia 12 maio de 2018, a reconstituição do crime contou com a ajuda da principal testemunha do caso, a assessora de Marielle Franco, Fernanda Chaves, que ajudou a polícia nos detalhes que se lembrava e também testemunhas que estavam próximas ao local.

Com a simulação do acontecimento, buscou-se a partir dos relatos e do desenvolvimento da ação que a polícia pudesse conseguir possíveis provas para o inquérito, já que não havia imagens concretas que pudessem comprovar a ação dos bandidos e nem se chegar a um culpado sem uma investigação minuciosa. Foram levadas em consideração também pela polícia as condições climáticas, pois, o simulado deveria ser o mais próximo possível do real. Todos os detalhes da reconstituição do crime foram avaliados para que se chegasse a conclusões acerca de indícios do modo como agiram os criminosos e suas habilidades com o armamento.

Marielle Franco foi atingida com quatro tiros na cabeça e Anderson ao menos três tiros nas costas. Além do mais, com a reconstituição do crime foi possível a confirmação de que as vítimas foram atingidas por tiros de uma submetralhadora HK MP5, de calibre nove milímetros e não por uma pistola comum como se pensava no início das investigações, porém,

---

<sup>11</sup> As informações do Jornal Folha de São Paulo do dia 10 de maio de 2018 estão disponíveis através do link: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/policia-faz-reconstituicao-da-morte-de-marielle-com-testemunhas-e-tiros.shtml>> Acesso em: 12 de maio de 2018.

ambas podem usar a munição de calibre 9 milímetros. Conforme o portal de notícias G1<sup>12</sup>, a submetralhadora em questão é usada pela polícia em casos de muita precisão. A Polícia Civil também concluiu que os criminosos usaram um silenciador de ruídos na submetralhadora para amenizar o barulho dos disparos.

O crime gerou comoção no País inteiro e inclusive no exterior e ocasionou manifestações com a principal palavra: “justiça”. Pessoas próximas a Marielle como também a população em geral acreditavam que o assassinato foi um ato de execução contra a vereadora, devido às características do crime.

Além do mais, o caso Marielle Franco deixou marcas na política do País como no exemplo das assessoras políticas da vereadora que lançaram candidatura em memória de Marielle. Segundo as assessoras a candidatura se deu por conta de um desejo comum das mesmas em continuarem o legado da vereadora. Marielle Franco tinha projetos sociais em andamento e causas que defendia e que serão levados adiante pelas suas assessoras.

Ao decorrer das investigações, colegas vereadores de Marielle Franco foram chamados para depor. Também no final de março testemunhas do caso relataram à imprensa que não haviam prestado depoimento na Delegacia de Homicídios, pois, logo após o assassinato os policiais responsáveis pelo caso chegaram ao local do crime e mandaram que todos saíssem sem os ouvir.

Após 42 dias do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes o carro em que os dois estavam juntamente com a assessora da vereadora do PSOL, Fernanda Chaves, foi levado à Delegacia de Homicídios ao Instituto de Criminalística para passar por exames periciais, fato que gerou críticas em redes sociais devido à demora na apuração do crime. Outro fato que também esteve presente no caso foi a descoberta através da investigação policial de que ao menos metade das câmeras de segurança foram desligadas por cerca de 3 km do trajeto em que Marielle percorreu. De acordo com fontes do jornal, O Globo<sup>13</sup>, do dia 03 de maio de 2018, de onze câmeras de segurança, dessas apenas seis funcionavam.

---

<sup>12</sup> As informações sobre o armamento usado estão disponíveis através do link do dia 22 de maio de 2018 pelo portal de notícias G1: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/submetralhadora-como-a-que-matou-vereadora-marielle-sumiu-de-arsenal-da-pf.ghtml> > Acesso em: 23 de maio de 2018.

<sup>13</sup> As informações do jornal O Globo do dia 03 de maio estão disponíveis através do site: <<https://oglobo.globo.com/rio/camera-no-estacio-foi-desligada-na-vespera-das-mortes-de-marielle-anderson-2-22647657>> Acesso em: 01 de junho de 2018.

### 3.1 Suspeitos de envolvimento no caso Marielle Franco

Em 09 de maio de 2018 se pronunciou uma testemunha sob proteção da Polícia Civil da cidade do Rio de Janeiro. A testemunha prestou depoimentos relatando detalhes sobre o assassinado de Marielle e Anderson. O depoente indicou como suspeito de mandante do crime o vereador Marcelo Siciliano (PHS) e o ex-PM Orlando Oliveira de Araújo, que é chefe de uma milícia no Rio de Janeiro, na Zona Oeste. Segundo informações do Jornal O Globo, do dia 10 de maio de 2018, o declarante afirmou ter procurado a polícia por estar sendo ameaçado de morte pelo ex-policial Orlando de Araújo, que está cumprindo pena. O delator informou que o vereador e o ex-PM queriam a morte de Marielle Franco porque a vereadora estava interferindo através de ações sociais em áreas de interesse da milícia na Zona Oeste da cidade.

O ex-PM Orlando Araújo é suspeito de chefiar uma milícia no Rio de Janeiro. O vereador Marcelo Siciliano também foi apontado como parceiro de Orlando Araújo, ambos, teriam ligação com grupos paramilitares, milícias. De acordo com informações do Nexo Jornal<sup>14</sup>, Marielle estava atrapalhando os negócios do grupo, que pretendiam expandir o seu território para outras localidades da cidade.

Orlando Araújo e Marcelo Siciliano negaram participação no crime e também negaram se conhecer. Segundo o Jornal El País<sup>15</sup>, do dia 20 de março de 2018 “os grupos milicianos são famosos pela violência com que agem”. Os integrantes da milícia cobram por suas ações a moradores e comerciantes de localidades em que dominam os negócios.

---

<sup>14</sup> As Informações do Nexo Jornal do dia 10 de maio de 2018 estão disponíveis em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/05/11/Quais-os-avan%C3%A7os-na-investiga%C3%A7%C3%A3o-sobre-o-caso-Marielle>> Acesso em: 12 de maio de 2018> Acesso em: 23 de maio de 2018.

<sup>15</sup> As informações do Jornal El País do dia 20 de março estão disponíveis em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/politica/1521481656\\_961928.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/politica/1521481656_961928.html)> Acesso em: 30 de março de 2018> Acesso em: 03 de abril de 2018.

Conforme dados do portal de notícias G1<sup>16</sup> as milícias atuam na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

No dia 30 de maio, um suspeito foi preso pelo assassinato de Marielle Franco, Thiago Bruno Mendonça, mais conhecido como Thiago Macaco, que segundo informações da revista Veja<sup>17</sup> do dia 30 de maio de 2018, foi responsável pela clonagem do carro usado no crime e também por ter levantado as informações sobre a rotina de Marielle. Além do mais, Bruno é acusado pela morte de um colaborador de Marcelo Siciliano, Carlos Alexandre Pereira, que seria chamado a depor. A polícia já realizou outras prisões de supostos executores do crime, um deles foi Rondinele de Jesus. A polícia Civil também esteve em busca por outro suspeito no mesmo período, Ruy Ribeiro Bastos.

Em 12 de julho de 2018 o caso Marielle Franco voltou a ser notícia na mídia brasileira, pois, nesta completou-se 120 dias da morte da vereadora e de seu motorista Anderson Gomes e que até então não se tinha nenhuma conclusão sobre o que ocasionou os assassinatos. A data reuniu milhares de pessoas que protestaram e cobraram por respostas e justiça na inquirição policial.

É importante ressaltar que o caso volta a pautar a agenda midiática a cada novidade na apuração, ou como, no exemplo a demora que ocorre na investigação e a repercussão dada à mesma pela mídia. A polícia, no entanto, segue até o momento dos 4 meses de assassinato sem resolução do caso Marielle Franco e Anderson Gomes, mantendo sob sigilo no rumo das investigações.

A Anistia Internacional também cobrou por respostas e eficácia no rumo das investigações policiais que passados cinco meses, em agosto, ainda continuou sem solução para o crime. Segundo informações do Jornal El País<sup>18</sup>, a Anistia colocou em dúvida a credibilidade da polícia sugerindo uma comissão externa ao caso, ou seja, formada por

---

<sup>16</sup> As informações do portal de notícias G1 do dia 09 de maio de 2018 estão disponíveis em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/seguranca-pedi-que-miliciano-citado-por-delator-como-um-dos-mandantes-da-morte-de-marielle-saia-do-rj.ghtml>> Acesso em: 12 de maio de 2018.

<sup>17</sup> As informações da revista Veja do dia 30 de maio de 2018 estão disponíveis em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/policia-prende-suspeito-de-envolvimento-na-morte-de-marielle-franco/>> Acesso em: 15 de junho de 2018.

<sup>18</sup> As informações do Jornal El País do dia 22 de julho de 2018 estão disponíveis em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/17/politica/1531841201\\_360019.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/17/politica/1531841201_360019.html)> Acesso em: 23 de julho de 2018.

profissionais especialistas, como os peritos, para que se possa ter acesso à apuração isento de interesses, monitorando o trabalho policial.

Segundo informações do portal de notícias G1<sup>19</sup>, no dia 14 de agosto, a Anistia Internacional fez a entrega de um documento oficial para à Secretária de Segurança da cidade do Rio de Janeiro cobrando por resultados na investigação policial e um maior empenho na apuração, apontando para possíveis negligências no andamento do caso.

No dia 24 de julho de 2018 a polícia da cidade do Rio de Janeiro prendeu dois suspeitos de envolvimento no assassinato de Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes. De acordo com informações do portal de notícias UOL<sup>20</sup>, um dos maiores em serviços de comunicação digitais, os envolvidos são identificados como Alan Nogueira, ex-PM, e Luis Cláudio Ferreira Barbosa que é ex-bombeiro, ambos teriam agido supostamente a mando de Orlando Araújo. Os envolvidos, no entanto, negam as acusações. O ex-PM, Alan Nogueira é acusado de ser um dos integrantes presentes no carro em que estavam os participantes do assassinato da vereadora e de seu motorista.

No mês de julho houve um avanço significativo na investigação policial sobre o caso, logo após a prisão de Alan Nogueira e Luis Cláudio Ferreira, no dia 24 de julho, mais duas pessoas foram incriminadas e tiveram a prisão preventiva decretada por suspeitas de estarem envolvidas no crime e presentes no carro de onde surgiram os disparos. Os apontados são William da Silva Sant'Anna e Renato dos Santos. Conforme informações do jornal O Globo<sup>21</sup>, os nomes dos supostos envolvidos foram reconhecidos por uma testemunha que esteve sob proteção policial, um ex-miliciano.

Atualmente até o momento de entrega do trabalho, no mês de outubro do ano de 2018, o caso Marielle Franco não foi solucionado. A opinião pública expressa em redes sociais, por exemplo, continua a cobrar eventualmente por respostas as possíveis causas do assassinato de Marielle e Anderson Gomes. Os internautas acreditam que há impunidade na investigação

---

<sup>19</sup> As informações do portal de notícias G1 do dia 14 de agosto de 2018 estão disponíveis em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/08/14/caso-marielle-cinco-meses-apos-assassinato-anistia-entrega-documento-a-autoridades-do-rj-exigindo-respostas.ghtml>> Acesso em: 15 de agosto de 2018.

<sup>20</sup> As informações do portal de notícias UOL do dia 24 de julho de 2018 estão disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/07/24/policia-do-rio-prende-ex-pm-suspeito-de-estar-no-carro-de-assassinos-de-marielle.htm>> Acesso em: 24 de julho de 2018.

<sup>21</sup> As informações do jornal O Globo do dia 27 de julho de 2018 estão disponíveis em: <<https://oglobo.globo.com/rio/justica-decreta-prisao-de-mais-dois-suspeitos-da-morte-de-marielle-franco-22922124>> Acesso em: 28 de julho de 2018.

através de postagem em redes sociais com dizeres, como no exemplo, “exigimos uma investigação rigorosa no caso”, “queremos justiça, quem mandou matar Marielle Franco?”. Frases como estas são expressas em redes sociais, seja no Instagram, Twitter ou Facebook.

Meios de comunicação como o jornal El País, Jornal Nexo e revista Carta Capital publicam matérias sobre o “avanço nas investigações”, “como anda o caso”, “o que se tem de novidade”. A revista veja publicou notícias com frases como, “a quem interessava matar Marielle”, por exemplo. De certa maneira esses veículos, como outros que abordam o caso constantemente estão contextualizando a opinião pública e a cobrança por mais eficácia na investigação.

### **3.2 Marielle Franco – identidade e trajetória de vida e política**

A identidade em seu contexto tradicional é o que nos caracteriza enquanto pessoa, seja como mulher, negra ou favelada, como se definia Marielle Franco, ou seja, o que nos identifica de modo oposto. Diante desta noção a identidade seria algo complexo de cada ser humano. De acordo com Escosteguy identidade é “como nos construímos, percebemo-nos, interpretamos e nos apresentamos para nós mesmos e para os outros; sobre o deslocamento do indivíduo do seu lugar na vida social e de si mesmo”. (ESCOSTEGUY, apud, PIRES, e TORRE, 2018, p.187).

Neste sentido a autora Carolina Escosteguy (2001) entende que a formação de identidade é um processo em andamento do ser humano em sociedade bem como de sua personalidade. Portanto, como estamos analisando os discursos midiáticos sobre o assassinato de Marielle Franco é necessário que conheçamos um pouco quem foi Marielle e sua identidade.

Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, nascida em 27 de julho de 1979, tinha apenas 38 anos de idade quando foi assassinada em março de 2018. Natural do Rio de Janeiro era moradora da Zona Norte da cidade, Complexo da Maré local que abriga 16 favelas na cidade do Rio de Janeiro se definia como, “cria da favela, mulher, negra, feminista, mãe e defensora dos direitos humanos”. Este era o conceito que Marielle tinha sobre si e sua identidade, além do mais, foi desta maneira que muitas notícias midiáticas

a destacaram. Para Silva (2009) “Identidade e diferença também resultam das culturas e das linguagens das civilizações. Nenhuma delas é característica natural, essencial ou inerente, elas têm que ser ativamente produzidas” (SILVA, apud PIRES, e TORRE, 2018, p. 188). Entende-se a partir do autor que identidade é um processo que advém de um processo de formação do sujeito desde o seu nascimento e convívio social.

Conforme Silva (2009, p.84) a identidade é o processo pelo qual se caracterizam as diferenças de cada ser humano. É o que forma as particularidades de todo cidadão, pois, é justamente na diferença que se dá a formação de identidade. Todo ser humano é individualizado por suas características através de sua identidade pessoal, ninguém será igual a outra pessoa quanto as suas especificidades singulares que os distinguem dos demais. Marielle Franco como qualquer outro cidadão possuía a sua própria base identitária.

De acordo com informações do site oficial sobre Marielle Franco, *Memória e Ação por Marielle e Anderson*<sup>22</sup>, a vereadora começou a trabalhar muito jovem, desde os 11 anos de idade, para ajudar a custear as despesas de seus estudos e também auxiliar nos custos em casa. Marielle sempre estudou em escola pública, mas, carregava consigo o desejo de concluir um curso superior. Foi então que decidiu ir atrás de seus objetivos com o que tinha disponível e ao seu alcance.

Neste sentido, entende-se a construção de identidade de Marielle a partir de seu nascimento, formação social e cultural. Sua caminhada para a formação individual se deu por intermédio de suas relações e visão de mundo. A vida de Marielle enquanto pessoa, sua bagagem e trajetória são determinantes em sua formação de identidade.

A partir desta perspectiva, entende-se que a linguagem também é determinante no processo de identidade. “Nesse contexto, a produção simbólica e discursiva da identidade e da diferença não são assimétricas, elas estão em disputa. Esse processo de produção está sujeito —[...] a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas (SILVA, 2009, p.81)”. Pode-se afirmar que uma dada formação de identidade advém de um contexto, de relações de comunicação, cultura e linguagem. Michel Pêcheux (2009) tem a perspectiva de sujeito e linguagem, pois, a língua é determinante na maneira pela qual o indivíduo constrói sua identidade.

---

<sup>22</sup> O site *Memória e Ação por Marielle e Anderson* está disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/>> Acesso em: 30 de abril de 2018.

A identidade de Marielle Franco neste sentido foi construída a partir de sua vivência, suas relações interpessoais, por sua cultura, contexto de vida, enfim, todas as particularidades próprias de formação de cada sujeito que estão expostos a relações de poder como se referiu Silva (2009), em que os sujeitos em comunicação podem sofrer algum tipo de discriminação social por sua própria identidade social. Marielle Franco tinha como discurso defender a classe de pessoas que sofrem ou podem sofrer quaisquer tipos de preconceitos.

A vereadora Marielle Franco foi aluna de um Pré-Vestibular Comunitário da Maré, curso que despertou um espírito ainda mais crítico quanto à questão de direitos humanos e temática sobre comunidades e favela. No ano de 2002 a vereadora ingressou em Ciências Sociais com bolsa integral pela (PUC-RIO) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde se formou. Após a conclusão do curso Marielle Franco voltou seus objetivos acadêmicos para cursar um mestrado em Administração Pública pela (UFF) Universidade Federal Fluminense e teve como tema de dissertação “UPP – A redução da favela a três letras”.

Relembrando sua trajetória pessoal, Marielle Franco foi mãe aos 19 anos de idade, deu luz a uma menina, Luyara Santos. De acordo com informações do site oficial em memória de Marielle, *Memória e Ação por Marielle e Anderson*, a maternidade fez com que a vereadora se incentivasse ainda mais a lutar pelos direitos das mulheres e direitos humanos. Na época de graduação, Marielle enfrentou inúmeros desafios, dentre esses, a maternidade que contribuiu segundo a própria se referia a crescer ainda mais como pessoa.

É importante ressaltar em nosso trabalho que uma das causas da vereadora persistir em favor de lutas por direitos humanos foi à morte de uma amiga próxima, esta que foi vítima de bala perdida em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré, favela onde Marielle morava, segundo referências de seu site pessoal, Facebook<sup>23</sup>, onde a vereadora compartilhava informações. As questões de violência e injustiças sociais foram determinantes nas escolhas pessoais de vida de Marielle Franco.

O teórico Stuart Hall (2009) entende que na formação de identidade existem forças maiores além do contexto social e cultural em que o sujeito vive. Há uma relação de poder, de forças superiores, como a dominação e opressão que permeiam a construção do sujeito por

---

<sup>23</sup> A página na rede social Facebook de Marielle Franco é disponibilizada através do link: <[https://www.facebook.com/pg/MarielleFrancoPSOL/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/MarielleFrancoPSOL/videos/?ref=page_internal)> Acesso em: 30 de maio de 2018.

meio da globalização e dos diferentes espaços ao qual se está submetido em sociedade. Deste modo, o discurso está presente neste momento, é a forma com que se dá a produção de sentidos através da linguagem.

Essas relações de poder fazem parte da história da sociedade que é regida por direitos e normas a serem seguidas. O autor entende que a identificação do sujeito é uma forma de pertencimento a uma origem ou algo que está sempre em andamento de acordo com a conjuntura social “a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado”. (HALL, 2009, p. 106).

No ano de 2006, Marielle Franco que carregava consigo o discurso de uma cidade mais justa e igualitária, trazia o enunciado de responsabilidade pelo ato de fala. Dominique Maingueneau (2011) observa que o enunciado como referência enunciativa direta é onde o sujeito do discurso é responsável pelo que pronuncia e busca apresentá-lo como verdadeiro. “O indivíduo que fala se manifesta como eu no enunciado e é também aquele que se responsabiliza pela fala, pelo enunciado que proferiu”. (MAINGUENEAU, 2011, p.37). Ingressou na política, sendo nomeada assessora parlamentar do deputado Eduardo Freixo por 10 anos. Logo após se tornar assessora, Marielle assumiu também a coordenação Comissão de Defesa dos Direitos humanos e Cidadania<sup>24</sup> da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Marielle Franco prestava auxílio jurídico e psicológico aos policiais vítimas de crimes e também às famílias de vítimas de homicídio.

Em 2016, Marielle Franco se candidatou ao cargo de vereadora na cidade do Rio de Janeiro pelo PSOL, sendo eleita com 46.502 votos. Marielle ocupou a posição de quinto lugar entre os mais votados do Estado e a segunda mulher mais votada no Brasil. É importante salientar que Marielle Franco teve mais votos em regiões nobres e consideradas de classe média do Rio de Janeiro do que na sua própria comunidade. Esta informação para o ponto de vista discursivo nos parece um pouco contraditória, pois, de certa maneira é um tanto incomum uma vereadora que dizia defender as classes minoritárias ter mais votos em camadas sociais consideradas médias e altas. De certo modo, este bom desempenho em regiões centrais

---

<sup>24</sup> As informações sobre Marielle Franco foram feitas através de uma pesquisa online que levou em consideração o site oficial em memória de Marielle Franco disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/>> Acesso em: 03 de abril de 2018.

Além do mais, foram analisados os perfis em redes sociais de Marielle Franco, bem como, as notícias e informações vinculadas a mídia sobre a vereadora. Neste conjunto destaca-se o Jornal El País, Jornal Nacional, Jornal da Globo, Nexo Jornal, Folha de São Paulo e O Globo. Revistas, Carta Capital e Veja. Também informações de mídias sociais como o Instagram, Facebook, Twitter e Youtube.

do Rio de Janeiro pode ser motivado por sua campanha política e de seus companheiros eleitorais.

Durante sua atuação política Marielle Franco foi presidente da Comissão da Mulher da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro pelo partido (PSOL) Partido Socialismo e Liberdade. De acordo com informações do site oficial em memória da vereadora, *Memória e Ação por Marielle e Anderson*, Marielle trabalhou em organizações sociais como, Brasil Foundation e Centro de Ações solidárias da Maré. A vereadora Marielle Franco sempre esteve ligada a causas e projetos sociais.

O site em sua homenagem foi criado logo após o seu assassinato e tem como definição de principal intuito “esclarecer verdades sobre Marielle”, pois, depois do assassinato circularam notícias falsas a respeito da vida da vereadora, segundo a equipe responsável pelo site que é composta pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Vereadores da cidade do Rio de Janeiro e pela equipe do mandato de Marielle.

O assassinato de Marielle Franco ocasionou “Fake News”, ou seja, notícias falsas, conteúdo midiático com aparência de verdade. Os autores Allcott e Gentzkow (2017, p. 213-214), definem como “notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsas, podendo enganar os leitores”. Essas informações são boatos que circulam como reais. Essas notícias geralmente possuem como conteúdo algum fato atraente, buscam despertar o interesse do leitor. O compartilhamento de “Fake News” atualmente é muito mais facilitado devido às mídias sociais. Com o avanço da tecnologia conforme trabalhou Henry Jenkins (2008), qualquer pessoa pode ser produtora de informação principalmente por conta das redes sociais e a interatividade de conteúdo.

No dia 18 de julho o Profissão Repórter<sup>25</sup>, programa de telejornal da Rede Globo trouxe uma edição destinada às “Fakes News” e sua atuação em sociedade e também no caso Marielle Franco. Conforme informações do Profissão Repórter, foram identificadas através de denúncias 30 mil sites com notícias falsas sobre Marielle Franco logo após o seu assassinato e “Fake News” que geraram pelo menos 360 mil compartilhamentos. A maioria das plataformas e perfis com notícias falsas foram retirados da web. É importante ressaltar que tanto quem produz como quem compartilha conteúdo falso está cometendo crime, que podem ser

---

<sup>25</sup> O programa de reportagens, Profissão Repórter, da Rede Globo do dia 18 de julho de 2018 está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6881744/programa/> Acesso em: 22 de julho de 2018.

classificados como calúnia e difamação, por exemplo, podendo gerar processos jurídicos dependendo da gravidade.

Atualmente já existem grupos de pessoas que trabalham com a checagem de informações em meio a uma crise de disseminação de conteúdos falsos em rede que ocorre devido à facilidade da interação e a instantaneidade no compartilhamento, fato que gera eficiência na propagação de conteúdos falsos na opinião pública com características informativas.

Esses conteúdos na maior parte das vezes visam principalmente denegrir ou destacar a imagem de alguém ou alguma situação e gerar polêmica, ocasionando assim, engajamento com o receptor final. No entanto, através da averiguação das informações se tem a possibilidade de confirmar a veracidade do material, desta forma, é imprescindível a checagem das notícias e a credibilidade da fonte de onde se tira ou lê uma dada informação, além da verificação da data de postagem, bem como, outros veículos de comunicação.

Há também hoje em dia um mercado voltado para a criação de “Fake News”, ou seja, plataformas de notícias com conteúdos voltados exclusivamente para a propagação de notícias falsas que possuem como principal meta alcançar o máximo possível de público, curtidas e compartilhamentos. Para detectar e evitar as “Fakes News” é necessário que o leitor seja cauteloso e não compartilhe nenhum conteúdo duvidoso ou polêmico sem conferir fontes confiáveis na mídia.

Em seus perfis oficiais como nas redes sociais, *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* Marielle Franco se definia como uma mulher de luta, feminista, que lutava em favor dos direitos humanos, a questão de identidade de gênero e contra o racismo. Prezava por um mundo mais democrático quanto à igualdade social. Marielle Franco era defensora da comunidade LGBT e mantinha um relacionamento com Mônica Benício há aproximadamente 18 anos, com quem morava junto. Segundo informações do site oficial em memória de Marielle, em 2017 a vereadora deixou a favela e se mudou com a filha Luyara e a companheira Mônica para o bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro.

Neste sentido, a formação de identidade dos sujeitos também passa pelo sistema normativo de sexualidade. Tal caracterização cria de certa maneira perspectivas regulamentadoras em conformidade com a posição adotada. A ideia de gênero sexual e classe social estão muito ligadas com as questões de identidade e tal problemática gera diversos debates.

Marielle Franco se definia como, negra, da favela, mãe, lésbica, defensora dos direitos humanos e socióloga. A partir disto se tem a possibilidade de tomar como ponto de discussão inicial a questão da mulher hoje em sociedade, também relacionada com a luta feminista por direitos iguais, a qual Marielle se identificava.

Pode-se observar que as mulheres que se encontram em classes menos privilegiadas podem sofrer com relações de poder e até mesmo discriminação social, o que também será diferente se essa mulher obtiver melhores condições financeiras e ainda for heterossexual. Marielle Franco se reconhecia como lésbica e mantinha um relacionamento homossexual. A vereadora lutava em favor do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais).

A partir desta contextualização de identidade, poder e de preconceitos vale lembrar o posicionamento de Kimberlé Crenshaw, professora de direito que trabalha com a questão de estruturas de poder e igualdade de gênero.

Uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Kimberlé Crenshaw (2002) trabalha com o conceito de interseccionalidade e se preocupa em estudar como se dão as formações de identidades sociais relacionadas aos sistemas de opressão bem como discriminatórios. Desigualdades sociais, questão de gênero, racismo são alguns exemplos de formas de opressão, convicções que Marielle acreditava, onde as classes menos favorecidas eram discriminadas. Na visão de Kimberlé Crenshaw (2002), há um cruzamento multidimensional entre ambas as categorias, ou seja, uma relação que caracteriza a opressão e o poder.

Há um reconhecimento crescente de que o tratamento simultâneo das várias —diferenças que caracterizam os problemas e dificuldades de diferentes grupos de mulheres pode operar no sentido de obscurecer ou de negar a proteção aos direitos humanos que todas as mulheres deveriam ter. Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo,

sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são —diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Como se pode observar a partir de Kimberlé Crenshaw<sup>26</sup> (2002), o processo de sexualidade, classe social, entre outros, e até mesmo o ato de discriminação fazem parte das relações humanas e são fatores que contribuem para a formação de identidade dos sujeitos submetidos às condições de vida em que se encontram e em suas convicções pessoais.

A vereadora tinha em seu ideal discursivo a projeção de uma cidade mais justa e livre de violência em seu mandato, a questão de direitos humanos era a causa pela qual lutava. Marielle Franco foi escolhida para monitorar a intervenção federal na cidade do Rio de Janeiro em fevereiro de 2018, no entanto, criticou as ações da Polícia Militar e Federal. De acordo com a vereadora Marielle, os policiais praticaram atos de violência. Marielle Franco se posicionou contra a intervenção militar nas comunidades da cidade do Rio de Janeiro e fez denúncias constantes contra os policiais que segundo ela violaram os direitos humanos e cometeram abusos de autoridade.

A intervenção federal está prevista em lei na Constituição Federal de 1988 de acordo com os artigos 34, 35 e 36. De acordo com informações do site *Jusbrasil*<sup>27</sup>, a medida garante plenos poderes ao Governo Federal do Brasil que pode interferir na autonomia dos Governos de Estado e se aplica quando a situação está muito crítica e não há progresso na segurança. O interventor tem a responsabilidade de dirigir todas as funções e órgãos de segurança do Estado e responde diretamente ao Governo Federal.

O Estado do Rio de Janeiro estava vivenciando um período de muita violência, uma grave crise de segurança pública assombrava o Estado. No período em que ocorreu o

---

<sup>26</sup> A autora Kimberlé Williams Crenshaw é natural de Canton no estado norte-americano de Ohio nos Estados Unidos. Kimberlé Crenshaw é formada em direito e professora titular de direito na Universidade da Califórnia em Los Angeles nos Estados Unidos e na Universidade de Columbia em New York. A autora trabalha com as questões sociais ligadas a gênero, raça, direitos humanos e civis. Crenshaw é fundadora da teoria crítica racial.

<sup>27</sup> Informações sobre intervenção federal através do site *Jusbrasil*, disponível em: <<https://dp-pa.jusbrasil.com.br/noticias/2979199/lei-regulamenta-acao-de-intervencao-federal-nos-estados>> Acesso em: 04 de junho de 2018.

assassinato de Marielle Franco o governo estadual havia declarado situação de calamidade pública. Levaram-se em consideração os aspectos da crise do Estado e o presidente do Brasil Michel Temer no dia 16 de fevereiro de 2018 decretou a intervenção federal na segurança do Rio de Janeiro até o dia 31 de dezembro de 2018, porém, se tem a possibilidade de prorrogação na operação caso não se tenha avanço na segurança do Estado.

Marielle Franco tinha posições fortes e defendia suas crenças e ideologias, conforme aponta o site oficial em sua memória, bem como, os seus perfis em redes sociais e a mídia de esquerda militante. Por esse viés, Marielle sempre foi muito crítica à sociedade e ao papel da mulher na contemporaneidade. Por sua ótica havia muita injustiça social e desigualdades. No entanto, por um ângulo ideológico oposto, a imagem de Marielle Franco foi desfeita discursivamente na mídia e se instaurou um clima de tensão política, que se dividiu em polaridades discursivas diferenciadas, direita radical e esquerda militante. Ao decorrer do trabalho serão trazidos exemplos desses dizeres discursivos.

É importante salientar que, na construção de identidade do sujeito não se deve esquecer as relações de poder que são bases discursivas. Essa noção teórica foi abordada por Michel Foucault (2011) que entende o poder como uma ação que traz benefícios de certa maneira para a pessoa ou órgão que o controla, no entanto, essa força precisa manter um equilíbrio para que não seja algo determinante e que ocasione conflitos indesejados, sendo mais específica, na perspectiva de Foucault (2011) nas relações que envolvem discursos de poder é preciso que seja algo passível de aceitação, para que assim se mantenha de maneira indutiva, sem forçar ações ou pensamentos apenas induzir de maneira silenciosa.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2011, p.10).

Com base no conceito de poder no discurso de Michel Foucault (2011) podemos retomar a noção de Análise do Discurso onde por trás de cada discurso entende-se que há implícitos a partir de sua relação com a exterioridade do texto. Os dizeres discursivos que

estão inseridos nas notícias sobre o assassinato de Marielle Franco estão divididos em polaridades distintas, não houve apenas uma representação discursiva sobre Marielle e sim discursos prós e contras, militantes e radicais.

As formações discursivas como trabalha Foucault (2011), não são pequenas e inocentes. Há algum interesse por detrás dos enunciados de todas as tipologias do discurso, ou seja, o que o enunciador acredita. O discurso neste sentido revela o sujeito e suas intenções e doutrinas.

A mídia através da maneira pela qual informou em diferentes perspectivas ideológicas revela suas crenças sobre o caso, bem como, o seu posicionamento político. Houve uma disputa midiática pela narrativa do assassinato, ou seja, esforço pelo controle do discurso de acordo com as convicções de cada meio.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> As informações sobre o assassinato de Marielle Franco são advindas de uma pesquisa na mídia através dos veículos de comunicação. Em jornais: O Globo, El País, Nexo Jornal, Folha de São Paulo, Zero Hora e Correio do Povo; telejornais: Jornal Nacional, Domingo Espetacular e Jornal da Globo; revistas: Revista Veja, Revista Cult, Revista Carta Capital, Revista Isto É e Revista Fórum; portal de notícias: G1. Blogs, a exemplo, *Memória e Ação por Marielle e Anderson* e redes sociais: Instagram, Twitter, Facebook e YouTube. Essas informações sobre o caso foram observadas por um período de tempo compreendido de dois meses.

#### 4 FORMAÇÕES DISCURSIVAS NA MÍDIA SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO

Este terceiro capítulo aborda a discussão teórica sobre a amostra empírica relativamente às formações discursivas midiáticas que narraram o caso Marielle Franco. No decorrer do texto há a exposição de exemplos dos discursos midiáticos que foram identificados através da amostra do material prático da pesquisa e que, por conseguinte, foram divididos por meio de seu viés ideológico.

Separamos para ser apresentado no decorrer do capítulo exemplos que consideramos expressivos quanto ao que queríamos evidenciar em formações discursivas midiáticas. A nossa pesquisa compreendeu que houve uma polaridade no discurso da mídia, ou seja, discursos com ideais políticos de direita radical e esquerda militante em meios de comunicação.

Logo que ocorreu o assassinato de Marielle Franco, a vereadora se tornou alvo dos jornalistas que citaram a sua trajetória de superação e a exibiram como uma mulher que superou todas as suas expectativas. Esse é um dos principais discursos da mídia tanto de esquerda hegemônica quanto alternativa que reverenciaram Marielle como personagem símbolo de resistência e exemplo feminino. Conforme podemos evidenciar por intermédio do portal de notícias R7<sup>29</sup> que publicou uma informação no dia 20 de março de 2018 abordando o fato de que o jornal Washington Post havia destacado Marielle Franco como “símbolo global da luta anti-racista”. No decorrer do texto a matéria trabalhou o seguinte discurso: “Descrivendo a mobilização nacional e internacional provocada pela execução, o jornal norte-americano diz que se o atentado foi uma tentativa "de silenciar uma política negra em rápida ascensão", o efeito foi contrário. "Nos dias seguintes, a maior nação da América Latina assistiu, admirada, uma figura antes pouco conhecida fora do Rio ser transformada em um símbolo global contra a opressão racial", diz a matéria”.

Mediante o nosso trabalho durante a pesquisa empírica de coleta de dados identificamos conteúdos midiáticos em dois diferentes polos enunciativos, ou seja, discursos de direita e esquerda na mídia hegemônica e também na alternativa. Deste modo, a imagem de

---

<sup>29</sup> A matéria do portal de notícias R7 do dia 20 de março de 2018 está disponível através do link: <<https://noticias.r7.com/internacional/marielle-virou-simbolo-global-da-luta-anti-racista-diz-washington-post-20032018>> Acesso em: 24 de março de 2018.

Marielle Franco referida nos discursos militantes esquerdistas foi desconstruída através dos discursos de direita radical e vice-versa.

Nelson Traquina (2005) entende a partir da Teoria da Ação Política que os meios de comunicação agem conforme suas intenções políticas, em sua grande maioria, motivadas por interesses particulares, bem como, o lucro tanto em veículos de direita quando de esquerda, conforme aconteceu no caso Marielle Franco. Segundo explanação do autor podemos entender que:

Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção de sua visão do mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005, p.163).

As mídias consideradas alternativas não são as de massa (hegemônicas), pelo contrário, contrapõem o sistema tradicional da mídia hegemônica. Caracterizam-se como alternativas justamente pelo fato de terem opiniões e conteúdos jornalísticos expressos em blogs na internet, vídeos, sites e rádios comunitárias. O trabalho desses veículos está centrado em levar ao público debates a respeito de causas sociais, por exemplo, com abordagem mais crítica frente ao cenário social. Conforme John Downing (2002), as ações da mídia alternativa visam intensificar e pluralizar os diferentes ângulos de temáticas públicas, promovendo debates na sociedade.

Tem-se como concepção teórica que a mídia alternativa tem como principal finalidade fornecer verdades e refutar os meios de comunicação hegemônicos que detém controle informativo. Conforme o autor John Downing (2002, p.50):

[...] a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas.

Por conseguinte, as mídias hegemônicas se qualificam como opostas às mídias alternativas. São caracterizadas como os veículos de comunicação tradicionais, guiados por interesses econômicos e políticos produzidos em grandes escalas para a sociedade. De acordo com Raquel Paiva (2008, p. 164), entende-se como hegemonia “uma forma de poder caracterizada por uma postura totalizante, generalizada, mas que se dá o consentimento ou a aceitação dos demais. É, assim, uma configuração particular de dominação ideológica”.

As mídias hegemônicas são um grande conglomerado midiático, TVs abertas, emissoras de rádio, revistas, grandes jornais e editoras, por exemplo. A partir do ponto de vista teórico de Raquel Paiva (2008), as mídias hegemônicas se classificam como os meios de comunicação já consolidados na sociedade e que possuem grande renome. Veículos de comunicação de massa dominantes e que, assim sendo, possuem influência no público receptor final.

Os dizeres discursivos esquerdistas no caso Marielle Franco tanto na mídia hegemônica como alternativa eram militantes, ou seja, protestantes, ativos quanto aos seus ideais e a relação que incorporavam à vereadora quanto à questão de direitos humanos e igualdade social junto às crenças editoriais de cada veículo.

A esquerda reverenciou a vereadora Marielle enquanto personagem negra, defensora dos direitos humanos e heroína, o que foi desfeito através dos discursos radicais de direita, que se mostraram através do ponto de vista discursivo contrários à visão esquerdista, isto é, da mesma maneira, havia referência à imagem de Marielle Franco, porém, a mídia de direita trouxe discursos por outro viés, como a questão da violência e não houve defesa dos posicionamentos políticos e ideológicos da vereadora conforme foi visto na esquerda. A versão de direita conforme a Teoria da Ação Política “atribui aos jornalistas um papel ativo... os valores coletivos dos jornalistas são considerados substancialmente diferentes dos da população em geral”. Já na perspectiva de esquerda “o papel dos jornalistas é pouco relevante, mesmo quase invisível, reduzidos à função de executantes a serviço do capitalismo, quando não coniventes com as elites”. (TRAQUINA, 2005, p. 166).

Como podemos observar através do discurso da revista *Veja*<sup>30</sup> do dia 15 de março de 2018 que trouxe uma notícia falando sobre o assassinato de Marielle Franco, e, igualmente, de

---

<sup>30</sup> O link para a matéria da revista *Veja* do dia 15 de março de 2018 está disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/a-morte-da-vereadora-no-rio-foi-uma-execucao/>> Acesso em: 18 de março de 2018.

outro caso ocorrido no mesmo dia e quase no mesmo horário, um empresário de 43 anos que foi morto com quatro tiros. A notícia trazia enunciados como: “A morte da vereadora no Rio foi uma execução”; “Os assassinos de Costa Pinto tentaram rendê-lo antes de matá-lo. Os da vereadora, a quinta mais votada nas eleições municipais de 2016, emparelharam seu carro com o dela e simplesmente dispararam”. (VEJA, 2018, p.3).

Deste modo, os dizeres discursivos de direita radicais realizaram uma crítica à midiaticização da esquerda sobre o caso e a idolatria à imagem de Marielle enquanto pessoa e defensora das minorias. Como podemos observar no exemplo da Rede Record, o Portal de Notícias R7<sup>31</sup>, que publicou uma notícia no dia 30 de março de 2018, com o principal enunciado “Está na hora da mídia parar de falar de Marielle Franco? A imprensa tem de cobrar que o assassinato de Marielle Franco e de Anderson Gomes seja esclarecido”. O discurso da notícia não tinha como finalidade enaltecer a imagem de Marielle Franco, suas lutas e ideologias, mas sim, realizava uma oposição aos meios de comunicação que desviavam o foco do assassinato em prol de seus interesses políticos.

A matéria tinha como discurso o fato de que havia muitas críticas à postura da mídia em relação à Marielle, no entanto, o colunista Domingos Fraga deixa claro que a vereadora representava uma série de pessoas que são seguidamente assassinadas no Rio de Janeiro e que esse fato precisa ser resolvido pelas autoridades. “Sua morte não pode ser esquecida, apesar da discordância com a sua opção de vida. Os criminosos precisam ser presos”. Por intermédio da notícia, pode-se considerar que o autor não defende as crenças políticas e ideológicas de Marielle Franco, porém, evidencia entre linhas que o caso precisa ser solucionado e não espetacularizado pelos veículos de comunicação.

A revista de direita hegemônica Veja<sup>32</sup> online veículo de comunicação já consolidado no Brasil, trazia como título o seguinte enunciado “Esquerda e direita usam Marielle para defender interesses outros – Nesta disputa macabra a direita perde terreno por tosca, violenta e canhestra nos argumentos”. Com o referido ato de enunciação expresso pode-se observar que a mídia de direita está realizando uma crítica ao posicionamento esquerdista por sua militância e ataque aos meios de comunicação de direita, da mesma forma, a revista está

---

<sup>31</sup> O link para a matéria do dia 30 de março publicado na coluna do Fraga do Portal de Notícias R7 está disponível em: <<https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fraga/esta-na-hora-da-midia-parar-de-falar-de-marielle-franco-30032018>> Acesso em: 07 de abril de 2018.

<sup>32</sup> O link para a matéria da revista Veja online do dia 13 de abril de 2018 está disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/dora-kramer/esquerda-e-direita-usam-marielle-para-defender-interesses-outros/>> Acesso em: 16 de abril de 2018.

contextualizando que a esquerda se encontrava fortemente engajada em defender os seus interesses políticos com o uso da midiaticização que foi dada para Marielle Franco e suas causas.

“A rigor não há diferença entre o boçal que usa o assassinato de Marielle Franco para agredir as causas defendidas por ela e o idiota que se aproveita da comoção geral para angariar apoio à impunidade de Luiz Inácio da Silva e, por tabela, dos demais condenados em segunda instância de justiça”. (VEJA, 2018, p.1). Deste modo, o discurso da revista está contextualizando a grande visibilidade que a esquerda tem destinado aos seus ideais políticos e personagens atuantes da esquerda, de maneira a beneficiar outra pessoa ou alguém à custa da morte de Marielle Franco e suas lutas.

Percebe-se que a Veja quis pontuar que as argumentações dos veículos de esquerda eram fortemente expressivas, “ardilosas”, termo referido na matéria online da revista Veja (p.1), já que, inclusive em seu material informativo havia muita referência a personagens políticos, como o ex-presidente Lula, uma maneira então de ressaltar a imagem do político com a comparação a Marielle Franco. Neste sentido, a revista considerou que o que a faz diferente da esquerda é a posição ideológica “o que as distância é a posição ideológica – o primeiro de esquerda e o segundo de direita. Já o que os aproxima é o oportunismo, a insensibilidade e a falta de decora na manipulação da opinião pública em defesa dos respectivos interesses”.

Conforme os autores da Teoria da Ação Política, Herman e Chomsky, as notícias funcionam como propagandas que sustentam o sistema capitalista de acordo com a posição política e interesses de cada veículo de comunicação. Os teóricos defendem que “a posição de que os media reforçam os pontos de vista do *establishment* (o poder instituído) devido ao poder dos donos dos grandes meios de comunicação social e dos anunciantes”. (HERMAN e CHOMSKY, apud TRAQUINA, 2005, p.164, 165). Deste modo, podemos interpretar que tanto a mídia de esquerda quanto de direita agiu no caso Marielle Franco de acordo com sua própria lógica de serviços organizacionais.

Para o ponto de vista da revista, a esquerda estava sendo manipuladora em prol de interesses de políticos “desonestos”, palavra expressa na Veja online (p.2). No contexto de publicação da notícia a mídia de esquerda criticou igualmente a atuação da direita, por esta razão, entende-se o porquê da revista ter se comparado à esquerda, bem como, suas principais diferenças políticas e ideológicas.

Durante o processo de pesquisa do presente trabalho consideramos para o recorte empírico da amostra os discursos midiáticos expressos na mídia em vertentes ideológicas

contrárias. Quando abordamos a palavra mídia nos referimos tanto aos meios de comunicação hegemônicos quanto nos alternativos (redes sociais e blogs, por exemplo), onde foram observados os dizeres discursivos em diferentes polaridades enunciativas.

No decorrer do processo empírico de pesquisa foram analisadas informações, notícias e posicionamentos ideológicos a respeito do caso Marielle Franco através de jornais, telejornais, revistas, blogs, vlogs e redes sociais. Ao todo foram lidos e assistidos ao menos 65 tipos de conteúdos em diferentes plataformas midiáticas, ou seja, em notícias e reportagens de veículos de comunicação, informações, posicionamentos de internautas expressos em redes sociais e colunas de opinião.

Dentre as mídias observadas ao longo do trabalho devemos citar as redes sociais, Instagram, Twitter, Facebook e YouTube. Jornais como: Nexo Jornal, El País, Folha de São Paulo, Zero Hora, Estadão, e O Globo. Revistas como: Veja, Isto É, Carta Capital, Caros Amigos e revista Fórum. Telejornais como: Jornal Nacional e Jornal da Globo. Portais de notícias como: Portal de Notícias R7, G1 e UOL. Blogs como: Memória e Ação por Marielle Franco e Anderson Gomes e Blog do Reinaldo Azevedo e Vlogs a partir do YouTube como o canal de Luiz Felipe Pondé e Apenas Um Discípulo.

Destas, optamos por selecionar exemplos que consideramos eloquentes quanto ao que gostaríamos de evidenciar a respeito de um discurso de caráter político de direita, bem como, de um discurso de esquerda e seus pontos ideológicos enaltecidos através do ato discursivo. A amostra ficou delimitada em demonstrar quais foram as principais marcas discursivas que se fizeram presentes nos dizeres discursivos midiáticos referentes ao caso Marielle Franco em diferentes perspectivas, o que nos permitiu identificar que houve uma polaridade no discurso conforme nossa hipótese inicial.

Compreendemos que as principais marcas do discurso midiático no caso Marielle Franco foram as questões políticas e ideológicas referentes ao processo de intervenção militar na cidade Rio de Janeiro, bem como, direitos humanos e direita e esquerda.

Do mesmo modo, a separação do material levou em consideração a representação de uma soma total que se dividiu em opiniões divergentes e contraditórias.

Procuramos observar os objetos midiáticos que durante a pesquisa se mostraram discordantes ou com discursos já formados e que de certa maneira se caracterizavam dentro da tipologia discursiva de ideais de esquerda e direita. Buscamos classificar a amostra em

propriedades tipológicas por posicionamentos políticos. Para ilustrar o trabalho buscamos trazer exemplos de ao menos cinco discursos de cada tipologia discursiva. Reunimos então 40 matérias, entre reportagens, artigos de opinião, notícias em jornais, revistas e telejornais. 15 discursos expressos em redes sociais e 10 discursos de blogs e vlogs. Entre todos, dividimos o material entre 30 modelos de direita e 30 de esquerda. Destes, selecionamos exemplos que consideramos expressivos quanto ao que queríamos salientar.

Na coleta de dados do material foram observadas diferentes tipologias de discursos midiáticos em diferentes meios de comunicação dentre as particularidades de cada um, portanto, foi considerado para ser exemplificado na amostra exemplos destes aqui selecionados que a partir da metodologia teórica de Análise do Discurso podemos considerar expressivos, carregados de significância e ideologias para o ponto de vista discursivo dentro dos distintos contextos de enunciação.

Por conseguinte, entendemos que qualquer formação discursiva possui relação com ideologia, assim sendo, procuramos evidenciar a singularidade de cada discurso. Optamos por trazer exemplos de discurso onde essa característica tipológica possa ser analisada e discutida por meio dos preceitos da metodologia teórica de Análise do Discurso, onde o pesquisador leva em consideração todos os elementos envolvidos do contexto de enunciação.

Para além de apenas mostrar polaridades, o que pareceria óbvio demais, buscamos mostrar como estas narrativas discursivas se afirmam no que parece a pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso tem sua singularidade. A Análise do Discurso que propomos vai considerar o contexto do assassinato para identificar as marcas discursivas de discursos polarizados. Mais que mostrar que são opostos é identificar em que e de que forma estes discursos se apresentam.

Além disto, consideramos essencial na amostra que os exemplos que estão sendo expressos no capítulo correspondente às formações discursivas no caso Marielle Franco em diferentes polos enunciativos sejam observados dentro de um contexto de produção, ou seja, o sujeito de fala, o momento em que se deu o discurso e a relação com a exterioridade, bem como, com outros discursos.

Parte-se do pressuposto, neste trabalho, que a mídia destacou o caso como explica a perspectiva teoria de Agenda-Setting, para assim, entrar na agenda midiática como notícia a ser discutida na opinião pública frente ao cenário político que a cidade do Rio de Janeiro vivenciava, pois, uma crise de violência assolava a sociedade carioca, guerras de tráficos,

policiais mortos, bandidos e inclusive pessoas inocentes, bem como, criminalidade e assaltos recorrentes na cidade.

As formações discursivas através da mídia em relação ao assassinato da vereadora Marielle Franco geraram muito conteúdo e debates devido a divergências ideológicas. Houve também discursos de desaprovação à investigação da polícia devido ao fato da demora e não repostas na apuração do crime. Criou-se um clima de tensão política e competição entre os meios de comunicação por narrativas. Cada veículo de comunicação com suas interpretações e interesses.

O Jornal da Globo<sup>33</sup> do dia 23 de março de 2018, trouxe em sua edição uma matéria sobre o caso Marielle Franco comentando a questão da demora na investigação do inquérito policial, que no momento já haviam se passados 10 dias dos assassinatos. É preciso lembrar que o jornal ficou pelo período de 20 dias consecutivos trazendo reportagens sobre o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes e que a cada novidade o caso era novamente lembrado no noticiário. O discurso principal da matéria foi o seguinte: “Após 10 dias, caso de Marielle ainda não foi solucionado”.

A âncora do Jornal da Globo, Renata Lo Prete, observou que ainda não havia nenhum motivo aparente descoberto pela polícia que motivasse os assassinatos. “As famílias ainda não receberam nenhuma informação sobre quem cometeu quem ordenou e o motivo dos crimes”, falou a jornalista Renata Lo Prete no início da matéria, neste momento, a gesticulação (movimentos feições do rosto) de Renata e o tom da voz pausado e forte remetiam a um sentido de impunidade na segurança do País e que precisava ser urgentemente solucionado.

A matéria trazia enunciados que afirmavam que o caso apontava para duas linhas de investigação opostas e que não poderiam ser reveladas pela polícia. Havia uma falta de respostas na apuração.

As informações trazidas pelo jornal, através do seu discurso enfatizaram que o caso foi um crime contra a sociedade brasileira e que precisava ser investigado em todas suas nuances. “o silêncio da polícia em torno das mortes de Marielle Franco e Anderson Gomes aponta para dois lados, uma linha de investigação que não pode ser revelada ou uma simples falta de respostas”, comentou a repórter Marina Araújo.

---

<sup>33</sup> O link para a matéria do Jornal da Globo do dia 23 de março de 2018 está disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6605729/programa/>> Acesso em: 25 de março de 2018.

O telejornal não trouxe à tona a questão ideológica ou étnica de Marielle Franco, ou seja, não apontando o seu discurso para o lado político e pessoal da vereadora. Além do mais, foi trabalhado na reportagem a quantidade de vídeos criminosos no YouTube e conteúdos falsos denunciados sobre Marielle Franco que já havia até a presente data. Como podemos observar no decorrer da notícia a partir da fala da repórter Marina Araújo, a exemplo, deste trecho: “Enquanto a polícia não apresenta esclarecimentos sobre a morte da vereadora a família de Marielle combate outro crime que vai contra a honra”, ou seja, a jornalista se referia aos casos de notícias falsas que tinham como finalidade denegrir a imagem da vereadora e que estavam sendo denunciados.

Pela gesticulação incisiva da jornalista, Marina Araújo no telejornal, podemos evidenciar que havia uma preocupação em relação à preservação de imagem da vereadora principalmente devido ao seu histórico de lutas pelos direitos humanos. No momento em que Marina fala a palavra “honra” sua tonalidade voz se transforma, fica mais forte e incisiva e a jornalista enfatiza a palavra igualmente através de seus movimentos.

Abriu-se espaço para o debate político e a disputa midiática pelo controle de informação através da mídia tanto de esquerda quando de direita, conforme seus posicionamentos ideológicos. Nos veículos de comunicação midiáticos foram trabalhados discursos que, claramente, apontavam para ideais políticos e personagens atuantes políticos, pois, tanto políticos de esquerda quanto de direita foram citados em informações, como veremos agora.

A revista de esquerda hegemônica, Carta Capital<sup>34</sup>, publicou uma sátira criticando o silêncio do político Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL), pois, o Deputado Federal é um dos políticos mais polêmicos referente à postura crítica à esquerda e também aos direitos humanos. A Veja tinha como principal enunciado que o não pronunciamento de Bolsonaro era sua melhor opinião, ou seja, havia uma crítica política já formada contra a atuação do deputado. A revista não publicou nenhum texto noticioso, apenas uma imagem à qual estava o político com um balão de frases onde dizia: “Esse silêncio ensurdecedor faz de mim um poeta dos direitos humanos”. A revista apenas complementa a imagem com o seguinte enunciado “isso diz muito”.

---

<sup>34</sup> O link para a matéria da revista Carta Capital do dia 17 de março de 2018 está disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/quadrinsta/silencio-de-bolsonaro-por-marielle-e-eleito-melhor-opiniao-do-politico>> Acesso em: 21 de março de 2018.

Percebe-se que a revista Carta Capital tinha como discurso a negação ao político Jair Bolsonaro que para os ideais de esquerda não é um candidato que se enquadre dentro da política dos direitos humanos prevista pela linha esquerdista e também pelo fato do político ser de direita. Como podemos compreender através do exemplo do título da sátira, que trazia apenas uma imagem, “Silêncio de Bolsonaro por Marielle é eleito a melhor opinião do político”, deste modo, a revista utilizou o caso Marielle Franco para comparar com posicionamentos ideológicos de um político ao qual são preponderantemente contra.

Por intermédio do interdiscurso, percebe-se, através da sátira e o seu formato, com muito pouco texto e imagem, que a revista quis evidenciar que Jair Bolsonaro é autoritário e que representa o fim dos direitos humanos no Brasil, pois, no intertítulo da informação encontra-se o seguinte enunciado: “Deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ) não se pronunciou sobre assassinato de vereadora Marielle Franco. Assessor diz que opinião seria polêmica demais”. A partir deste viés, podemos compreender a posição da revista deste modo, pois, no contexto atual a mídia de esquerda se mostra contra o método política do deputado.

A revista Isto É<sup>35</sup>, publicou uma matéria no dia 21 de março de 2018 demonstrando que o presidente do Brasil, Michel Temer havia deixado o Planalto para ir até o Rio de Janeiro fazer reunião sobre segurança na cidade após a morte da vereadora Marielle Franco. A notícia trazia enunciados como: “Temer desistiu da agenda no domingo por conta do assassinato da vereadora Marielle Franco” e “presidente deixou o palácio na noite desta quarta-feira”. Percebe-se por intermédio da notícia que a revista deu destaque à partida do presidente a cidade por conta da segurança a intervenção militar que estava em vigor, deste modo, entende-se que o discurso é voltado para a importância que o trabalho dos interventores federais teriam na segurança do Rio de Janeiro.

Além do mais, houve referência à imagem do presidente quanto à questão de mudanças políticas na segurança do Rio de Janeiro, bem como, a importância de aumentar a segurança na cidade. “Auxiliares do presidente avaliaram na ocasião que haveria o risco de constrangimentos e acusações de uso político da morte da parlamentar carioca. Na abertura da reunião do Conselho mais cedo, Temer anunciou que faria a visita ao Rio. “Mais à noite vou ao Rio de Janeiro para uma reunião de trabalho já com essa verba ajustada e aprovada de R\$ 1

---

<sup>35</sup> O link para a matéria da revista Isto É do dia 21 de março de 2018 está disponível em: <<https://istoe.com.br/temer-deixa-o-planalto-e-vai-para-o-rio-fazer-reuniao-de-seguranca/>> Acesso em: 24 de maio de 2018.

bilhão, sendo certo que se necessário for, alocaremos outras verbas para essa matéria”, disse”. (Isto É, 2018, p.2).

Com base no seguinte trecho acima, podemos considerar que a revista estava a partir de seu discurso e usando as palavras do presidente colocando em questão a importância do andamento do decreto de intervenção no Rio de Janeiro e, da mesma forma, que mesmo sofrendo inúmeros protestos através de personagens políticos e da mídia de esquerda deveria persistir.

Para o ponto de vista discursivo, tanto os discursos de direita quanto os de esquerda traçaram uma disputa de interesses sobre o caso, principalmente por convicções políticas na conjuntura política e social da cidade do Rio de Janeiro. O assassinato de Marielle Franco se tornou fonte da deliberação de discursos em prol de valores e conceitos políticos. Houve uma competição por controle de narrativas. Por meio desta perspectiva de controle e poder Michel Foucault (2011), aponta como uma das características do discurso o sujeito e o contexto de fala para que um determinado discurso adquira força.

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. O autor, não é entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência. (FOUCAULT, 2011, p. 26).

Como reflete Michel Foucault (2011), o sujeito de fala é a origem do discurso, é onde o discurso produz sentido e se leva em consideração o contexto histórico e social, bem como as particularidades do indivíduo e sua importância para o momento. Trata-se de uma pessoa qualificada do ponto de vista discursivo, que possa produzir significados no receptor. Existe nesta perspectiva a ideia de controle do discurso por intermédio do sujeito e através do contexto em que se insere.

Michel Foucault (2011), também considera importante em relação ao sujeito e enquanto elemento de função do discurso a repetição e a identidade que fazem com que o autor do discurso repasse uma percepção de individualidade intelectual. Entende-se que os discursos midiáticos sobre Marielle Franco passam a adquirir sentidos a partir de seus

enunciadores, bem como, sua relevância social. Entende-se que, determinados posicionamentos políticos interferem na visão e na argumentação sobre o caso da vereadora seja na opinião pública ou na mídia.

São vertentes ideológicas em torno do crime que trazem uma discussão diferenciada e presente na mídia, redes sociais e inclusive no cenário político do País. Neste sentido, o autor Patrick Charaudeau (2006), reflete sobre o entendimento teórico de que por trás de todo discurso há implícitos na informação, ou seja, existem subentendidos incorporados no ato discursivo.

Por trás do discurso midiático, não há um espaço social mascarado, deformado ou parcelado por esse discurso. O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torna-lo inteligível. (CHARAUDEAU, 2006, p.131).

Nesta perspectiva, a partir do autor Patrick Charaudeau (2006), podemos entender que um dado discurso midiático adquire sentido através da mensagem e do que há por detrás da informação. O enunciador e também o enunciatário, receptor, são determinantes neste processo, pois, conforme o autor o discurso trata do que é dito, da mesma forma, as possíveis interpretações que podem ser causadas no público. Por exemplo, em formações discursivas de direita onde há a defesa pelas políticas de segurança na cidade do Rio de Janeiro se subentende que o posicionamento é a favor da intervenção militar. Já na esquerda pode-se perceber que o discurso é, portanto contrário à direita, sendo voltado para os direitos humanos e a segurança no Estado do Rio, como vamos observar em exemplos do capítulo.

Entendemos que ocorreu divergência de opiniões relacionadas à segurança da cidade do Rio de Janeiro pelo fator principal político e ideológico na mídia e seus discursos ponderando a questão e o caso Marielle Franco conforme os diferentes padrões editoriais.

Patrick Charaudeau (2006) observa que todo discurso está em um espaço figurativo, ou seja, depende da observação particular dos indivíduos para que se possa torná-lo eficaz. Um discurso adquire significância por intermédio dos sujeitos expostos ao ato enunciativo. As formações discursivas no geral como no caso Marielle Franco, independentemente de sua polaridade buscam encontrar a credibilidade em seu receptor.

Marielle Franco foi fenômeno de notícias em mídias alternativas como as redes sociais, YouTube, Instagram e Twitter. A discussão foi centrada em opiniões divergentes, de um lado estavam no centro da discussão os dizeres discursivos na mídia que defendiam a perspectiva de que Marielle foi morta por defender os direitos humanos, por ser negra e periférica, por exemplo.

Figura 1 - Modelo de postagem da rede social *Instagram*



Fonte: [https://www.instagram.com/shastra\\_devi/](https://www.instagram.com/shastra_devi/)

Porém, no outro lado das discussões havia a discordância no espaço midiático onde discursos afirmavam que o assassinato de Marielle não se deu por sua identidade pessoal e sim por outros fatores políticos e pela segurança da cidade. De acordo com esse espectro de pensamento a vereadora carregava consigo informações comprometedoras. Também havia a crítica de que Marielle foi assassinada por “defender bandidos”, foram observados esses depoimentos no Twitter.

Figura 2 - Modelo de postagem na rede social Twitter



Fonte: <https://twitter.com/MonstroWalker/status/975543664905682944>

Em um exemplo de caráter discursivo político de direita publicado na rede social Instagram, no dia 08 de agosto de 2018, havia o seguinte enunciado: “Juliane Santos negra, homossexual, policial, assassinada, esquecida porque não favorece narrativa. Marielle Franco psolista lembrada diariamente pela imprensa e movimentos esquerdistas”. Com o presente discurso retratado podemos considerar que uma parcela dos internautas se posicionava contra a midiáticação dada ao caso Marielle Franco enquanto outras pessoas eram mortas diariamente e não eram nem se quer noticiadas. Havia no ato discursivo do enunciado uma reprovação aos ideais políticos de esquerda, bem como, defesa de ações policiais.

Já no exemplo oposto, considerado através da amostra do trabalho como discurso de esquerda militante, um internauta publicou em sua rede social Instagram “Nós mulheres negras, não nos calaremos diante deste Estado genocida”, na publicação havia cartazes referenciando as mulheres negras, pois, no dia 29 de julho de 2018 houve uma marcha na cidade do Rio de Janeiro de mulheres negras que “exigiam o fim da negligencia e violência do Estado”, “Pela Vida do Povo Preto: mais mulheres negras no poder”. Com esses protestos, surgiram inúmeros discursos como estes em redes sociais. Os internautas do presente espectro de posicionamento tinham como base discursiva o fato de que buscavam por justiça a Marielle Franco, mas também, contra a força policial no Rio de Janeiro, pois, para os envolvidos tal prática política feria os direitos humanos pelo qual Marielle lutava.

É necessário ponderar em nosso trabalho que ao longo do caso surgiram interpretações midiáticas não verídicas sobre os fatos, ou seja, “Fake News”, notícias falsas. Por esta razão

motivou-se a criação do site oficial em memória de Marielle Franco e Anderson Gomes, feito pela assessoria da vereadora. Da mesma maneira, no decorrer do processo de investigações policiais a mídia hegemônica relatou que havia notícias falsas circulando sobre a vereadora Marielle, pois, o Jornal da Globo, por exemplo, trouxe uma notícia que afirmava que conteúdos falsos e criminosos sobre Marielle Franco estariam sendo denunciados e retirados do ar.

A revista Carta Capital<sup>36</sup> do dia 08 de abril de 2018 veiculou uma matéria em sua edição falando sobre a onda de notícias falsas no caso Marielle Franco como podemos observar na seguinte frase: “A repercussão do assassinato de Marielle Franco, tanto nas redes sociais como na mídia tradicional, aponta para um possível ponto de virada contra as notícias fraudulentas na política. As histórias inventadas sobre a trajetória da vereadora — que relacionaram sua vida e carreira ao tráfico e ao Comando Vermelho — tiveram grande repercussão, mas não se sobrepuseram à história verdadeira de Marielle”. (Carta Capital, 2018, p.2).

As notícias falsas que circularam sobre Marielle Franco eram ideológicas, e como observadas no exemplo destacado pela revista, contrárias aos posicionamentos políticos da vereadora. Assim sendo, devido ao grande alcance público que o caso transcendeu percebe-se que, igualmente, ocasionou “Fake News” por diferentes ideologias políticas.

Deste modo, podemos perceber que o assassinato da vereadora ocasionou notícias falsas em relação a sua vida. Conforme aponta a reportagem da revista Carta Capital, foram espalhados boatos de que a vereadora era casada com traficante, defendia bandidos e ainda seria uma das comandantes do crime no Rio de Janeiro. A revista também trabalhou com gráficos evidenciando o período e a duração das notícias falsas até a sua retirada do ar, conforme podemos evidenciar nos seguintes exemplos abaixo.

“Análises da batalha de narrativas sobre a morte da vereadora mostra uma vitória da verdade”; “Segundo análise da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-DAPP), 73% das menções nas redes sociais nos dias após o crime foram diretamente contra os boatos e cobravam punições aos seus autores”; “Na avaliação de Amaro

---

<sup>36</sup> A reportagem da revista Carta Capital do dia 08 de abril de 2018 está disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/repercussao-do-caso-marielle-conseguiu-quebrar-bolhas-de-opiniao>> Acesso em: 14 de abril de 2018.

Grassi, do DAPP, a reação às mentiras foi forte porque o crime transcendeu barreiras ideológicas, ao atrair o apoio de pessoas de fora da esquerda”. (Carta Capital, 2018, p.3).

#### **4.1 Formações discursivas de esquerda militante**

A representação do assassinato da vereadora do PSOL, Marielle Franco, se dá de diferentes maneiras e posicionamentos. A mídia hegemônica de esquerda, a exemplo, a revista Carta Capital, como podemos entender por meio da exterioridade do texto, destacou Marielle Franco através de seu discurso como uma mulher exemplar da luta brasileira, guerreira, que venceu na vida por sua dedicação as causas humanitárias em sua vida política. Como podemos observar no seguinte exemplo. “Em pouco tempo de mandato, no entanto, Marielle se apresentou para a luta de forma intensa. Com 16 projetos de lei registrados, ela foi uma das mais atuantes no período, enquanto se desdobrava para manter a presença nos encontros com a comunidade. Nos planos do mandato, as pautas pelas quais sempre lutou: defesa dos direitos humanos, feminismo, defesa da população negra e combate à homofobia”. Trecho da matéria da revista online do dia 15 de março de 2018, (p.2).

Com base no enunciado deste trecho podemos observar que a mídia de esquerda traçou um ideal discursivo sobre Marielle Franco se valendo da questão de suas convicções de luta pessoais e políticas. A vereadora sob essa ótica ficou evidenciada como uma política militante em prol dos direitos humanos e da comunidade “esquecida”.

No decorrer da matéria a revista trouxe em sua formação discursiva detalhes de quais foram as principais atuações de Marielle, bem como, o que ela acreditava e defendia, a exemplo: “Como consequência dessa atuação, ela se envolveu diretamente na fiscalização da atuação das polícias e, posteriormente, na tentativa de monitoramento da ação das Forças Armadas durante a intervenção decretada pelo governo Temer”. (Carta Capital, 2018, p.3).

No dia 23 de março de 2018 a revista online Carta Capital<sup>37</sup> trouxe uma matéria sobre Marielle Franco com o seguinte título: “O grito de Marielle ainda ecoa”. No decorrer da matéria foi utilizado como base o discurso poético, também baseado em Zumbi dos Palmares

---

<sup>37</sup> A matéria da revista Carta Capital do dia 23 de março de 2018 está disponível através do link: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-grito-de-marielle-ainda-ecoa>> Acesso em: 25 de abril de 2018.

para reverenciar Marielle e sua grandeza. A referência destacada nos remete ao discurso escravocrata e o sofrimento de todo um povo que lutou para se reerguer no País. Deste modo, podemos compreender que o discurso tinha como principal finalidade fazer com que o conteúdo tivesse uma maior identificação com o público leitor através do seu contexto histórico.

A literatura foi utilizada como método para evidenciar a vereadora como personagem de lutas, além de ser feita toda uma contextualização à época quilombola no País e seus sofrimentos. Ao final do texto havia esse discurso, “Nessa revolução preta, crespa, feminina, o sorriso de Marielle Franco ressoa com a mesma força do grito de nossos ancestrais. O que vimos foi mais um capítulo da mesma história, na qual os senhores simplesmente aniquilam os insurgentes. Com as mesmas crueldades, sem disfarces, sem dó. Na frieza do chicote que estala, a sentença e o aviso: não ousem se rebelar”. (Carta Capital, 2018, p.3).

O presente exemplo de discurso da mídia esquerda hegemônica, Carta Capital, se deu logo após o assassinato da vereadora Marielle Franco, contexto onde toda a mídia brasileira estava voltada para o caso, momento onde ocorreu uma proliferação de conteúdos sobre Marielle Franco e em cada veículo se abordava de maneira diferenciada dependendo da ideologia. Deste modo, podemos observar que também implicitamente houve desaprovação quanto à atuação policial na cidade do Rio de Janeiro que estava em processo de intervenção militar.

No caso da revista Carta Capital pode-se evidenciar que o discurso ficou voltado para a referência à imagem de Marielle Franco como ser humano, sua trajetória que foi desfeita por pessoas que detêm poder e não aceitam as causas que Marielle defendia. Têm-se como pressuposto que a mídia de esquerda destacou o fato de Marielle ser negra, defensora das minorias, pois, estaria em seu padrão editorial e seus posicionamentos igualmente compatíveis à política de esquerda.

O jornal El País<sup>38</sup> no dia 14 de junho de 2018 publicou uma notícia com o seguinte enunciado principal: “Marielle Franco e o futuro do Brasil – A morte de Marielle é a expressão mais evidente da violência dos que pretendem calar e intimidar quem defende os

---

<sup>38</sup> A matéria do jornal El País do dia 14 de junho de 2018 está disponível através do link: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/13/opinion/1528925943\\_158923.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/13/opinion/1528925943_158923.html)> Acesso em: 20 de junho de 2018.

direitos humanos no Brasil”. A matéria trazia como discurso Marielle enquanto esperança para um futuro melhor tanto no Estado do Rio de Janeiro quanto no País.

No decorrer do texto de notícia foram trazidos enunciados de caráter político enaltecendo personagens de esquerda, como exemplo, o ex-presidente Lula e a ex-presidenta Dilma Rousseff, novamente. Conforme o exemplo do jornal: “A morte de Marielle é a expressão mais evidente da violência dos que pretendem calar e intimidar quem defende os direitos humanos no Brasil, e seu assassinato se insere num contexto de avanço neoliberal com traços fascistas – golpe do impeachment contra Dilma, prisão sem provas de Lula e pela primeira vez desde a redemocratização um candidato presidencial que defende abertamente a tortura desponta em primeiro em pesquisas”. (El País, 2018, p.1).

Tem-se como ideologia o Estado enquanto inimigo da luta pela igualdade racial, de gênero e de direitos humanos no País. Do mesmo modo, o El País se posicionou através de seus enunciados como contrário à ação da polícia na cidade. Percebe-se que o jornal igualmente enfatizou a questão política através de seu viés ideológico, se apossando do caso Marielle Franco para relacionar com o contexto do momento da prisão de Luiz Inácio da Silva.

No exemplo de notícia do jornal El País<sup>39</sup> do dia 16 de março de 2018 usou-se como referência Marielle Franco como mais uma vítima que lutava em favor das causas sociais morta no Brasil. Enunciados como: “Nela quiseram sacrificar um símbolo de esperança de um País sem ódios”; “lutava por um Brasil no qual se possa andar pela rua sem medo de levar um tiro de bala perdida ou ser vítima de poderes corruptos que, em vez de proteger as pessoas, sacrificam-nas sem piedade”; “Já são demais os símbolos que acabam assassinados neste país com poucos sinais de que essa guerra dos infames contra os justos possa ser vencida”; “O assassinato de Marielle é mais grave, se possível, porque com ele se quis eliminar um símbolo de luta pelas causas pelas quais vale a pena morrer, embora seus verdugos ignorem que os símbolos acabam ressuscitando com maior força”. (El País, 2018, p.1).

Com bases nos referidos discursos podemos observar que o Jornal El País enfatizou a questão de que pessoas que lutam pelos direitos humanos, se posicionam contra o sistema são

---

<sup>39</sup> A matéria do Jornal El País do dia 16 de março de 2018 está disponível através do link: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/opinion/1521204046\\_634847.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/opinion/1521204046_634847.html)> Acesso em: 24 de março de 2018.

mortas no Brasil e ainda, conforme o discurso do jornal podemos compreender que o caso Marielle Franco ganhou grande repercussão por esse viés ideológico devido ao fato da personalidade forte da vereadora e o engajamento com causas humanitárias.

Conforme a matéria Marielle Franco “Lutava por um Brasil no qual se possa andar pela rua sem medo de levar um tiro de bala perdida ou ser vítima de poderes corruptos que, em vez de proteger as pessoas, sacrificam-nas sem piedade”. (El País, 2018, p.1).

Além do mais, a partir dos interdiscursos do texto pode-se constatar que o jornal realiza uma reprovação a atual situação do Rio de Janeiro, pois, pessoas inocentes são mortas constantemente, conforme explicito na notícia. Considera-se que o jornal é contra o atual regime político do País.

O Nexo Jornal<sup>40</sup> publicou no dia 15 de março uma notícia com a seguinte informação como chamada discursiva: “Como falar com quem acha que Marielle merecia morrer por ‘defender bandido’”. Na matéria o Jornal trouxe a fala de especialistas para evidenciar o problema. Além do mais, se fizeram presentes no texto enunciados como: “Esse tipo de fala que responsabiliza a defesa dos direitos humanos pela violência é constante em casos de homicídios com grande repercussão. Defensores desses direitos têm o desafio de esclarecer que eles não asseguram a falta de controle sobre a violência, pelo contrário”; “É preciso deixar claro que a defesa dos direitos humanos é por uma política de segurança pública calcada na inteligência e não na truculência”. (Nexo Jornal, 2018, p.1).

Deste modo, pode-se constatar que o simples fato da notoriedade de profissionais qualificados, o Nexo Jornal estaria criticando pessoas que possuem como ideais a presente noção, que conforme foi apontado pela matéria, merece atenção de especialistas.

Conforme discursos citados na matéria: “Esse pensamento é muito cruel. As pessoas não entendem que a Marielle sempre defendeu o Estado de direito, a democracia. Ela não defendia bandido, mas que as pessoas tenham um julgamento justo dentro do Estado de direito. Ela sempre defendeu as pessoas da favela, que estão morrendo”; “Quem defende a truculência, a carta branca para as polícias serem violentas, tem que cobrar o resultado dessas políticas. Se elas estivessem funcionando, o Rio seria o lugar mais tranquilo do mundo. A

---

<sup>40</sup> A matéria do Nexo Jornal do dia 15 de março de 2018 está disponível através do link: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/15/Como-falar-com-quem-acha-que-Marielle-merecia-morrer-por-%E2%80%98defender-bandido%E2%80%99>> Acesso em: 29 de março de 2018.

política é essa há muito tempo e a violência só tem piorado nos últimos anos”. (Nexo Jornal, 2018, p.2).

O Nexo Jornal no decorrer da matéria parte implicitamente para o campo crítico, isto é, contextualizando através de profissionais o que significa direitos humanos, bem como, a importância da democracia em todos os ambientes sociais e trazendo a relação com as causas que Marielle acreditava. Os posicionamentos discursivos de que os especialistas se referiam eram os de internautas contra Marielle e os direitos humanos, deste modo, os especialistas citados na matéria tinham como discurso que noções igualmente a estas a respeito da vida “não pode ser normal para ninguém que defende a democracia”.

Deste modo, o jornal, através da fala de profissionais buscou em seu discurso enfatizar a importância dos direitos humanos no contexto de opiniões contrárias em relação à atuação e assassinato da vereadora Marielle Franco que foi questionada por suas crenças políticas.

No dia 22 de março 2018 a revista Carta Capital<sup>41</sup> trouxe o seguinte discurso como abertura de informação: “Sobre a... coisa do pessoal dos direitos humanos”. Assim sendo, a matéria prosseguiu com enunciados do tipo: “O clima social que envolve a execução da vereadora Marielle Franco, trouxe mais uma vez à tona o tema dos Direitos Humanos. Dados de relatórios de organismos internacionais, trazidos à discussão, falam do Brasil como um país perigoso para quem atua nesta causa”; “A partir de ideais humanistas de igualdade, fraternidade e liberdade, essas pessoas têm defendido que os seres humanos, não importa sua origem, idade, sexo, formação cultural ou religiosa, devem ter direitos básicos garantidos para serem tratados como humanos”. (Carta Capital, 2018, p.1).

Percebe-se que os meios de comunicação de esquerda estão contextualizando o que são os direitos humanos e quais são as suas causas de batalhas, e ainda, o quão equivocados ao seu ponto de vista estariam sendo os dizeres discursivos que culpam a morte de Marielle devido aos seus posicionamentos pessoais e políticos de acreditar e defender. Desta forma, podemos observar a partir do texto da notícia que os seus dizeres discursivos refletem os seus posicionamentos quanto a questão dos direitos humanos no Brasil, bem como, sua relevância social.

---

<sup>41</sup> A matéria do dia 22 de março de 2018 da revista Carta Capital está disponível através do link: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/sobre-a-201c-coisa-do-pessoal-dos-direitos-humanos.201d>> Acesso em: 01 de abril 2018.

A matéria ainda abordou a questão de que o Brasil é um dos países em que mais se mata pessoas militantes e que se posicionam contra o sistema. “Os levantamentos mostram que o Brasil está entre os quatro países que mais matam ativistas defensores, ao lado de Colômbia, Filipinas e México. Em 2016, 66 ativistas foram executados em nosso País (um em cada cinco dias), número ainda maior que 2015, com 56”. (Carta Capital, 2018, p.2). A partir deste dado, podemos observar que o discurso da revista tem como finalidade demonstrar ao público leitor a relevância que se tem os ativistas militantes em prol dos direitos humanos e o quanto essa questão se torna perigosa em países onde há pessoas e igualmente a administração pública que não acreditam na causa, seja por fatores políticos ou ideológicos. Logo, entende-se que, Marielle não foi morta por ser negra e periférica.

Através do conteúdo discursivo exposto no material se nota que o texto se norteia por meio de dados que comprovam que defender direitos humanos pode ser uma tarefa complicada no País. Além do mais, para que a informação adquirisse força foram utilizadas no conteúdo passagens bíblicas sobre a importância do cuidado ao próximo, aos direitos básicos de todo o cidadão. “Do ponto de vista da fé cristã, proclamar e defender direitos é corresponder ao desejo do Deus Criador que fez o ser humano a sua imagem e semelhança e sempre se revelou no mundo para que o direito à vida e à comunhão fosse afirmado. Os textos da Bíblia estão repletos de passagens que remetem à pauta dos direitos inspirados por Deus”. (Carta Capital, 2018, p.2).

Amparados na metodologia teórica de Análise do Discurso podemos identificar que utilizar artifícios bíblicos, exemplos fortes, em um dado texto é uma forma de chamar uma maior atenção do leitor e ainda tentar sensibilizar o receptor com relações religiosas, bem como, enfatizar o papel dos direitos humanos desde a antiguidade na época de Cristo e sua relevância para a sociedade em geral.

A revista Fórum<sup>42</sup> do dia 18 de março de 2018 trouxe como principais enunciados em seu artigo de opinião, frases como: “A vida de Marielle e a morte da Democracia”; “Há tempos, muitos de nós alertamos que não estamos mais vivendo em um país democrático. Não se trata de ter um governo que não nos agrada e indignar-se por ver quem votamos ter sido afastada do cargo. Sempre foi algo muito mais profundo. A forma pela qual Dilma foi tirada

---

<sup>42</sup> A matéria do dia 18 de março de 2018 da revista Fórum está disponível através do link: <<https://www.revistaforum.com.br/a-vida-de-marielle-e-a-morte-da-democracia/>> Acesso em: 24 de março de 2018.

do poder mostrou claramente que tudo o que está sendo feito não é pensando no melhor para o povo” e “Não sem motivo, Marielle sempre se posicionou a favor da desmilitarização da polícia – o que, nem de longe, é o mesmo que dizer que ela apoiava bandido”. (Revista Fórum, 2018, p.3).

Isto posto, pode-se considerar que a Revista Fórum com base em seus enunciados estaria comparando o caso Marielle Franco e igualmente com políticos de esquerda com o significado da palavra democracia no País, pois, julgou-se que no Brasil esse ideal estava sendo contraditório em favor das pessoas que detém poder.

Mais uma vez no desenrolar da matéria percebe-se que os dizeres discursivos de esquerda se baseiam e fazem comparações com o caso igualmente a personagens políticos de esquerda, como o exemplo da presidenta Dilma que sofreu impeachment. Os dizeres discursivos são voltados para os ideais esquerdistas e suas crenças. Há muita crítica ao comportamento policial do País, aos líderes políticos, enfim, toda e qualquer forma de enunciação que de certa maneira para o ponto de vista de esquerda que ataquem os direitos humanos.

Em 16 de março de 2018 no canal do YouTube Apenas um Discípulo<sup>43</sup> foi publicado um vídeo com o seguinte título: “BOECHAT: Tornar a morte de Marielle um PALANQUE POLITICO é dá mais um TIRO na VEREADORA”. Ao longo do vídeo Ricardo Boechat traz enunciados como: “É importante, é elementar que antes de se tomar qualquer tipo de posição em relação ao episódio e até em respeito as famílias das vítimas... O mínimo que as pessoas que estão lidando com análises deste fato é um pouco de respeito e moderação”; “Pior ainda se quem está diante do cadáver e do crime bárbaro se aproveita disso para fortalecer seus redutos de opinião, seus fã-clubes, suas balelas...”.

O discurso do jornalista Ricardo Boechat foi voltado justamente para realizar uma crítica aos meios de comunicação, tanto de esquerda quanto de direita, os quais se valeram do assassinato da vereadora, Marielle Franco, para desta forma promoverem os seus ideais políticos, e ainda, ocasionaram uma disputa por controle de narrativa sobre quem detém mais poder de influência. Deste modo, Boechat enfatizou que fazer da morte de Marielle Franco alicerce para alavancar imagens pessoais e políticas não é o certo a se fazer, ou seja, antiético.

---

<sup>43</sup> O link para o vídeo do canal Apenas Um Discípulo está disponível em: <<https://t.co/IESD4U83Db>> Acesso em: 18 de março de 2018.

O autor Patrick Charaudeau (2006), reflete a respeito dos dizeres discursivos que “o sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social”. (CHARAUDEAU, 2006, p.41). A trajetória de vida, de superação, dos direitos humanos e o papel da democracia são as tipologias de discursos mais evidentes na mídia hegemônica e alternativa de esquerda sobre Marielle Franco que evidenciar a imagem da vereadora, bem como, suas causas.

A mídia de esquerda traçou uma personificação da vereadora Marielle Franco como grande exemplo de personagem política social ativa na cidade do Rio de Janeiro e que se portava contra toda e qualquer forma de autoritarismo e “violação” dos direitos humanos básicos de todo e qualquer cidadão.

Conforme exemplo ilustrado a partir do Nexo Jornal<sup>44</sup> que trouxe um artigo de opinião voltado a enunciados como na seguinte frase: “Marielle era a representação de tudo o que sempre esteve ausente na política brasileira: a mulher, a mulher negra, a mulher negra favelada, a mulher negra favelada homossexual, a mulher negra favelada homossexual mãe na adolescência defensora dos direitos humanos”; “Ela fazia uma política nova, diferente, feminina e feminista. Com afeto. Tecia um novo tecido social carioca, mais bonito, mais colorido”. Estes exemplos estão disponíveis no artigo de opinião está disponível no Nexo Jornal do dia 17 de março de 2018.

Deste modo, nota-se a grande crítica ao poder político brasileiro em sociedade e também uma vasta elevação da personagem Marielle Franco e sua trajetória. Percebe-se que as notícias não são somente direcionadas ao seu assassinato junto de seu motorista Anderson Gomes, porém, igualmente a atuação e política e social da vereadora Marielle Franco em favor dos direitos humanos.

Marielle Franco neste espectro narrativo ideológico é retratada como uma mulher que superou todas as suas expectativas e buscou mais para si além da favela. A vereadora foi exibida nesta polaridade discursiva midiática de esquerda como uma sobrevivente, uma “heroína” que venceu todas as formas de preconceito e os transformou em força para lutar. Esse é um dos principais estereótipos pautados nos noticiários. No entanto, por outro lado

---

<sup>44</sup> O artigo de opinião do Nexo Jornal do dia 17 de março de 2018 está disponível através do link: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2018/A-vida-e-a-luta-de-Marielle-Franco-n%C3%A3o-foi-em-v%C3%A3o>> Acesso em: 24 de março de 2018.

essa imagem de Marielle foi desconstruída e criticada através dos discursos radicais de direita, como veremos a seguir.

## 4.2 Formações discursivas de direita radical

Nas formações discursivas da mídia de direita os posicionamentos midiáticos se direcionaram para os fatos, a criminalização no País e não para Marielle enquanto personagem de lutas. Além do mais, se fez presente nos discursos radicais de direita a crítica ao destaque que foi dado ao assassinato de uma vereadora enquanto diariamente são assassinadas inúmeras pessoas no Rio de Janeiro e principalmente policiais vítimas da violência. Pessoas essas que nunca receberam tamanha cobertura midiática. Essa razão foi uma das causas da divisão de posicionamentos acerca do caso.

Através desta perspectiva houve os posicionamentos radicais de direita que criticaram a abordagem midiática da esquerda sobre o caso Marielle Franco. Houve uma desconstrução do perfil traçado da vereadora por parte da mídia de esquerda, sabe-se que a mídia de esquerda tinha como discurso Marielle enquanto símbolo de luta e esperança das minorias. Em alguns exemplos de discursos de direita radical, havia a discordância à atuação da mídia esquerdista. Como no exemplo a seguir do jornal Zero Hora.

No dia 15 de abril de 2018 o Jornal Zero Hora<sup>45</sup> publicou uma informação com a seguinte frase de abertura: “O ator Carlos Vereza elogia Temer e diz que Marielle é cadáver fabricado”. Ao decorrer do texto foram trazidos enunciados do autor como: “Essa menina ou foi assassinada pela milícia ou por pessoas que aparentemente compactuam com a ideologia dela. Eles não acreditam em Deus, eles acham que as pessoas todas não passam de massas de manobras adaptáveis ou não aos seus objetivos”; “Fora, Temer, é de uma pobreza ideológica, é ausência de um discurso que seja uma alternativa. É criança zangada que tiraram a chupeta. Qualquer coisa é “Fora, Temer”.

---

<sup>45</sup> A matéria do dia 15 de abril de 2018 do jornal Zero Hora está disponível através do link: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2018/04/ator-carlos-vereza-elogia-temer-e-diz-que-marielle-e-cadaver-fabricado-cjg15w018004l01qovbz76k99.html>> Acesso em: 29 de abril de 2018.

O discurso do autor era de reprovação ao posicionamento militante da esquerda, além do mais, Carlos Vereza, defendeu os ideais políticos de direita e também o presidente do País Michel Temer, pois, como considerado pelo ator a esquerda só questiona. Os enunciados discursivos do autor se deram em um momento onde as opiniões de esquerda e direita eram antagonistas quanto ao caso Marielle Franco, ambas, procuravam elevar suas qualidades e por muitas vezes desqualificando o que lhe é divergente.

O interdiscurso do autor também levou em consideração a posição religiosa, afirmando que pessoas como Marielle e esquerdistas radicais não acreditam em Deus. Carlos Vereza ainda foi agressivo com o repórter por acreditar que o mesmo seria de esquerda e que não o estava agradando por ser de direita, como no exemplo da fala citada do ator pelo jornal: “Você é de esquerda, eu estou vendo na sua aura. Cada coisa que eu falo, sua aura fica assim piscando”.

Deste modo, podemos observar que o ator Carlos Vereza tinha como discurso a desaprovação aos ideais de esquerda e, igualmente, aos protestos que estavam sendo realizados em memória de Marielle Franco e Anderson Gomes.

O Jornal da Globo<sup>46</sup> do dia 15 de março de 2018 trouxe uma matéria com o seguinte enunciado principal: “Autoridades repudiam os assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes”. A âncora traz ao início da reportagem dados que chamam a atenção para o fato de que todos os poderes estariam rejeitando o que aconteceu com a vereadora.

Além do mais, o discurso foi bastante frisado na questão da indignação de todos os cidadãos brasileiros. Com a fala de autoridades criou-se uma perspectiva de que atos criminosos no País não irão prevalecer. É importante ponderar que essa matéria foi exibida após um dia do assassinato da vereadora Marielle Franco, momento em que todas as mídias e a opinião pública estavam voltadas para o caso e esperava-se uma resolução imediata do crime.

Representantes do Poder Judiciário e Legislativo evidenciaram o fato de que o crime foi contra a democracia. A partir da análise da conversação percebe-se que os sujeitos políticos procuram instaurar um momento de comprometimento de todos os poderes quanto à questão da segurança pública no País.

---

<sup>46</sup> O link para a matéria do Jornal da Globo está disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6582976/>> Acesso em: 16 de março de 2018.

As autoridades afirmam que precisam fazer algo e que o Estado está trabalhando em favor da segurança e que se busca encontrar uma solução para o crime no País. O presidente Michel Temer trouxe o discurso enfático, bem gesticulado afirmando que o crime foi um atentado ao estado de direito e a democracia e que se trata de um assassinato de uma representante do povo, e que desta forma, trabalharam para destruir o banditismo. Desde modo, através da fala do presidente podemos notar que implicitamente o seu discurso se voltou para que houvesse mais intervenção militar como respostas e combate ao crime.

Os jornalistas traziam enunciados que se interpretam críticos quando a segurança falha no País. “Além de indignação claro, as autoridades procuram transmitir a impressão de que estão no comando e de que o crime não vai prevalecer”, “O impacto da morte de Marielle e Anderson fez com que correntes políticas diferentes, vozes discordantes nos poderes se comprometerem a fazer mais juntas. A pedir um esforço nacional para se chegar aos culpados e dar respostas a essas barbáries que ultrapassou em muito as fronteiras do Rio”. Cobrou-se por mais ações em prol da comunidade e eficiência quanto à proteção policial e da cidade do Rio de Janeiro que vivenciava um momento de crise na época do assassinato de Marielle Franco, estava regido pela intervenção militar.

Sabe-se que Marielle Franco era contra a política de intervenção militar no Rio de Janeiro, no entanto, através dos discursos midiáticos de direita o seu assassinato foi trabalhado como mais uma prova viva de que a intervenção militar se fazia necessária na cidade frente à violência que havia se instalado em todas as zonas urbanas. Conforme exemplo de enunciados da revista *Veja*<sup>47</sup>: “Assassinato de Marielle Franco é desafio para intervenção no Rio”; “Para especialistas, crime afronta forças de segurança que atuam no estado pois passa a imagem de que nada deter criminosos”. Deste modo, percebe-se que a revista tinha como ideal discursivo demonstrar a importância da ação policial na cidade do Rio de Janeiro.

Já os dizeres discursivos de esquerda se posicionaram de maneira contrária e não apoiando a intervenção militar no Rio, conforme o exemplo discursivo do *Jornal El País*<sup>48</sup> do dia 16 de março de 2018, p.1. “Agora, essa cadeia de comando – da Polícia Civil ao

---

<sup>47</sup> O link para a matéria da Revista *Veja* do dia 16 de março de 2018 está disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/assassinato-de-marielle-franco-e-desafio-para-intervencao-no-rio/>> Acesso em: 20 de março de 2018.

<sup>48</sup> O link para o artigo de opinião do *Jornal El País* do dia 16 de março de 2018 está disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/politica/1521157108\\_642756.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/politica/1521157108_642756.html)> Acesso em: 20 de março de 2018.

presidente – tem que responder por um dos mais emblemáticos crimes políticos da história recente brasileira. Não que o tipo de delito não aconteça no Estado do Rio ou em outras partes... mas, a ousadia de executar uma promissora líder em pleno centro do Rio sinaliza que seus autores decidiram cruzar uma linha vermelha para enviar uma mensagem”.

Ainda no dia 31 de março o Jornal Nacional<sup>49</sup> trouxe uma matéria exibindo a trajetória de violência que a cidade do Rio de Janeiro estava vivenciando, diariamente pessoas eram mortas entre, policiais assassinados, bandidos e pessoas inocentes que se tornavam vítimas da criminalidade na cidade. A reportagem trouxe dados que asseguravam que até o mês de março do ano de 2018 já haviam acontecido 94 mortes registradas, destas 30 policiais militares, segundo as informações do jornal.

A matéria trouxe como enunciados dizeres, a exemplo de: “Famílias se despediram hoje de mais duas vítimas da violência do Rio de Janeiro, um morador atingido por um tiro na favela da Rocinha e um policial militar atacado por um patrulhamento na zona norte da cidade”; “Um cotidiano de violência difícil de aceitar”; “A sociedade brasileira não pode mais compactuar com a banalização da violência”.

No momento político em que se deu o assassinato de Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, a segurança da cidade vivenciava um cotidiano de violência, principalmente nas comunidades, onde há combates entre policiais e bandidos, mortes de pessoas inocentes vítimas de balas perdidas e igualmente policiais e bandidos. Na matéria é apontado para o fato de que policiais confundem inocentes com bandidos. Uma mãe traz o discurso “Meu filho não era bandido”. Deste modo, entende-se, que os policiais muitas vezes em confrontos com bandidos acabam atingindo pessoas inocentes e vice-versa.

A revista Veja<sup>50</sup> do dia 18 de março de 2018, destacou em seu discurso inicial a seguinte frase: “Só descobrimos Marielle depois de sua morte”. A matéria trazia um discurso crítico quanto ao trabalho dos jornalistas, com enunciados como: “Se a vereadora Marielle Franco (PSOL) foi tudo isso que dizemos dela, estávamos obrigados a destacar melhor suas atividades”. O autor do texto, Ricardo Noblat, enfatizou também em sua fala que o trabalho

---

<sup>49</sup> O link para a matéria do Jornal Nacional da Rede Globo está disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6626600/programa/>> Acesso em: 03 de abril de 2018.

<sup>50</sup> A matéria da revista Veja está disponível através do link: <<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/so-descobrimos-marielle-depois-de-sua-morte/>> Acesso em: 29 de março de 2018.

dos jornalistas de hoje não são tão qualificados, conforme o exemplo: “jornalismo desatento e preguiçoso”.

De certa maneira, sua fala é veemente quanto ao papel do jornalismo no cenário atual. O jornalista Ricardo Noblat nos remete a ideia de que na cultura que se vive atualmente, com a facilidade de acesso a informação, principalmente por meio da internet e redes sociais está ocasionando um jornalismo fraco e que somente público seletivo disposto a pagar por informação usufrui de informação de qualidade. “Ao mesmo tempo em que se tornou mais livre, o jornalismo entre nós também se tornou mais preguiçoso, refém de notícias que nos chegam prontas, do disse-me disse das fontes oficiais, da consulta ao Google que não passa de um depósito de coisas velhas”. (VEJA, 2018, p.2).

Assim sendo, podemos observar a partir do discurso de Ricardo Noblat uma discordância ao papel do jornalismo atual, pois, conforme foi observado pelo jornalista, Marielle não tinha repercussão na mídia anteriormente, somente pós seu assassinato, desde modo, pode-se entender, igualmente, uma crítica de Noblat a tamanha repercussão midiática dada ao caso. Vale ressaltar que o contexto de fala de Ricardo Noblat se dá através da revista Veja, uma das maiores revistas do País de direita com grande credibilidade.

Em mídias alternativas, como a rede social YouTube, surgiram inúmeros vídeos abordando a respeito do caso Marielle Franco, sua trajetória pessoal, política e seu assassinato, todos os vídeos tinham um posicionamento formado, de acordo com suas convicções pessoais e políticas, a respeito da morte de Marielle Franco e a repercussão midiática que o fato ocasionou.

No dia 16 de março de 2018 o youtuber, Nando Moura, publicou um vídeo com o seguinte título em seu canal no YouTube<sup>51</sup>: “Marielle Franco – santa da rede Globo”. Ao decorrer do vídeo eram trazidos enunciados como: “Se você a rede Globo ontem ou hoje, qualquer programa... você está testemunhando o processo de beatificação da vereadora Marielle Franco”; “Justamente porque ela apoia as mesmas pautas que a rede Globo apoia, ideologia de gênero, aborto, desarmamento da população, contra a redução da maior idade penal e etc”. O discurso era voltado para o fato da grande cobertura que a rede Globo deu ao caso Marielle Franco. Moura se posicionou criticamente a repercussão dada ao caso pela mídia bem como a humanização de Marielle Franco.

---

<sup>51</sup> O link para o vídeo de Nando Moura no YouTube está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cXgRCPoY9Kw>> Acesso em: 20 de março de 2018.

De acordo com o youtuber, Marielle Franco, recebeu tamanha repercussão por defender as pautas dos meios em que a “santificaram”. Além do mais, o seu discurso foi voltado contra a esquerda, Nando Moura criticou a militância esquerdista e os posicionamentos radicais contra a polícia, visto que, inúmeros policiais são mortos mensalmente na cidade do Rio de Janeiro e os mesmos não recebem nenhum destaque apenas críticas. Conforme podemos observar em enunciados de Moura: “27 Policiais militares morreram assassinados no Rio de Janeiro só no ano de 2018. Nós estamos em março, 27, teve comoção? Não. Teve matéria especial? Não”; “Arriscam a vida para ganhar uma miséria, grande maioria da força policial é constituída de homens honrados, que honram a sua farda, mas, mesmo assim chamam os policiais de filhos da puta”.

O discurso de Nando Moura era incisivo quando a repercussão dada ao caso enquanto pessoas inocentes são mortas diariamente, outros vereadores e também prefeitos, inclusive Anderson Gomes, que ficou como coadjuvante no caso através da mídia. Conforme discurso do youtuber: “O Anderson Gomes, que morreu junto com a Marielle Franco, ele era homem branco, trabalhador, foi executado no mesmo carro e se transformou em apenas mais um número dos 80 mil assassinatos do Brasil. Não teve divulgação nenhuma na mídia”. Ficou claro a partir do ponto de vista de Nando Moura que o mesmo se posicionava contra a esquerda e a bandeira política que se tornou o caso Marielle Franco.

Em dizeres discursivos da mídia hegemônica, a exemplo o Jornal Nacional da Rede Globo, configurou-se um perfil humanizado da vida de Marielle, foi exibida sua trajetória pessoal e política. Apresentaram ao público sua família e suas origens. A vereadora se transformou sob esse ponto de vista da ótica midiática jornalística, em símbolo de luta, mulher defensora dos direitos humanos que foi executada pela violência que se instaurou na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, podemos evidenciar que o Jornal Nacional veículo de direita, do mesmo modo, utilizou por momentos o discurso de esquerda. Razão esta que nos faz compreender a partir dos aparatos teóricos da Comunicação e Jornalismo estudados ao decorrer do trabalho que o meio agiu em conformidade com seus interesses com a principal finalidade de abranger o público de forma geral a custa de suas próprias ideologias.

O filósofo Luiz Felipe Pondé publicou em seu canal na plataforma YouTube<sup>52</sup> no dia 20 de março de 2018 um vídeo explicando o seu ponto de vista discursivo sobre o assunto.

---

<sup>52</sup> O link para o vídeo de Luiz Felipe Pondé está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9pzhob574jk>> Acesso em: 29 de março de 2018.

Através do ambiente em que o filósofo se encontrava, com livros, charuto, remete a um tom intelectual anos 90, como se o seus enunciados fossem retratar observações com conhecimento e discernimento.

O discurso era voltado para “conselhos” em relação à política de esquerda, para que não levassem seus posicionamentos a ações tão radicais a ponto de tornar o caso um palanque ideológico de esquerda e direita, conforme exemplos: “Eu queria fazer um pedido para os grupos de esquerda do espectro político brasileiro, principalmente neste ano, que é ano de eleição... Mas assim o que aconteceu com aquela vereadora, aquela tragédia no Rio de Janeiro com a Marielle, uma moça com atividade política tão importante, representando grupos importantes, foi uma tragédia. Mas eu queria pedir a esquerda para que tivesse cuidado para não levar essa tragédia para o palanque”; “Então o que eu queria pedir, na verdade, em nome de certa mínima elegância diante dos fatos e da competição política em 2018 é que a gente mantenha um certo limite nisso e que essa tragédia que aconteceu com essa moça não vá parar no horário eleitoral”.

A partir da fala de Luiz Felipe Pondé podemos observar que o filósofo se posicionou de maneira requintada para fazer certa crítica à esquerda em relação às proporções que o caso poderia acarretar devido as grandes manifestações, desta maneira, políticos tanto os de esquerda quando os de direita poderiam se aproveitar da situação para adquirem espaço na mídia e com o público.

Luiz Felipe Pondé teve como principais estratégias discursivas demonstrar o histórico de ações da esquerda, conforme podemos observar neste trecho do seu discurso: “Eu entendo que nos últimos tempos a esquerda brasileira, especificamente não tem nenhum elemento que não seja derrota, vergonha, suspeita de corrupção, ou seja, eu entendo que não há como nenhum fato configurado que possa trazer para a esquerda algum tipo de dignidade. A esquerda gosta de sempre se fazer de vítima, faz parte do seu histórico, mas, eu repito, eu pediria, não só em nome de uma mínima elegância, mas em nome do que isso pode trazer, inclusive para a própria esquerda”.

Para o filósofo levar o caso Marielle Franco aos seus limites trará problemas para a esquerda, igualmente, pois, será uma forma de manipular uma tragédia em prol de interesses outros. Deste modo, percebe-se que Luiz Felipe Pondé manifestou uma opinião contrária aos valores e ideais da esquerda, principalmente, no caso Marielle Franco.

O blogueiro, jornalista e comentarista da RedeTV News, Reinaldo Azevedo se posicionou contra os discursos radicais da esquerda no caso Marielle Franco. Em um artigo de opinião publicado no dia 20 de março de 2018 em seu Blog<sup>53</sup> o jornalista traz enunciados como: “Uma das coisas mais estúpidas que se podem afirmar sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) é que o evento trágico demonstra a falência da democracia, como deram para fazer alguns militantes de esquerda. Não! Esse é um juízo perturbado, típico de mentes autoritárias. A morte de Marielle significa que é preciso radicalizar a democracia, aprimorá-la. E isso significa que o regime tem de chegar a uma política de segurança pública que impeça o descalabro a que foram levados o Rio e outros Estados”; “Os esquerdistas que adoram cadáveres insistem na falácia de que ser pobre é sinônimo de ser bandido”.

A partir do discurso de Reinaldo Azevedo podemos observar que o jornalista se mostra crítico aos ideais esquerdistas, do mesmo, se posiciona a favor da política de intervenção militar na cidade do Rio de Janeiro, já que para o mesmo, inclusive, “a esmagadora maioria dos moradores dos morros e dos pobres do asfalto é favorável à ação”.

Reinaldo Azevedo traz em seu discurso a questão da violência no Rio de Janeiro e a importância que as ações policiais possuem neste contexto, fato este, que a esquerda se posiciona totalmente contra, do mesmo modo, o jornalista enfatiza que o problema da criminalidade não está nas condições financeiras do cidadão e na desigualdade. A partir do enunciado apontado por Reinaldo “só uma minoria dos pobres decide delinquir. Aliás, suspeito que haja, proporcionalmente, mais endinheirados tendentes a desrespeitar as leis do que os pobres”.

Conforme podemos evidenciar a partir do jornalista seu discurso é fortemente engajado em defender as suas convicções políticas de que as causas que a esquerda acredita não são resolução para o problema de criminalidade no País e do mesmo modo, considerar que o caso Marielle Franco se deve a outras razões ideológicas que não sejam criminosas é ignorar o contexto que a cidade do Rio de Janeiro vivencia para elevar os valores esquerdistas.

---

<sup>53</sup> O link para o artigo de opinião do Blog Reinaldo Azevedo do dia 20 de março de 2018 está disponível em: <<http://www3.redetv.uol.com.br/blog/reinaldo/esquerdistas-que-adoram-e-adulam-cadaveres-insistem-na-falacia-reacionaria-e-criminosa-de-que-ser-pobre-e-sinonimo-de-ser-bandido/>> Acesso em: 24 de março de 2018.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente Trabalho de Conclusão de Curso estudamos os discursos midiáticos que se formaram em torno do assassinato da vereadora do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), Marielle Franco, juntamente de seu motorista Anderson Gomes. Podemos evidenciar por intermédio de nossa pesquisa que o caso Marielle Franco através de sua repercussão dividiu a mídia em polaridades discursivas divergentes, ou seja, por ideais políticos de direita e esquerda tanto nos veículos de comunicação hegemônicos quanto nos alternativos, e da mesma maneira, nas redes sociais.

As fronteiras teóricas deste trabalho se estenderam da perspectiva do agendamento em comunicação para o campo das teorias do jornalismo de Nelson Traquina e Gaye Tuchman (2005) partindo para a concepção linguística de Eni Orlandi (2011) que traz o conceito de tipologia do discurso, as referências em Análise do Discurso de Dominique Maingueneau (2011) que trabalha com os tipos e gêneros de discurso e as suas polifonias discursivas e da Análise Retórica do Discurso de Chaïm Perelman (1993) com conceitos de argumentação e persuasão. Além de autores como Michel Foucault (2013) com estudos acerca do poder, Patrick Charaudeau (2006) que explica como se dá a construção discursiva das notícias e outros autores como Michel Pêcheux (2009), Ivo Dittrich (2016) em aspectos de discurso e outros autores que trabalham com questões relacionadas à comunicação e discurso.

Assim sendo, entende-se que o caso Marielle Franco pautou a agenda midiática e, deste modo, obteve grande repercussão na mídia brasileira. O fato gerou sensibilizações devido às características do acontecido e por Marielle ser uma militante em favor das minorias, bem como, sua origem étnico-racial e posição política. O assassinato da vereadora Marielle se deu em um momento político conturbado da cidade do Rio de Janeiro, pois, a mesma estava em processo de intervenção militar devido à violência recorrente no município, conflitos entre policiais e bandidos que levaram a morte de um grande número de envolvidos, e, igualmente, pessoas inocentes. Como foi evidenciado no trabalho, somente até o mês de março do ano de 2018 foram registradas 94 mortes neste cenário de criminalidade e deste número foram mortos 30 policiais militares que não tiveram a mesma repercussão que o assassinato de Marielle Franco.

A partir desta noção, podemos salientar através da perspectiva teórica em Agenda-Setting que a mídia selecionou o caso para entrar na agenda comunicacional, pois, atende os seus interesses quanto ao que se considera necessário ser discutido na opinião pública. Do mesmo modo, no contexto em que se deram os assassinatos destes policiais não interessava a agenda política da imprensa no momento, pois, casos como estes já estão se tornando comuns na cidade do Rio de Janeiro, e ainda, Marielle Franco era uma política que defendia pautas as quais os meios de comunicação em sua maioria apoiam como a questão dos direitos humanos que no período atual está sendo muito debatida por diferentes esferas ideológicas.

É importante ressaltar que a mídia repercutiu o fato com tons de ineditismo visando, igualmente, causar sensibilidade ao público consumidor de informações e, deste modo, ocorreram então à multiplicidade de sentidos por meio do acontecido nas audiências através de diferentes perspectivas ideológicas.

Com a midiatização dada ao assassinato de Marielle Franco e a repercussão do mesmo, os meios de comunicação e as mídias sociais também colocaram cheque o processo de intervenção militar na cidade, pois, criou-se um debate em dizeres discursivos contrários a ação de acordo com as convicções de cada veículo.

A vereadora Marielle Franco era uma das políticas que fiscalizava a intervenção militar na cidade do Rio de Janeiro, no entanto, a mesma se posicionava contra o processo e levantava debates em suas redes sociais, pois, segundo Marielle a ação feria os direitos humanos como foi visto no desenrolar do trabalho. Deste modo, a mídia de esquerda se posicionou contra a intervenção militar citando o exemplo da vereadora. Já a direita se mostrou a favor processo e levantou debates a respeito da segurança do Estado e a necessidade de se prezar por mais eficácia na segurança policial do Rio de Janeiro.

Em conformidade com a Teoria do Agendamento entende-se que a mídia selecionou o fato para entrar na agenda pública de assuntos a serem pensados pela opinião pública e, ainda, como se pensar a respeito do assassinato de Marielle Franco ao lado de seu motorista Anderson Gomes. Conforme McCOMBS e SHAW (2000, p.131), “As notícias dizem-nos também como devemos pensar sobre o que pensamos. Tanto a seleção de objetos para atrair a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar sobre esses objetos são tarefas poderosas do agendamento”. Neste sentido, compreende-se que a Teoria do Agendamento pauta as temáticas a serem discutidas pela opinião pública sobre o que considera mais relevante.

A consequente agenda de mortes na cidade do Rio de Janeiro, seja de policiais e mães periféricas para a mídia não eram considerados no momento assuntos para pautar sua agenda midiática, visto que, esta questão ocorre seguidamente na cidade e, do mesmo modo, Marielle Franco estaria no centro de discussões políticas pelas causas em que defendia, por sua trajetória e visibilidade, o que provocaria debates na opinião pública já que se vive em um período contextual do politicamente correto, ou seja, termo este que hoje é carregado por ideologias políticas e formatos discursivos de palavras previamente pensadas para referir-se aos grupos considerados minoritários como os negros e homossexuais, por exemplo. De acordo com WOLF (2001, p.155) “tematizar um problema significa, na realidade, colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe a importância adequada, salientar sua centralidade e sua significatividade em relação ao fluxo normal da informação não tematizada”.

Ao decorrer do processo de investigação criminal sobre Marielle Franco a mídia esteve presente de maneiras diferentes, nos primeiros 20 dias após o acontecido o fato foi veiculado diariamente na imprensa brasileira e a cada novidade do processo criminal. Porém, logo depois de passados alguns meses a mídia atravessa longos espaços de silenciamento sobre o caso e isso se deve, principalmente, pela razão de que no presente contexto atual o assassinato de Marielle Franco já não é mais o foco principal de atenção da agenda midiática, visto que, outras pautas estão à frente no que diz respeito às temáticas que a mídia quer levantar, outros assuntos a serem colocados na opinião pública, como por exemplo, a corrida presidencial, da mesma forma, quando se fala em violência ou direitos humanos o caso volta a ser pauta na mídia.

Portanto, entende-se que o caso Marielle Franco obteve destaque na mídia a partir dos critérios de definição do que defende a Teoria do Agendamento, onde a mídia indica os assuntos a serem discutidos como principais para o público. Neste sentido, essas temáticas precisam atender os interesses organizacionais da mídia, como, políticos, e, principalmente, a agenda midiática coloca em pauta os interesses da própria opinião pública. O caso Marielle Franco se tornou assunto público, pois, levantou debates políticos e sociais na mídia já que a própria era militante e ainda personagem política.

Identificamos através de nossa hipótese de pesquisa que o caso Marielle Franco dividiu opiniões na mídia por critérios políticos, esquerda e direita, de acordo com convicções particulares de cada meio de comunicação, bem como, dos usuários de redes sociais que também repercutiram e discutiram o fato através de seus vieses ideológicos políticos. Neste

sentido, podemos relacionar essa divisão tipológica com a noção teórica da Ação Política, onde, para os autores Herman e Chomsky toda elevada cobertura de um dado acontecimento pela mídia é observada como campanha onde o interesse é o fator principal de uma determinada informação adquirir notoriedade. “Frequentemente um tema ou acontecimento é capaz de servir às relações públicas ou exigências ideológicas de um grupo de poder. Estes temas ou acontecimentos são vistos como ‘grandes’ histórias e podem ajudar a mobilizar a opinião pública numa direção específica”. (HERMAN e CHOMSKY, apud TRAQUINA, 2005, p.166).

Conforme foi visto no trabalho para a política midiática de esquerda alguns crimes se tornam mais relevantes do que outros, como o caso Marielle Franco, pois, os posicionamentos defendidos pela vereadora se enquadram dentro dos perfis editoriais dos veículos de comunicação. A esquerda reverenciou Marielle Franco porque a mesma era considerada uma revolucionária dos direitos humanos enquanto outras mulheres negras mortas não tinham essa “característica”. No entanto, por parte da direita o caso Marielle Franco ficou evidenciado na mídia tanto mais pela questão da violência no Rio de Janeiro e a necessidade de se intensificar ações policiais em prol da segurança do Estado. Portanto, neste sentido, houve divergências e disputa por narrativas entre ambos os lados políticos, pois, por um viés ideológico de esquerda a ação da polícia feria os direitos humanos e a vida e, por outro, de direita a morte de Marielle Franco foi mais uma vez a prova necessária de que a intervenção militar na cidade se fazia necessária.

Além do mais, a mídia de esquerda, fundamentalmente, traçou um perfil humanizado de Marielle Franco, no entanto, a partir de nossa pesquisa também evidenciamos que veículos da mídia de direita, a exemplo do Jornal Nacional também aderiram a esta lógica de produção em virtude da luta por audiências.

Contudo, percebe-se que a mídia pauta notícias conforme os seus interesses de produção e, desta maneira, podemos realizar uma crítica a grande midiática que foi dada ao caso Marielle Franco enquanto outros exemplos não receberam tamanha atenção midiática, nem mesmo o motorista da vereadora, Anderson Gomes, o que nos faz concluir que o jornalismo através da perspectiva teórica em Análise do Discurso que utilizamos no referido caso age de acordo com suas lógicas de produção, política e agendamento a partir dos critérios de comunicação e jornalismo. É importante ressaltar que não existe mídia política totalmente de esquerda e nem integralmente de direita e, sim, há interesses por debaixo das informações conforme o momento político do País, Estado, ou cidade.

Por tudo o que foi exposto, considera-se que o presente trabalho contribui como reflexão sobre a importância que a mídia detém sobre a formação de opinião pública, e, igualmente a relevância que os dizeres discursivos, neste sentido, contribuem para que uma dada informação adquira significado em um determinado contexto. É necessário ressaltar que esta pesquisa trata-se de uma monografia. Posteriormente, poderá servir de aparato teórico para futuros estudos que poderão aprofundar conhecimentos científicos em Comunicação, Jornalismo e Análise do Discurso da mídia sobre o tema e, deste modo, indicar novos dados sobre o caso Marielle Franco, pois, até a presente data de entrega do trabalho o inquérito policial não foi concluído.

## REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. 2017. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. Journal of Economic Perspectives, 31(2): 211-36. Disponível em: <<https://goo.gl/TLYvEP>> Acesso em: 29 de julho 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> > Acesso em: 28 de agosto de 2018.

DITTRICH, Ivo José. **Análise retórica do discurso: reflexões teórico-metodológicas**. Edição 21, novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes-ano-9-numero-4.pdf> > Acesso em: 10 de abril de 2018 > Acesso em: 30 de abril de 2018.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, São Paulo, Pontes. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3<sup>o</sup> edição, 1997.

MARTÍN SERRANO, Manuel. **La mediación social**. Edición conmemorativa del 30 aniversario. Madrid: Akal, 2008.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **A evolução da pesquisa sobre o agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias**. In: TRAQUINA, Nelson. O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000b.

MORIN, Edgar. **A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação)**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 20. Abril 2003.

Nogueira, C. A análise do discurso. Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts), **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga: CEEP, 2001.

OLIVEIRA, Eduardo Chagas. **As Atribuições da (Nuper-) Retórica: Argumentação e Persuasão em Contexto (s) Multimidiático (s)**, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento. As formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

PAIVA, Raquela. **Contra-mídia-hegemônica**. In: COUTINHO, E. Granja. **Comunicação e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Traduzido por Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 2009.

PERELMAN, C. **O império retórico: retórica e argumentação**. Trad. Fernando Trindade e Rui A. Grácio. Porto: Edições Asa, 1993.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação – A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

PIRES, Julherme José. TORRE, Alberto Maldonado. **Identidade e poder no processo comunicativo: a multidimensionalidade dos sujeitos comunicantes**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora. v. 12, n. 1, p.185-200, jan./abr. 2018.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em:  
<[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_saussure\\_e\\_a\\_definicao\\_de\\_lingua.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf)>  
[Acesso em: 26 de abril de 2018](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf)> Acesso em 03 de abril de 2018.

SHAW, Eugene F. **Agenda-Setting and Mass Communication Theory**. International Communication Gazette. Vol. 25, 1979.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. Atividades de Comunicação Social: Jornalismo. In: **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

TEIXEIRA, IVAN. **Formalismo Russo**. Cult, agosto de 1998. Disponível em: [http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Ivan\\_Cult\\_Formalismo-Russo-ilovepdf-compressed.pdf](http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Ivan_Cult_Formalismo-Russo-ilovepdf-compressed.pdf)> Acesso em: 27 de março de 2018.> Acesso em 25 de abril de 2018.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre, Editora Globo, 1971.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Porque as notícias são como são**. Editora Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.